

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

FRANCIELE MARIA DA SILVA

O DIABINHO EM OURO PRETO NO SÉCULO XIX:
imprensa e cidade no final dos oitocentos

Monografia

Mariana
2019

S586d

Silva, Franciele Maria da.

O Diabinho em Ouro Preto no século XIX [manuscrito]: imprensa e cidade no final dos oitocentos / Franciele Maria da Silva. - 2019.

viii,135f.f.: il.: tabs; Quadros.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. O Diabinho (Jornal). 2. Ouro Preto (MG) - História - Século XIX. 3. Imprensa - Ouro preto (MG) - Século XIX. 4. Século XIX. I. Orlando, Ricardo Augusto Silveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 070.11

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

FRANCIELE MARIA DA SILVA

O DIABINHO EM OURO PRETO NO SÉCULO XIX:
imprensa e cidade no final dos oitocentos

Membros da banca

Paulo Henrique Mendes Aguiar - Doutorado - UFOP
Felipe Viero Kolinski Machado - Doutorado - UFOP
Ricardo Augusto Silveira Orlando - Doutorado - UFOP

Versão final

Aprovada em 13 de dezembro de 2019.

De acordo

Professor Orientador Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/01/2020, às 20:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0030618** e o código CRC **05CC81A4**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204284/2019-17

SEI nº 0030618

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a graça de chegar até aqui.

A minha mãe Maria Efigênia, meu avô Silvio e minhas irmãs Daise, Francine e Ingrid.

Ao orientador dessa pesquisa, professor Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando, pelas oportunidades, conselhos e direcionamento aos caminhos da escrita acadêmica.

— A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa –. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me.

Antoine de Saint-Exupéry -O pequeno príncipe

RESUMO

O periódico *O Diabinho* é um dos inúmeros jornais da imprensa ouro-pretana oitocentista, autointitulado um órgão “democrata e crítico”. Apresenta, por meio de uma linguagem satírica, um retrato de Ouro Preto no século XIX. Esse trabalho busca investigar o que é *O Diabinho* e o que ele diz sobre a cidade nos oitocentos. A pesquisa propõe documentar o jornal, descrevendo o seu projeto editorial, as condições de sua produção, de sua circulação e sua significação sócio-histórica no contexto da cidade na época. Para tal proposta, foram feitas análises documental e editorial, assim como uma abordagem temática de como o jornal retrata Ouro Preto. Como resultado, foi possível verificar o que é e de que forma se constitui *O Diabinho* e como seu conteúdo traz relatos importantes das relações sociais, políticas, econômicas e culturais ouro-pretanas.

Palavras-chaves: O Diabinho; Imprensa; Ouro Preto; Século XIX; Sociedade

RESUMEN

***El Diablito* en Ouro Preto en el siglo XIX:** prensa y ciudad en el final de los ochocientos

El Diablito es uno de los numerosos periódicos de la prensa ouro-pretana del siglo XIX, autodenominado órgano “democrático y crítico”. Presenta, por medio de un lenguaje satírico, un retrato de Ouro Preto en el siglo XIX. Este artículo busca investigar qué es *El Diablito* y qué dice sobre la ciudad en los ochocientos. La investigación propone documentar el periódico, describiendo su proyecto editorial, las condiciones de su producción, su circulación y su importancia socio-histórica en el contexto de la ciudad en ese momento. Para tal propuesta, se realizaron análisis documentales y editoriales, así como un enfoque temático de cómo el periódico retrata a Ouro Preto. Como resultado, fue posible verificar qué es *El Diablito* y cómo está constituido y cómo su contenido aporta importantes relatos de las relaciones sociales, políticas, económicas y culturales de Ouro Preto.

Palabras clave: El Diablito; Prensa; Ouro Preto; Siglo XIX; Sociedad

Lista de figuras

Figura 1: Reprodução da primeira página de <i>O Diabinho</i> , 22 de dezembro de 1884.	33
Figura 2: Frontispício antigo de <i>O Diabinho</i> , 2 de novembro de 1884	39
Figura 3: Anúncio Farmácia Brandão, 26 de junho de 1887	40
Figura 4: Página de configuração temática de <i>O Diabinho</i> , 26 de junho de 1887.....	50
Figura 5: Ícone da Seção <i>Telegrama</i> , 22 de dezembro de 1884.....	51
Figura 6: Ícone da Seção <i>Outro</i> , 22 de dezembro de 1884.....	51
Figura 7: Aristarcho, 17 de abril de 1885	52
Figura 8: Rosa, 19 de maio de 1888	52
Figura 9: Primeiras ilustrações com referências críticas	53
Figura 10: Frontispício de <i>O Diabinho</i> , 27 de março de 1886.....	53

Lista de quadros

Quadro 1: Seções mais publicadas nas edições de <i>O Diabinho</i>	43
Quadro 2: Autores mais recorrentes em <i>O Diabinho</i>	48

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1. OURO PRETO DO SÉCULO XIX	4
1.1. A transferência da capital	7
1.2. O projeto de melhoramentos	12
2. A IMPRENSA NAS GERAIS	18
2.1. A imprensa oitocentista ouro-pretana.....	28
3. O DIABINHO EM OURO PRETO	34
3.1. Procedimentos metodológicos.....	34
3.1.1 Análise de Conteúdo.....	35
3.1.2 Pré-análise	35
3.1.3 Exploração do material.....	37
3.1.4 Inferência e a interpretação	37
3.2. O Diabinho : o que é e como é	38
3.2.1 Imagens.....	50
3.3. O Diabinho narrando Ouro Preto: imagens da política, da sociedade, da economia e da cultura.....	55
3.3.1 Infraestrutura	61
3.3.2 Religião, sociedade e cultura.....	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	81
6. APÊNDICE.....	85

INTRODUÇÃO

Os jornais antigos são importantes fontes documentais de informações sobre uma determinada época. Ouro Preto, berço da imprensa mineira, possui importantes e numerosas publicações periódicas guardadas em acervo na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (MG) e digitalizadas no site do Arquivo Público Mineiro. Desse conjunto de publicações, se pretende analisar o jornal *O Diabinho*, periódico satírico de crítica política e social que circulou na cidade no final do século XIX. A motivação para tal estudo é que, sendo ouro-pretana, sempre tive a curiosidade de compreender a história da cidade por outras fontes além dos museus, igrejas e monumentos históricos e também por meio de uma narrativa diferente da apresentada nos livros de história. Sabendo da existência dos periódicos antigos de Ouro Preto, enxerguei um caminho para tal conhecimento. A escolha especificamente de *O Diabinho* foi em um primeiro momento por causa do nome e depois ao começar a lê-lo, devido ao conteúdo que usa de linguagem satírica.

Portanto, creio que o estudo de *O Diabinho* é importante para mostrar uma outra forma de conhecimento e também para compreender e revelar o periódico como um produto editorial existente na cidade durante o século XIX. Seu estudo permite que ele seja conhecido por outras pessoas e também, como as relações sociais, culturais e políticas da sociedade ouro-pretana oitocentista eram narradas em sua imprensa. Como periódico dessa época, se configura como um importante objeto documental para exploração, recuperação e produção de um saber.

A pesquisa tem a finalidade de documentar o periódico e fazer uma análise do seu projeto editorial, das condições de sua produção, de sua circulação e significação sócio-histórica no contexto da cidade na época. O universo da análise abarca suas 49 edições, disponíveis na Biblioteca Luiz de Bessa e no site do Arquivo Público Mineiro. O problema de pesquisa se constitui em investigar o periódico buscando responder: o que era, quem era, o que dizia, como dizia, por que dizia, a quem dizia.

Como objetivos específicos delineiam-se: analisar a narrativa do periódico investigando ao longo das edições referências sobre as relações sociais, culturais e políticas que se estabeleceram em Ouro Preto no século XIX. Em consonância, o segundo objetivo, tratou de, por intermédio do jornal, projetar esse contexto sócio-histórico em que se encontrava a cidade. Além disso, a construção da pesquisa atravessa temas conexos como a

contextualização de Ouro Preto no século XIX, assim como a história da imprensa na Gerais e dos periódicos mineiros e, a imprensa oitocentista ouro-pretana.

A princípio não foram encontrados textos dedicados exclusivamente ao estudo de *O Diabinho*, assim, o jornal se constituiu como principal fonte de pesquisa. Devido a essa particularidade, tem, em primeiro plano, como fundamentação metodológica, a análise documental do objeto, tendo em vista a produção de um registro de sua condição editorial. Deste modo, busca-se sistematizar *o quê, quando, como, porquê*, indo, portanto, ao encontro ao problema de pesquisa: O que é *O Diabinho* e o que diz sobre a cidade de Ouro Preto no século XIX? Após os dados mais gerais obtidos da análise documental e editorial, foi feita uma análise dos textos mais recorrentes no periódico por meio de uma abordagem temática. A análise textual se constitui em um modo de buscar princípios organizadores do discurso e avaliar temas, estratégias de debate e argumentação, como também reunir recorrências que permitam caracterizar os modos de produção textual e o tipo de informação, objetos etc. com os quais essa produção jornalística se dava no periódico.

Para a estrutura da pesquisa, tendo em vista a relação entre os assuntos, tem se proposto a seguinte organização dos capítulos: o primeiro, “Ouro Preto do século XIX”, traz um dos temas contextuais abordados na pesquisa, relatando as condições da cidade para a entrada nos oitocentos, divide-se em duas subseções: *A transferência da capital* e *O projeto de melhoramentos*. A primeira discorre sobre como, após o declínio da extração aurífera, a cidade estava sob o risco de perder o título de capital de Minas. A segunda informa sobre as obras de melhoramento urbano, ação articulada com o objetivo de evitar a transferência da Capital.

O segundo capítulo, “A imprensa nas Gerais”, contextualiza a história da imprensa em Minas, visto que, sendo uma das principais capitânicas durante o século XVIII e XIX, o processo de implementação da sua imprensa foi tardio em relação a outras capitais brasileiras. O subcapítulo “*A imprensa oitocentista ouro-pretana*” caracteriza o cenário da comunicação da cidade no século XIX, tendo como ponto de partida as suas principais fases.

O terceiro capítulo, “*O Diabinho* em Ouro Preto”, tema central da pesquisa, é dividido em duas partes principais: “*O Diabinho*: o que é e como é” e “*O Diabinho* narrando Ouro Preto: imagens da política, da sociedade, da economia e da cultura”. A primeira expõe um levantamento documental/editorial do periódico, já que se trata da primeira pesquisa, que se tem conhecimento, sobre esse objeto. Investigando aspectos básicos: o que era, quem era, o que dizia, como dizia, porque dizia e a quem dizia, nesta parte são apresentados seus aspectos

físicos, seu conteúdo e sua linguagem. O segundo traz a partir do conteúdo levantado, a análise dos seus textos de forma a conhecer, a partir do relato do jornal, como Ouro Preto era retratada nos oitocentos. Uma discussão preliminar, no início deste capítulo, apresenta os procedimentos metodológicos aplicados no tratamento do material de pesquisa, isto é, o trabalho de análise documental e o percurso do estudo temático com as questões da cidade tratadas no jornal.

No apêndice desta monografia, a documentação, em forma de tabelas, da configuração de textos e autores das 49 edições localizadas para a pesquisa.

1. OURO PRETO DO SÉCULO XIX

Foi por volta de 1694 que uma expedição de bandeirantes paulistas acampou no Sêro Tripuí onde duas montanhas, uma de cume maior e outra de cume menor, marcavam a paisagem e mais tarde marcariam também o local em que Duarte Lopes, um dos integrantes da expedição, encontraria ouro (GIACOMETTI, 1961). Aquelas duas rochas, nomeadas por Pico do Itacolomi, transformaram-se, desde então, em ponto de referência e diversas expedições embarcaram em busca desse Pico. Contudo, foi a liderada por Antônio Dias de Oliveira que teve a sorte de encontrá-lo, em 24 de junho de 1698, após o nevoeiro que o encobria se desfazer (GIACOMETTI, 1961, p. 4).

Iniciada a extração do ouro, logo a precariedade do lugar apareceria. Entre 1700 e 1701, a fome assolou os mineradores. “Muitos deles, então, deixaram as minas do Tripuí e partiram em busca de novas descobertas. Antônio Dias de Oliveira e o padre João de Faria também abandonaram suas datas e não mais regressaram” (GIACOMETTI, 1961, p. 4). Porém, o ouro da cor escura não ficaria por muito tempo sem ser explorado; em 1704, o mascate português Pascoal da Silva Guimarães iniciou em uma nova área, no caminho das Lajes, do recém-descoberto território que até então era conhecido por Arraial das Minas, a exploração aurífera pelo método de lavagem de barranco. Foi então que “o ouro, da melhor qualidade, surgiu ali em abundância, como terra. Novas levadas de aventureiros ávidos invadiram o local, povoando-o rapidamente” (GIACOMETTI, 1961, p. 4).

Desde então, o Arraial das Minas vivia momentos prósperos e ganhava notoriedade. Treze anos após a chegada ao Sêro do Tripuí da bandeira de Antônio Dias de Oliveira, viu-se a importância da sua elevação a Vila. Ato que aconteceu no dia 8 de julho de 1711 quando o Governador da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, nomeou-a como Vila Rica de Albuquerque, nome que tempos depois foi modificado para Vila Rica. A alteração aconteceu por causa de uma ordem do Governo D. João V que não aceitou o nome anteriormente dado, devido à falta de uma solicitação prévia para uma licença régia (GIACOMETTI, 1961, p. 4-5).

Crescendo a cada dia, Vila Rica tinha na exploração do ouro o epicentro da vida política-econômica-social das Minas Gerais. Esse sistema, em que o ouro era o motor do povoado, ocasionou inúmeros conflitos: a cobrança dos quintos, que era considerada abusiva, e a implantação da derrama foram o estopim para uma das principais revoltas, a Inconfidência

Mineira, que teve no líder Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, sua história imortalizada (GIACOMETTI, 1961, p. 5).

Na entrada do século XIX, sofrendo altas e baixas em sua economia, o ouro começou a entrar em declínio e outras atividades começaram a aparecer em Vila Rica, mantendo em equilíbrio sua economia. Declarada a Independência do Brasil, em 24 de fevereiro de 1823, Vila Rica, por decreto, foi elevada a capital da Província de Minas Gerais. Em 20 de março do mesmo ano, para confirmar o decreto de 24 de fevereiro, o antigo arraial de Vila Rica teve seu nome mudado para Ouro Preto (hoje sem o acento circunflexo) e ainda foi titulada como Imperial Cidade. Ouro Preto ficou como capital de Minas até 12 de dezembro de 1897, quando a sede do governo foi transferida para Belo Horizonte (GIACOMETTI, 1961, p. 5).

A exploração aurífera em Vila Rica fez emergir na época um sistema urbano baseado no improvisado. Toda elevação do entorno do núcleo exploratório do ouro e do sistema comercial se constituíram atendendo as necessidades econômicas e não sobre bases planejadas de urbanização. O povoado foi assim se formando de maneira espontânea, direcionada pela topografia natural e interesses momentâneos. Construída para a exploração do ouro e mantida pela exploração da força de trabalho escravo, tornou-se berço administrativo e funcional. Sede da capitania, a Vila Rica setecentista ganhava o *status* social de poder.

A ocupação da região mineradora se deu sob o prisma da exploração e do controle, mas, ao mesmo tempo, estabeleceu-se na espontaneidade dos interesses imediatos e das necessidades econômicas. Seu principal traço foi uma urbanização extremamente voluntariosa. Suas cidades surgiram do sonho aventureiro de enriquecimento rápido, mas também possuíam importância funcional e administrativa, transformando-se em local privilegiado para o controle metropolitano (FONSECA, 2016, p. 18).

Fundada por causa da mineração, Vila Rica foi edificada na medida das exigências econômicas provenientes da extração do ouro. Quando essa exploração aurífera tinha chegado ao fim, acreditou-se em uma estagnação econômica que marcaria os oitocentos. Foram muitos os que difundiram a ideia da cidade decadente, levando em conta a soma: “esgotamento das minas, retração econômica, interiorização da população” (FONSECA, 2016, p. 19). Para Linhares (1979), o esgotamento do ouro provocou uma crise, contudo essa não se constituiu em um acontecimento isolado de determinada região e sim de características universais que esteve presente em todas as sociedades coloniais de economia mineradora da América, por isso:

[...] é preciso, antes, descrever essa crise em seus vários níveis e extensão espacial – com diferentes características locais, maior ou menor grau em função de sua interpelação com outros fatores, sua progressão e resposta – explicá-la, interpretá-la, com o cuidado de evitar juízos apressados e extrapolações por inequação de evidência, ou insuficiência de dados (LINHARES, 1979, p. 165).

Diante dessa colocação podemos perceber que, ao se alegar uma Vila Rica decadente, não se considerou que a fonte da economia da província não se restringia somente à atividade extrativista do ouro. Havia também uma produção agrícola que era necessária para abastecer a Corte Real e a população:

Como poderia uma economia estagnada, entregue ao miasma da produção para o autoconsumo, sustentar a maior população provincial do Brasil e manter o maior plantel de escravos de toda as unidades do Império ao longo do século passado? (LIBBY, 1988, p. 14).

Durante o século XIX, a Província de Minas era servida de setores industriais como o têxtil, o siderúrgico e a exploração subterrânea de ouro. “De fato, a paisagem mineira era repleta de lares voltados para a produção de fios e panos, de oficinas artesanais de todo o tipo, de pequenas e médias manufaturas e até de verdadeiras fábricas de ouro e de tecidos” (LIBBY, 1988, p. 14). Marcada por uma dualidade, as atividades nas Minas Gerais eram caracterizadas pela divisão do trabalho e ao mesmo tempo prevalecia o uso da mão de obra escrava – o que explica a grande permanência da escravidão após o decreto abolicionista. A concepção trabalhista na capital das Gerais, portanto, girava em torno da mão de obra predominantemente escrava (LIBBY, 1988).

A partir da situação da escassez do ouro e devido a interesses particulares foi disseminada a imagem da decadência ouro-pretana. O declínio da produção aurífera na cidade fez com que o crescimento da agricultura cafeeira da Zona da Mata e Sul mineiros tivesse maior visibilidade: “[...] o Sul de Minas e a Zona da Mata, combinando-se com o Estado do Rio e, a seguir São Paulo e Espírito Santo, iriam integrar extenso bolsão agrícola, fundamentado na lavoura cafeeira” (RESENDE, 1982, p. 24).

A partir dessas mudanças, foi então considerado que a capital das Minas Gerais não era mais terra fértil para os novos tempos, já que sua economia “dourada” não existia mais, assim como não existiam espaços para outras formas de capital, visto que sua topografia montanhosa e acidentada não era propícia ao cultivo e sua localização interiorana a fazia distante dos ascendentes polos econômicos mineiros.

Aliavam-se as ponderações sobre a topografia difícil, a incapacidade do município em arcar com as despesas da capital, a improdutividade dos solos das áreas circunvizinhas, o desvio dos recursos do Estado para custeamento das obras da capital, as dificuldades e os elevados ônus em transformá-la em centro do sistema viário estadual, a outras de alta importância política, verdadeiras ameaças à segurança do Estado. A destruição da velha ordem é a tônica dominante nos discursos de expressivos representantes das novas e importantes regiões econômicas do Estado – a Mata e o Sul. (RESENDE, 1974, p. 138).

Com esses argumentos, os novos centros econômicos formados pelo Sul e Zona da Mata mineiros, aliando os interesses político-econômicos às ideias de progresso, reivindicavam o poder que Ouro Preto perderia. Requerendo maior influência, era necessário para o Sul e Zona da Mata a construção de uma nova capital que deveria ser imagem dos novos tempos, o que Ouro Preto, segundo os argumentos dos que tinham interesses na mudança, não refletia.

1.1. A transferência da capital

A entrada de Ouro Preto nos oitocentos foi marcada pela ideia de decadência ante os tempos de valorização do novo e do moderno que o país estava passando. A cidade foi então tomada por discussões que tinham como pauta a transferência da capital. Divididos em dois grupos que ficaram conhecidos como “mudancistas”, que eram a favor da construção de uma nova capital, e “não mudancistas”, que eram contra Ouro Preto perder esse título; foram travados calorosos embates que marcaram o século XIX.

As ideias da construção de uma nova capital em face da antiguidade de Ouro Preto não foram disseminadas apenas pelos “mudancistas”. Contribuindo para um retrato de uma cidade decadente, disseminada principalmente por interesses políticos e econômicos, os olhares dos viajantes estrangeiros se configuraram em relatos importantíssimos. A exploração do território brasileiro foi estimulada logo após a mudança da família real para o Brasil. Como incentivo à ciência, o país recebeu inúmeros viajantes, dentre eles renomados naturalistas que aproveitaram a expedição para elaborarem um mapeamento do território (CAMPOS, 1996).

Misturando o olhar objetivo ao olhar subjetivo, inserido por meio de relatos mais imaginários, os naturalistas, para além da natureza, “não deixaram de descrever as cidades brasileiras por eles percorridas, tanto em seu aspecto físico, como minuciosamente seu dia a dia” (FONSECA, 2016, p. 22). E não foi diferente com a capital das Gerais. Entre inúmeras

descrições predominavam as críticas, como exemplo, o desgosto ao se chegar em uma cidade em seu todo irregular, como observou o naturalista francês Saint-Hilaire:

Villa Rica tem tão pouca regularidade que é extremamente difícil dar della¹ uma idéa sufficientemente exata. E' construida sobre uma longa serie de morros que marginam o Rio d'Ouro Preto e lhe desenha as sinuosidades. Uus (sic) avançam mais; outros, mais recolhidos, formam gargantas bastante profundas; alguns, demasiado escarpados para receber habitações, não, apresentam cru meio dos que os rodeiam, sinão uma vegetação bastante enfezada, e grandes excavações. As casas se encontram assim dispostas por grupos desiguais, e cada uma é, por assim dizer, construída em plano differente do das outras (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 131).

O mais renomado dos viajantes, Richard Burton, também esteve em Ouro Preto e suas impressões foram também envoltas por críticas. Sobre as ruas da cidade, afirmou:

[...] entre as muitas desvantagens, podemos observar que as carruagens não podem ser usadas, e que mesmo andar a cavalo não é seguro na cidade; não há espaço para se estender a cidade, as ruas são estreitas demais para carros urbanos e a região não é apropriada ao cavalo de ferro. (BURTON, 1976, p. 424).

Condenando a topografia, ressalta: “Ouro Preto apresenta tanta curvatura malfeita e tanta estreiteza quanto se poderia desejar. Haverá todas as pitorescas dificuldades para a construção da rede de esgotos e de gás – um preço um tanto alto para pagar tanta curvatura” (BURTON, 1976, p. 421). Seus depoimentos foram responsáveis por instigar, entre os ouro-pretanos, a dúvida sobre a verdadeira imagem vigorosa da capital da Província das Gerais. Como descreve Fonseca (2016, p. 23), “sua visão, como a dos demais viajantes, era bastante dura em relação a Ouro Preto, esperava-se encontrar a lenda do século XVIII e não a realidade do XIX”.

Em vista disso, Ouro Preto estava constantemente ameaçada de perder o poderio fornecido pelo peso do título de capital. Como agravante tinham-se também as ideias difundidas durante a Inconfidência Mineira (1789) que visaram ao rompimento com Portugal e a instauração de um regime republicano com a transferência da capital da Província de Minas para São João del Rei. Em 1833, houve uma tentativa de mudança, mas segundo

¹As fontes citadas deste trabalho trazem textos redigidos em várias épocas em que vigoravam normas ortográficas distintas das atuais. A grafia foi preservada como nos originais e, em alguns pontos, isso pode causar estranhamento, em especial, pelas diferenças na acentuação. Optamos, em alguns pontos, a reforçar que se trata da grafia original com o uso da expressão latina *sic*.

Barreto (1996), o pronunciamento do deputado Manuel Faustino Correia Brandão, na Assembleia Provincial em 25 de junho de 1868, mostrou que essa investida não se concretizou.

Em 1843, o então Presidente da Província, tenente-general Francisco José de Sousa Soares de Andrea, novamente dedicou-se ao projeto de transferência da capital, contudo sua intenção foi anulada por força do regime monárquico, pois “seria difícil, mesmo para um governador de província, a realização de grandes empreendimentos, desde que a ideia não partisse do governo central” (BARRETO, 1996, p. 284). Em 1851, outra proposta para a construção de uma nova capital foi retomada pelo Dr. José Ricardo de Sá Rego, Presidente da Província de Minas à época. Convencido dos problemas de Ouro Preto, em seu relatório apresentado na Assembléia Provincial fez uma campanha a favor da transferência (BARRETO, 1996).

A implantação de um sistema republicano no Brasil cada vez mais ganhava força em Minas – sede das primeiras ideias republicanas surgidas na Inconfidência Mineira – e, com a abolição do sistema escravocrata, em 1888, houve uma abrangência maior dos participantes desse movimento. Contudo, como ressalta Resende (1982, p.55), predominava a fragmentação dos grupos: “o republicanismo em Minas Gerais, apesar dos êxitos de 1888-1889, não constituía, ao proclamar-se a República, uma força muito considerável”.

Com a implementação da República no Brasil o momento era de mudanças. Minas buscava uma visibilidade como estado principal do país, entretanto, para a concretização dessa vontade deveria ter projetada essa imagem de grandeza. Dessa forma, era chegada a hora de se construir o patriotismo mineiro, mas havia um impasse para essa edificação, já que existia a tensão entre a construção das Gerais moderna em vista de seu passado e de seu conservadorismo (FONSECA, 2016).

Essa dualidade trouxe inúmeros conflitos para a então capital de Minas, visto que muitos consideravam o passado como elemento essencial para a sua reconstrução. Em contrapartida, outros afirmavam que o recomeço só se consolidaria a partir do esquecimento desse passado, iniciando a nova fase do zero. Assim, emergiu de forma mais feroz e concreta o duelo entre os “não mudancistas” e os “mudancistas”.

Os primeiros, não mudancistas, escolheram a Inconfidência Mineira como marco fundador, já os mudancistas viam, no passado, a opressão que de colonial tornou-se monárquica, e ao romper com o passado, preferiam superá-lo. Esse era o momento de fortalecimento do debate sobre a mudança da capital. As visões divergentes podiam se confrontar, todavia, qualquer ameaça à unidade mineira

recorria-se a alianças em defesa do Estado frente à própria Nação. Almejava-se o futuro, este surgiria na luta presente por uma nova capital ou pela preservação de Ouro Preto (FONSECA, 2016, p. 31).

Buscando referências importadas da Europa, onde os conceitos iluministas avançavam – o capitalismo era o novo negócio e a ciência ganhava ênfase patrocinada por esse novo sistema –, o Brasil republicano procurava cada vez mais se estruturar referenciado por esse modelo eurocêntrico. As construções de capitais modernas eram necessárias para esse novo quadro: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife foram redesenhadas, mas Ouro Preto, como capital, se constituía no impasse para essa transformação: “[...] a então capital estaria impossibilitada de expandir, crescer, desenvolver, progredir. Trazia também muitas marcas do Império recém-derrubado” (FONSECA, 2016, p. 34).

Minas Gerais assim como os outros estados desejava o progresso, como afirma Fonseca (2016, p. 32): “o mineiro oitocentista externava, como homem do seu tempo, o otimismo pelo progresso, a preocupação com a ordem (política, cultural, higiênica, etc.) e a confiança nos avanços e descobertas da ciência”. Em contato direto com as ideais Iluministas, já pautadas pelos Inconfidentes, a capital das Gerais, como muito já se discutia, não era propícia para abraçar esses novos tempos: “a ‘questão mudancista’, que já agitara a Província, revigorou-se com a Proclamação da República” (RESENDE, 1974, p. 130 – aspas do autor). Era, então, o momento certo para o erguimento de uma adequada capital para o estado mineiro.

Instaurada a República, o conceito de desenvolvimento se tornou mais concreto e uma de suas bases se formaram por meio dos discursos higienistas: a limpeza era essencial para o processo civilizatório. Sem condições de salubridade e topografia desfavorável ao progresso, “aos animais soltos pelas ruas (cães, cavalos, porcos, galinhas, etc.) somavam-se montes de lixo” (FONSECA, 2016 p. 35), resgatam-se os antigos planos propostos por Padre Paraíso que visava à construção de uma nova capital ou mesmo a transferência para um local mais promissor. De acordo com Fonseca (2016, p. 35), “não havendo um controle efetivo da situação, fortaleciam-se os argumentos que associavam a ‘decadência ouro-pretana’ à estagnação do Estado” (aspas do autora).

As estratégias da transferência da capital para outra região ultrapassaram somente as questões topográfica e higienista: interesses políticos e econômicos emergiram perante os discursos dos “mudancistas” e dos interessados que Ouro Preto perdesse seu título. Representantes da Zona da Mata e Sul mineiros, que se destacavam economicamente em

relação à então capital, almejavam todo o controle do estado das Gerais. Elegendo Juiz de Fora e sua crescente agricultura cafeeira como a cidade ideal para abrigar o progresso, os representantes da Zona da Mata e Sul, em busca do prestígio e poder que Ouro Preto como capital tinha, fizeram grande campanha juntos aos “mudancistas” a favor da transferência mesmo que, no primeiro momento não concordassem com o local (RESENDE, 1974).

Porém, assim como houve uma grande pressão pela mudança da capital, em contraponto houve também uma grande pressão para a sua permanência em Ouro Preto. Logo que a notícia da retomada dos planos da mudança se alastrou, os ouro-pretanos contra essa transferência, mais conhecidos como “não mudancistas”, contra-atacaram. Como primeira ação, reforçaram a importância do patriotismo responsável pela unicidade do povo mineiro, mostrando que Ouro Preto e todo seu passado era o núcleo de toda essa mineiridade. Terra dos primeiros republicanos, era, portanto, a cidade ideal para abrigar a capital das Gerais (FONSECA, 2016).

O segundo ataque que se constitui como o principal argumento dos “não mudancistas” foi o de revelar o “rombo” que uma obra para erguimento de uma nova capital traria aos cofres públicos, o que seria “um desrespeito aos moribundos da fome, espalhados pelo Estado” (FONSECA, 2016, p. 40). O que também se constituiria em um ato de corrupção devido ao fato de estarem vendendo, de forma antecipada, terrenos sem ao menos se ter escolhido o lugar em que hospedaria a nova capital. Outra estratégia levantada pelos “não mudancistas”, como contra-ataque, foi o de questionar os motivos de não se investir, com gastos bem menores, na melhoria de Ouro Preto (FONSECA, 2016). Com base nesses argumentos, os “não mudancistas” iniciaram uma campanha voltada a expor e convencer a todos os mineiros que o gasto de grandes quantias na construção de uma nova capital seria um risco para as Gerais.

A disseminação dos discursos sobre as consequências dos altos investimentos também servia como tática para que os “não mudancistas” ganhassem tempo para inserir Ouro Preto na disputa da cidade que abrigaria – no caso permaneceria – a nova capital das Minas Gerais. Esses discursos eram sempre amparados pela permanência da história e unicidade dos mineiros, já que “o progresso atuaria como elemento corroborador desse sentimento, cujas raízes estavam presentes na história de Minas Gerais, tendo como centro originador Ouro Preto” (FONSECA, 2016, p. 41). Inserindo a cidade na disputa, era necessário provar sua capacidade em se adequar aos novos tempos sem, entretanto, que isso resultasse na perda de sua história. As bases das transformações viriam do passado. Assim como os “mudancistas”

tinham argumentos e planos para que a capital fosse transferida, os “não mudancistas” não ficavam para trás. Suas estratégias em restaurar Ouro Preto valorizando sua história foram ações temidas pelo grupo contrário. Os argumentos de que o passado fortaleceria o progresso ganhavam força e se consolidavam em meio à disputa.

1.2. O projeto de melhoramentos

Para pôr fim a todas as críticas envolvendo a topografia, higiene e estrutura de Ouro Preto, era preciso reformular a cidade, “ansiava-se por transformar a capital num modelo de organização, planejamento, beleza e modernização. Um espelho para os desejos republicanos, um orgulho para seus habitantes e para todos os mineiros” (FONSECA, 2016, p. 49). Para iniciar os trabalhos foi criado, em 1891, o conselho da Intendência Municipal de Ouro Preto que especificava os parâmetros para a contratação da empresa que ficaria responsável pelas obras.

Efetuada o contrato para início das obras de melhoramentos; em 12 de setembro de 1891 o Sr. Vicente Barreiros e o Dr. Alexandre Moura Costa foram então nomeados responsáveis pela Empresa de Melhoramentos da Capital (FONSECA, 2016). Dez dias após a efetivação do contrato, foi dado o aval para o início das obras em uma ação solene no Morro da Forca. A utilização das bases do passado para estruturar o futuro era a fórmula fundamental disseminada entre os “não mudancistas”: preservar os monumentos e as igrejas de Ouro Preto era fundamental nesse processo (CABRAL, 1969).

De acordo com Cabral (1969), o início do projeto de reestruturação se faria em alguns pontos da cidade, as obras visavam ao alargamento das ruas, reestruturação de passeios, alinhamento de casas e cortes de montanhas – que era o alvo das críticas entre os “mudancistas”. O Morro de Santa Quitéria, mais conhecido como Morro da Forca, seria cortado ao nível do Caminho Novo. Perto dali, o Ribeirão do Funil, marco da história da cidade, receberia também uma revitalização, sua ponte e seu entorno deveriam ser aumentados para maior espaço de lazer dos ouro-pretanos e dos visitantes (CABRAL, 1969).

Todavia, não eram previstas apenas obras estruturais de melhoramentos, a preocupação com o saneamento básico também estava em jogo e era necessário unir beleza e saúde. A capital de Minas, assim como a maioria das capitais do século, não apresentava somente um problema de arquitetura, mas de saneamento. Com a Proclamação da República e

a implantação de ideias europeias, a questão médico-higienista deveria guiar a construção e reconstrução das cidades brasileiras.

Destacava-se na atitude higiênico-sanitarista a preocupação com lugares amontoados (cemitérios, matadouros, cortiços), o controle da circulação do ar e a organização nas distribuições de água e esgoto. Pautando-se no saber médico, a Medicina Urbana classificou o pobre como um mal à saúde da cidade. Ameaçando a sociedade civilizada, trabalhadores e vagabundos compunham a multidão amontoadas. Sobre eles, era preciso legislar, se necessário reprimir (FONSECA, 2016, p. 54).

As cidades deveriam se adequar às novas formas de saneamento: ruas tinham que ser alargadas, um sistema de água e esgoto deveria ser implantado, casas demolidas, morros derrubados, a população “varrida” das ruas em prol da estética, mas também da salubridade. Apesar de Ouro Preto evidenciar essas questões, o problema da população não era um obstáculo, visto que o número de habitantes da cidade diminuiu constantemente com a extinção do ouro e muitos de seus moradores se mudaram para a Zona da Mata e o Sul devido à ascensão da agricultura cafeeira (FONSECA, 2016).

Os discursos de salubridade, muito referidos pelos “mudancistas”, foram “armas” nas mãos dos “não mudancistas”, que, usando dos mesmos argumentos, colocaram em debate o aspecto climático da região requerida para ser a nova capital: “os não mudancistas denunciaram a insalubridade do clima, as epidemias possivelmente existentes em Belo Horizonte, a provável escolhida para nova capital” (FONSECA, 2016, p. 56). Os crescentes casos de lepra e o bócio eram decorrentes do clima na antiga vila de Curral Del Rei, lugar em que queriam erguer uma nova capital. De acordo com Fonseca (2016), divulgava-se constantemente um estudo realizado pelo Dr. Francisco P. Barbosa que apontava baixos índices de mortalidade em Ouro Preto, o que indicava sua salubridade.

Porém, o que se afirmava nos estudos de Dr. Barbosa não se encontrava na cidade. Ruas estreitas, mal iluminadas, depositárias de lixos, envoltas por mato, animais soltos, mau cheiro, falta de escoamento, alagamento de rios, era o que se podia ver em Ouro Preto. Os “não mudancistas”, já cientes desses problemas, por meio do Projeto de Melhoramentos criaram regras que todos os ouro-pretanos deveriam seguir.

Art. 4.º – As casas que se edificarem na Capital terão de pé direito a altura de 18 palmos, no mínimo, as portas 12 de altura sobre 5 de largura. Se fôr assobrada (sic), o pavimento térreo poderá ter 16 palmos de pé direito.

Art. 27 – Os proprietários de prédios da capital são obrigados:

1º) a fazer encanamentos de tubos de barro vidrado ou pedra, internamente cimentados e cobertos, para escoamento das águas pluviais, servidas e de latrinas, em seus terrenos e a conservarem latrinas convenientemente limpas e asseadas;

2º) a ter seus pátios e quintais ou cercados, limpos e livres de qualquer lixo, removendo diariamente êste para lugares designados pela Câmara;

3º) a caiar de 3 em 3 anos ou pintar do modo que julgar melhor de 5 em 5 anos a parte externa dos prédios e muros, bem como a conservar limpas e bem capinadas as testadas na extensão de 1 metro e 30 centímetros.

A obrigação do nº 2, bem como a última parte do 1.º, cumpre ao inquilino ou morador da casa.

Art. 28 – Na mesma capital é proibido:

1- Lavar vasilhas e quaisquer objetos, hortaliças ou gêneros nos chafarizes.

2- Prender ou atar animais nas portas, portões ou muros das casas, exceto os de sela arreados.

3- Ter vacas de leite entre as Pontes do Rosário e Antônio Dias.

4- A engorda ou ceva de porcos dentro das mesmas pontes.

(CABRAL,1969, p. 83-84).

Conforme Fonseca (2016), em 3 de abril de 1891, foi assinado entre a Diretoria Geral de Obras Públicas e o Capitão Fortunato um contrato para limpeza. O lixo deveria ser armazenado em caixas e a população deveria colocá-lo, à noite, em frente a suas casas para que de madrugada fossem recolhidos. “Definiu-se, também, uma multa de 5\$000 réis para os infratores, reincidentes pagariam o dobro. Como destaque, encontra-se a proibição de se depositar o lixo durante o dia” (FONSECA, 2016, p. 58). Terrenos abandonados deveriam, em vez de servir ao plantio, abrigar edificações, posto que “a capital precisava modernizar-se, construir novos prédios, abrir mão de uma de suas principais características, a improvisação” (FONSECA, 2016, p. 58-59).

Era necessário pôr em prática os discursos higienistas, porém a população, com seus costumes e tradição, não se adequou muito bem a essas novas regras que, por muitas vezes, vinham de forma repressiva: “verificou-se uma constante atuação da população no sentido de reivindicar obras, fazer críticas, dar sugestões, e, principalmente, exigir indenizações quando se sentia prejudicada” (FONSECA, 2016, p. 60). As ruas e casas de Ouro Preto nasceram da improvisação dos tempos auríferos. Sem numeração e sem alinhamento, as casas seguiam a assimetria das ruas que também não tinham nomes. Os ouro-pretanos se referenciavam pelo hábito, mas isso não servia para a capital das Gerais, que recebia ilustres visitantes. Em decorrência disso, entravam em cena os alinhadores, responsáveis por fiscalizar as casas e ruas, aplicavam multas aos desobedientes (FONSECA, 2016).

A captação de água para abastecimento da população sempre foi um problema do início da formação de Ouro Preto, quando a cidade ainda era Vila Rica, mesmo tendo abundância em água, “as fontes existentes dentro do limite urbano e suas imediações não tinham capacidade para o abastecimento geral” (CABRAL, 1969, p. 96). Como solução para o problema do abastecimento de água no período colonial foram construídos pelo Senado da Câmara os chafarizes públicos de Ouro Preto. Para a construção desses, eram abertos editais de arrematação e o vencedor tinha que seguir o projeto de construção elaborado pelo Senado: “em período posterior, entre outros dispositivos legais, referentes ao assunto, encontramos a Lei 3.132, de 18 de outubro de 1833, que autorizava a despesa de quatro contos de réis com a conclusão das obras de água potável para chafarizes em Antônio Dias e Ouro Preto” (CABRAL, 1969, p. 96).

Passado o período colonial, as preocupações com o abastecimento de água também permaneceram, mas agora somadas a outro empecilho – a falta de um sistema de esgoto –, pois “até então a cidade não possuía água potável canalizada, nem tão pouco rede (sic) de esgotos, com instalações sanitárias” (CABRAL, 1969, p. 97). Desse modo, em abril de 1887, o engenheiro chefe de abastecimento de água da cidade de Niterói, Vitor Francisco Braga Melo, foi convidado pelo Presidente da Província, Dr. Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, para realizar um planejamento para construção um moderno sistema de água e esgoto na cidade (CABRAL, 1969).

A iluminação pública também foi alvo de mudanças. Segundo Cabral (1969, p. 103), os antigos lampiões abastecidos por querosene e colocados nas pontas “de postes de madeira lei, de cêrca de 2,60 m de altura, pintados a óleo azul” eram espalhados com uma considerável distância uns dos outros. Eles “davam luz fraca e pouco iluminavam. Nas noites de luar não funcionam. Havia nisto medida de economia, além de que a claridade da lua era melhor”. Em 9 de maio de 1887, os lampiões deram lugar a um sistema de combustores (CABRAL, 1969).

Logo após a chegada da iluminação elétrica nas principais capitais brasileiras e nas cidades europeias, “movimentou-se o ouro-pretano no sentido de dotar a cidade desse melhoramento” (CABRAL, 1969, p. 107). Assim, a Câmara Municipal tratou de ir atrás da instauração de um sistema elétrico na cidade e “fez concessão do serviço de luz elétrica e telefone ao francês Raymundo Joyer, podendo êste utilizar-se das águas do Ribeirão do Funil” (CABRAL, 1969, p. 107). Extinta anos depois, a empresa de Joyer foi substituída pela Companhia “Santos, Irmão, Rezende & Cia” que, também utilizando das águas do Rio Funil e prestando o serviço telefônico, se instalou na região do Tombadouro.

Em 1877, quando da inauguração do ramal férreo, essa usina funcionava de modo regular e concorreu grandemente para o esplendor das festas. Na Praça Tiradentes, por exemplo, além de grande número de lâmpadas, foi instalado enorme foco que jorrava abundante luz. (CABRAL, 1969, p. 108).

Como ressalta Cabral, anos mais tarde a “Santos, Irmão, Rezende & Cia” virou a Companhia Industrial Ouro-Pretana que, sob responsabilidade do engenheiro eletricitista Henry Tyler, contratado para dirigir o fornecimento de energia elétrica na cidade, obteve grande resultados: “a cidade ficou dotada de um dos melhores serviços que poderia desejar e que até hoje continua em pleno funcionamento” (CABRAL, 1969, p. 108).

O projeto de melhoramentos de Ouro Preto elaborado pelos “não mudancistas” deixava claro a vontade de trazer o progresso para a cidade, “os não mudancistas em nenhum momento se opuseram aos argumentos modernistas de seus adversários” (FONSECA, 2016, p. 73). Contudo, os melhoramentos não foram suficientes porque já havia se escolhido outro lugar para ser erguida a nova capital das Gerais: “em 1894, os não mudancistas já sabiam da escolha de Belo Horizonte como nova capital de Minas Gerais” (FONSECA, 2016, p. 64). E mesmo os “não mudancistas” se esforçando para dar continuidade aos projetos modernizantes, em 12 de setembro de 1897 foi inaugurada a nova capital dos mineiros (FONSECA 2016).

Ouro Preto vivia agora uma nova realidade, de acordo com Fonseca (2016), a transferência do governo para Belo Horizonte levou consigo os funcionários públicos. E também os que não eram partiram para Belo Horizonte buscando novos rumos. “Existem informações sobre uma crescente desvalorização dos imóveis na cidade, explicitada facilmente pela visão de uma cidade vazia” (FONSECA, 2016, p. 81). A obras que estavam em andamento por falta de verba não foram concluídas, a cidade que estava se desenvolvendo se tornou apenas um lugar de memórias. “As ruas alargadas passaram a abrigar o mato, obras não terminaram, faltava dinheiro para tudo” (FONSECA, 2016, p. 81).

Os oitocentos em Ouro Preto foram marcados pelas discussões sobre a mudança da capital que já eram pautadas desde os setecentos com o declínio da produção aurífera. A temática, que envolveu questões político-econômicas, dividiu o estado mineiro entre “mudancistas” e “não mudancistas”. Essa situação também teve a imprensa como palco de debates: “a mudança da capital de Minas Gerais era assunto cogitado desde a Inconfidência. Durante todo o Império a idéia voltava periodicamente à discussão, na imprensa e na Assembléia Legislativa provincial” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1973, p. 13). Segundo Silva

(1989), nos jornais se debatiam toda a política da cidade, assim como muitos dos jornalistas eram políticos e tinham na imprensa uma aliada para a disseminação da vida política e, além disso, de todo o contexto social ouro-pretano.

2. A IMPRENSA NAS GERAIS

Na primeira metade do século XIX, predominava no Brasil uma imprensa oficial e oficiosa que servia à Coroa Portuguesa. Conforme Barbosa (2010), os jornais eram porta-vozes da administração política e traziam em suas edições sessões ordinárias e extraordinárias, além de compilação de notícias que chegavam de fora. A partir de 1822, os debates públicos são ampliados, “os cafés, livrarias e sociedades secretas são os palcos privilegiados dessa discussão” (BARBOSA, 2010, p. 38). Já no período Regencial (1831-1840) e no II ° Reinado (1840-1889), os debates políticos são direcionados pelo ataque, “as infâmias e blasfêmias, que dominarão os textos dos jornais partidários após a Independência, fazem parte de um fluxo do sensacional que aproxima as notícias dos jargões e dos insultos do cotidiano” (BARBOSA, 2010, p. 39).

Atravessadas pelas questões abolicionistas e republicanas, constituindo uma nova cultura política, “os jornais amplificam as discussões construindo ideias dominantes num jornalismo de viés exclusivamente opinativo” (BARBOSA, 2010, p. 25). A partir de 1880, os periódicos passam por um processo de modernização, o cotidiano é apresentado nas páginas dos impressos e as ideias de progresso, as questões médico-higienistas, debates políticos e jurídicos emergem como discursos jornalísticos. De acordo com Barbosa (2010, p. 11), “ao lado dos jornais diários, proliferam revistas mundanas, periódicos críticos e literários, impressos que falam exclusivamente do mundo do trabalho, entre centenas de publicações.”

Sodré (1999) evidencia que as atividades da imprensa brasileira se iniciaram tardiamente no século XIX. De início, era caracterizada por ser uma imprensa que servia a Coroa Portuguesa e era amparada por ela, por isso ele a denominou de Áulica. De acordo com Sodré (1999), a imprensa oitocentista, após a vinda da Família Real para o Brasil e a criação em 1808 da Imprensa Régia, pode ser classificada em quatro momentos: de 1808 a 1822, a imprensa colonial, que se caracterizava pela ligação que mantinha com o poder; de 1822 a 1840, a imprensa publicista, que portava uma linguagem agressiva e os jornais funcionavam como instrumentos de partidos políticos; de 1840 a 1889, a imprensa informativa e literária, fase em que os jornais eram mais noticiosos e continham também literatura; e, a partir de 1889, a fase da grande imprensa, em que os jornais se constituíram como grandes empresas jornalísticas.

A consolidação da imprensa mineira foi tardia comparada à aparição dos primeiros impressos nas outras províncias do país. Em Minas Gerais, como explica Mendes (2007), o estabelecimento da imprensa não seguiu a classificação feita por Sodré (1999). A província Mineira foi a sexta a possuir periódicos. A primeira foi a província do Rio de Janeiro com a *Gazeta do Rio Janeiro*, 10 de setembro de 1808; em seguida a Bahia, com a *Idade d'Ouro do Brazil*, que circulou em 14 de maio de 1811. Pernambuco foi a terceira província a ter jornais, em 21 de março de 1821, circulava a *Aurora Pernambucana*; na sequência, no Maranhão, em 10 de novembro de 1821, surgia *O Conciliador do Maranhão*. A quinta província foi o Pará, com *O Paraense* que em março de 1822 ganhava vida.

Observando as quatro fases propostas por Sodré (1999) vê-se o atraso da imprensa mineira. Na primeira fase (colonial), nem chegaram a circular jornais. Na segunda (publicista), as Minas começaram apenas com um ano de atraso, mas só superaram esta fase 45 anos após as principais províncias. Na terceira fase (informativa e literária), as Gerais só entraram quando as principais províncias já estavam passando para a fase da grande imprensa. A última fase (grande imprensa) só chegou as Minas 38 anos após os principais estados (MENDES, 2007, p. 32).

Apesar de ter apresentado uma lenta consolidação da imprensa, não estando presente nas fases propostas por Sodré (1999), a Província de Minas teve importante participação em iniciativas de impressão gráfica. Em 1808, o mineiro de São João del-Rei, Frei José Mariano da Conceição Veloso, morando em Portugal, foi responsável por criar e dirigir a Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego. Operando de 1799 a 1801, a Oficina foi um dos mais relevantes projetos editoriais portugueses e sua produção era voltada ao Brasil.

Mineiro benemerito e sabio botanico, que dirigia a Regia Officina typographica, chalcografica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego, na qual este nosso eminente patricio, no interesse do Brazil, fez imprimir excelentes obras e memorias, uteis á industria, agricultura e commercio do nosso paiz, escriptas ou traduzidas por elle (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 176).

A Oficina do Arco do Cego recebia inúmeros brasileiros que se tornaram aprendizes do Frei Veloso na técnica da impressão; um deles, o também mineiro padre José Joaquim Viegas de Menezes, foi o precursor da imprensa nas Gerais. De acordo com Xavier da Veiga (1898), em 1807, o então governador da Capitania de Minas, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, o Conde de Condeixa, recebeu do Dr. Diogo Pereira de Ribeiro de Vasconcelos, “um

pequeno poema ou canto-panegyrico, composição que agradou multíssimo ao governador, e tanto que este logo desejou vel-o (sic) impresso sem demora” (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 176).

Sem uma tipografia nas Gerais para imprimir seu poema, o Conde de Condeixa lembrou-se de que em sua região, Vila Rica, morava o padre José Joaquim Viegas de Menezes que, estudando em Portugal, conhecia a técnica de imprimir e já em Vila Rica realizava algumas impressões de peças religiosas para distribuir aos amigos. Aceitando o pedido do político, o padre Viegas de Menezes, porém, logo tratou de lembrar o Visconde de Condeixa sobre a ordem régia, de 6 de julho de 1747, que proibia rigorosamente a realização de qualquer atividade de imprensa no Brasil (XAVIER DA VEIGA, 1898).

O governador Pedro Maria, portanto, não recorria em vão aos talentos do padre Menezes, e este, ante a vontade do capitão-general – que valia por certo com uma determinação irresistível – recordou-lhe, comtudo, mui respeitosamente, a proibição expressa e da celeberrima ordem régia de 6 de Julho de 1747, [...]. << Si é só isto, não se aflija, respondeu-lhe o governador: tomo sobre mim toda a responsabilidade. >> (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 177).

Sob a proteção do Conde de Condeixa, o padre Viegas de Menezes deu início aos trabalhos que se estenderam por três meses, como descreve Xavier da Veiga (1898, p. 177-178), “qual o de aplainar, polir e abrir onze chapas de diversos tamanhos”. Segundo Mendes (2007, p. 52), o método usado para a impressão foi a calcografia, “que utiliza chapas de metal fixas”, técnica de impressão que requer máquinas e mão de obra especializada. “O trabalho era complexo exigindo muito conhecimento técnico (o que Viegas tinha em abundância), habilidade, equipamentos e auxílio de pessoal especializado. Os historiadores acreditam que isso podia ser encontrado na Casa da Moeda” (MENDES, 2007, p. 53).

O impresso, composto de 14 páginas, tem em sua primeira folha uma ilustração em referência ao governador e sua esposa, após, em duas páginas, uma dedicatória. O poema se encontra distribuído nas dez páginas seguintes e encerrando há uma página com o *Mappa do donativo voluntario que o Augusto Príncipe R.N.S. offerecerão os povos da Capitania de Minas-Geraes, no anno de 1806* (XAVIER DA VEIGA, 1898). Muitos historiadores atribuem a uma prensa, atualmente exposta no Museu da Inconfidência (Ouro Preto), a criação feita pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes em 1807.

O caracter da letra na carta-dedicatória e nas notas semelha o do typo itálico antigo, corpo 8; o do canto parece o typo Santo Agostinho, corpo 12; e o do

Mappa mencionado, verdadeiramente minúsculo, pode equiparar-se (excepto nas letras capitais) ao mignon ou ao non pareille, corpos 7 e 6. E em todos os caracteres abertos pelo buril do padre Viegas é admirável a firmeza como a regularidade dos traços, não o sendo menos a nitidez da impressão, que parece recente, já contudo aliás, noventa anos, e feita com tinta aqui mesmo em Ouro Preto preparada por aquelle insigne gravador! (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 178)

Em 1821, a primeira oficina tipográfica estava sendo criada em Minas Gerais, mais precisamente em Vila Rica, onde morava o português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal. Auxiliado pelo já conhecido padre Viegas de Menezes, ele iniciava os projetos para a realização de tal feito. Exercendo a profissão de chapeleiro e sirgheiro² e tendo muita habilidade para a mecânica, Pimenta e Sal tinha muito interesse por livros, entre os quais, o Diccinario de Sciencias e Artes, que possuía e que lhe despertava maior curiosidade. Porém, escrito em francês, língua que ele não sabia – aliás poucas pessoas o sabiam nas áreas mais afastadas do Brasil – ele apenas olhava as figuras que ilustravam o dicionário (XAVIER DA VEIGA, 1898).

Frequentemente folheava-o Barbosa, contemplando contente e curioso as gravuras que o illustravão, representativas de instrumentos, machinas, etc., e com particular atenção algumas delas, concernentes a prélos e utensis typographicos, desejando com ardor comprehender o mecanismo e a applicação pratica de taes objetos, e pôr em movimento todo aquelle trem, cuja vista como que fascinava-o. Mecanico por vocação e instincto, faltava-lhe no emtanto a mais rudimentar instrucção technica e – o que mais desalentava-o – não traduzia o francez para poder, no texto do livro, achar alguma luz que o guiasse naquelle labyrinth (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 179-180).

Angustiado por não conseguir decifrar o livro, um dia, por acaso ou destino, como argumenta Xavier da Veiga (1898), Pimenta e Sal se encontrou com o padre Viegas de Menezes. Conhecedor da arte da impressão, o padre traduziu o livro para o chapeleiro, ensinando-lhe também como funcionava uma tipografia. “Compreende-se bem a alegria, quase extasis, de Manoel Barbosa, alegria que tornava-se entusiasmo á proporção que as palavras e demonstrações do padre Menezes fazião-lhe a luz no entendimento” (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 180).

Logo a amizade e a junção dos conhecimentos do padre Viegas com os de Pimenta e Sal fizeram surgir a primeira tipografia das Gerais, “[...] – criação e não simplesmente –

² TECEL. Aquele que faz trabalhos com seda. SERIGUEIRO (Variante). In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

fundação, porque, [...], foi tudo feito por elles, com auxilio de alguns operarios de Villa Rica, só com o material da terra e os recursos logo ahi improvisados” (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 180). Por esse motivo, como ressalta Mendes (2007), a oficina foi nomeada como *Tipografia Patrícia de Barbosa e Cia*, fazendo menção à Pátria e à capitania das Gerais.

Nessa tipografia foram impressos: *O Compilador Mineiro*, primeiro periódico de Minas (1823); *Abelha do Itaculumy* (1824); *O Universal* (1825), *O Companheiro do Conselho* (1825), *O Diário do Conselho do Governo da Província de Minas* (1825) e o *Patriota Mineiro* (1825). “[...] constituindo-se a Patrícia de Manoel Barbosa na única tipografia da província durante certo tempo. Não por acaso, os primeiros jornais, de feição política variada e até mesmo divergente, foram ali impressos” (ARAÚJO, 2008, p. 21).

Xavier da Veiga (1898) esclarece que só depois de um ano de sua criação a *Tipografia Patrícia de Barbosa e Cia* entrou em funcionamento, já que ela só conseguiu a autorização para a impressão em 20 de abril de 1822 e, nesse intervalo, outra tipografia entrou em atividade em Minas Gerais.

Em consequência da demora da permissão que solicitára Manoel José Barbosa e cuja outorga acima consignámos, só depois de 20 de Abril de 1822 (data da licença) pôde funcionar a primeira typographia mineira, [...]. Desde alguns mezes, entretanto, já funcionava a outra pequena officina typographica, [...], montada na Capital da província pelo governo provisório, e da qual era administrador o major Luiz Maria da Silva Pinto, cidadão inteligente e laboroso, que foi durante muitos anos secretario do governo, no ultimo periodo dos capitães-generaes e nos primeiros tempos do regimen imperial. Os documentos seguintes, existentes no Archivo Público Mineiro, provão que já em Fevereiro de 1822 funvcionava a minuscula typographia provincial que, aliás, denominava-se pomposamente – nacional...” (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 184).

Conforme Xavier da Veiga (1898), na *Tipografia Nacional*, em 9 de abril de 1822, foram impressas 500 cópias da fala de D. Pedro I, príncipe regente na época – a data se refere ao dia em que o príncipe conseguiu o apoio de Vila Rica na luta pela Independência. A partir dessas primeiras impressões, o plano de Luiz Maria da Silva Pinto era de montar a melhor tipografia oficial, dando continuidade às tiragens que já havia feito. Porém, seu propósito não deu certo, provavelmente devido aos altos preços para mantê-la em pleno funcionamento. “Tal o *plano* do administrador da primeira typographia oficial de Minas, para habilital-a (sic) a publicar o órgão do governo, publicação que não se realizou, talvez pelo receio dos enormes encargos, muito para se temerem, na verdade, á vista de tão grandioso e temerário projeto...” (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 186, grifos do autor).

Apesar das dificuldades para a construção de uma tipografia em Minas, “além dos problemas para conseguir a prensa, cabia a uma única pessoa montar prelos e fundir tipos, além de redigir e imprimir seus jornais” (MOREIRA, 2006, p. 99); há outros personagens que, como o padre Viegas de Menezes e o chapeleiro Pimenta e Sal, se dedicaram a este ofício. Conforme Moreira (2006), no arraial de Itambé do Serro (hoje Itambé do Mato Dentro), o ourives³ e mecânico Geraldo Pacheco de Melo confeccionou um prelo no qual, em 1831, editou o *Liberal do Serro*. Já no arraial do Tijuco (hoje Diamantina), o também ourives Manuel Sabino de Sampaio Lopes, com a ajuda de João Nepomuceno Aguillar, através da construção de um prelo, editou em 1828 o *Echo do Serro*. Da mesma forma que Pacheco de Melo e Sampaio Lopes, o padre José de Sousa Lima montou, em Vila da Campanha da Princesa (hoje Campanha), uma tipografia, contudo nela não foi impresso nenhum periódico.

Ainda de acordo com Moreira (2006, p. 100), além da *Officina Patrícia de Barbosa e Cia* e da *Tipografia Nacional*, em 1828, o mesmo Luiz Maria da Silva Pinto, não conseguindo dar continuidade à *Tipografia Nacional da Província de Minas Geraes*, criou “na rua do Carmo nº 26, a Typographia de Silva”, que além de papéis oficiais já fixava gravuras. “Nesta mesma tipografia foi impresso o *Dicionário da Língua Brasileira*, de autoria do próprio Silva PINTO, em 1832” (MOREIRA, 2006, p. 100).

Na Vila do Carmo, atual Mariana, também há relatos da criação de uma tipografia. A prova de que houve esse estabelecimento tipográfico é a existência, datada de 1826, de um *Compêndio dos Exercícios da Venerável Ordem Terceira da Penitência*, que foi impresso na *Officina de José Vicente Ferreira*, “mas, pelo que se sabe, daquela ‘Officina’ não saíram periódicos ou panfletos políticos” (MOREIRA, 2006, p. 100). O aparecimento do primeiro periódico na cidade só se deu em 30 de maio de 1830, com a publicação da *Estrella Mariannense*, que, em seus primórdios, era impresso na *Tipografia Patrícia do Universal*, em Ouro Preto. Após a instalação da *Tipografia Mariannense*, em 14 de abril de 1832, o periódico já era impresso na cidade de Mariana (MOREIRA, 2006).

De acordo com Moreira (2006, p. 104), as primeiras oficinas tipográficas em Minas não se constituíam como grandes empresas, “excetuando-se as tipografias ditas artesanais, em que compositor, impressor e redator eram a mesma pessoa, as oficinas tipográficas das décadas de 1820 e 1830 contavam com certo contingente de operários.”

³ Def.1. Profissional que faz joias e artefatos em metais preciosos, como ouro, platina, prata etc. Def. 2. Indivíduo que vende e/ou conserta peças trabalhadas em ouro, platina, prata etc. OURIVES. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

A maioria das tipografias, senão todas, estava às voltas com problemas gerados pelo pequeno número de funcionários. No entanto, esses mediadores foram fundamentais na produção impressa. Foram os compositores e os impressores que ordenavam os tipos, compunham o texto e apertavam as prensas que traziam à luz panfletos, proclamações e periódicos, ou seja, eram as personagens que realmente faziam funcionar toda a engrenagem tipográfica na Província (MOREIRA, 2006, p. 103).

Moreira explica que os registros sobre os funcionários nas tipografias mineiras são escassos e incertos, “daqueles que exerciam o mister de compositor, quase não restaram notícias. [...] mas notamos que sua ausência repercutia imediatamente na produção tipográfica, incidindo sobre a própria circulação local de jornais.” (MOREIRA, 2006, p. 104). Apesar de todos os problemas na implantação e manutenção da impressão em Minas, segundo a contagem feita por Xavier da Veiga (1898), em um total de 117 localidades, entre 1823 e 1897, foram publicados 861 jornais nas Gerais.

Como já evidenciado, no século XIX, as Minas Gerais vivenciaram apenas duas das quatro fases da imprensa proposta por Sodré (1999), só se consolidando no final da segunda metade do período oitocentista. Segundo classificação feita por Mendes (2007), de 1823 a 1885, Minas vivia a fase publicista da imprensa. Nessa fase, como característica marcante, houve a interiorização da imprensa e por isso em outras localidades já havia periódicos representantes do publicismo. Ouro Preto, contudo, ainda permanecia como centro dos periódicos.

Surgiram publicações em várias localidades, como Ouro Preto, São João Del Rei, Diamantina, Mariana, Sabará, Serro e Pouso Alegre. Havia importantes jornais liberais (*Universal*, *O Novo Argos*, *O Astro de Minas*, *Sentinela do Serro*) e conservadores (*O Telegrapho* e *O Amigo da Verdade*). As publicações liberais e conservadoras se debatiam na defesa de seus projetos (MENDES, 2007, p. 90).

Conforme descreve Mendes (2007), nos anos de 1885 a 1927, surgiu a imprensa informativa e literária. O *Diário de Minas* (Ouro Preto), criado em 1866, apesar de não ser 100% informativo, foi considerado o pioneiro no estabelecimento da informação nos periódicos das Gerais. Também foi o primeiro jornal empresa e o primeiro no formato standard. Entretanto, em 1866, aparece *O Pharol* (Juiz de Fora) que, passando a ser diário no ano de 1885, é o jornal que melhor caracteriza a consolidação da fase informativa em Minas. Nesse ciclo o centro da imprensa se desloca de Ouro Preto para Juiz de Fora, como há também o aparecimento de outros jornais fora das áreas mineradoras: “como a Zona da Mata,

o Triângulo Mineiro e o Sul de Minas, destacando-se cidades como: Juiz de Fora e Uberaba” (MENDES, 2007, p. 91).

Mendes (2007) evidencia que a fase da grande imprensa só teve início em Minas no ano de 1927. Com a transferência da capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, em 1897, “a imprensa começou a deslocar-se gradualmente para lá” (MENDES, 2007, p. 91). Criaram-se novos jornais e, em consequência disso, um novo centro da imprensa estava surgindo em Minas, só se consolidando em 1927 com a primeira grande empresa jornalística mineira, o *Diário da Manhã*.

A nova capital mineira nasceu cercada de críticas e com pequena estrutura, mas já dava sinais que seria o grande centro do jornalismo do Estado. Antes mesmo de ser inaugurada, em 12 de dezembro de 1897, cinco publicações já haviam sido criadas no local: *Bello Horizonte* (7 de setembro de 1895), *A Capital* (28 de janeiro de 1896), *Aurora* (15 de novembro de 1896), *Tiradentes* (21 de abril de 1897) e *Bohemio* (4 de julho de 1897). (MENDES, 2007, p. 110).

Conforme explica Mendes, Minas possuía condições mais favoráveis que as outras províncias para o estabelecimento da imprensa: “as gerais eram mais urbanizadas, tinha uma vida social rica nos principais centros, uma sociedade menos estratificada, uma elite culta, uma atividade comercial considerável e uma burocracia estatal grande.” (MENDES, 2007, p. 124). Porém, as particularidades econômicas e sociais do território mineiro formaram as causas da tardia implementação das atividades de imprensa, “nas primeiras décadas do século XIX, quando surgiram os primeiros jornais brasileiros, a Capitania viveu transformações econômicas e sociais” (MENDES, 2007, p. 124).

Com a escassez das atividades de extração aurífera, Minas viu sua economia regredir, principalmente na capital, Ouro Preto. Como meio de contornar a situação, houve o investimento em outros setores como a extração de outros metais e a agropecuária. Entretanto, a localização geográfica, a falta de estradas e as numerosas montanhas fizeram com que essa mudança econômica não fosse de fácil implementação. O despovoamento de Ouro Preto, o mais importante centro mineiro na época, e o êxodo para outros locais que estavam em ascensão provocaram a crise na imprensa que se concentrava na capital.

Esta era a cidade com as melhores condições de ser o berço da imprensa da Província, e acabaria tendo esse papel. No entanto, como foi a localidade que mais sofreu prejuízos com a crise da mineração e com a Inconfidência Mineira, o reflexo no desenvolvimento da imprensa foi muito grande (MENDES, 2007, p. 173).

De acordo com Mendes (2007, p. 183), o ciclo de ascensões e crises de novas localidades na região mineira “é uma das principais razões de nenhum jornal mineiro importante do século XIX ter sobrevivido até os dias de hoje”. Essas metamorfoses atrapalharam na consolidação da imprensa nas Gerais, já que provocaram o deslocamento da imprensa para as novas áreas em crescimento, “os jornais em períodos diferentes concentraram-se em Ouro Preto (1823-1885), Juiz de Fora (1885-1927) e Belo Horizonte (1927 em diante)” (MENDES, 2007, p. 183).

Além disso, os três deslocamentos do centro da imprensa dificultaram a consolidação dos jornais mineiros em suas diversas fases. Na fase da imprensa publicista, Ouro Preto vivia em crise, [...]. Na fase da imprensa informativa, a cidade perdeu definitivamente sua posição como centro da imprensa mineira para Juiz de Fora. Isso causou um atraso na história da imprensa. O primeiro jornal informativo surgiu em Ouro Preto (*Diário de Minas*), mas a imprensa foi só se consolidar em Juiz de Fora. [...]. Na fase da grande imprensa, também ocorreu outro deslocamento, com o centro da imprensa indo de Juiz de Fora para Belo Horizonte.” (MENDES, 2007, p. 184).

Essas transições, como ressalta Mendes (2007), aconteciam de forma gradual, o que resultava em mais dificuldade para a estabilidade da imprensa nas Minas. Enquanto o centro declinava econômica e socialmente, sua imprensa perdia estabilidade e o novo aspirante a ocupar esse lugar via a estruturação de seus jornais, entretanto esse deslocamento não fazia com que os jornais do centro anterior desaparecessem.

Conforme Mendes (2007), a localização do estado mineiro somada a sua topografia montanhosa e à falta de investimento em estradas também foram estímulos para o atraso em sua imprensa. A distância do litoral foi um empecilho para o início das atividades tipográficas, contudo não era a causa principal, já que, como já descrito, inúmeras tipografias foram construídas usando sobretudo materiais encontrados na própria região. O fator mais importante, intrínseco à questão topográfica, foi o sentimento de isolamento que, somado também a causas econômicas e históricas, foram responsáveis para a construção de um certo *ser mineiro*.

Os relatos históricos mostram que o povo mineiro já tinha características bem definidas, no período oitocentista. Especula-se que fatores geográficos (a montanha e a distância do litoral), econômicas (o apogeu e a decadência da exploração do ouro) e históricos (a repressão no período aurífero e as perseguições em razão da Inconfidência) influenciaram na formação do homem das Minas (MENDES, 2007, p. 194).

Dessa forma, a imprensa mineira também tinha como característica a moderação, personalidade essa que a diferenciava da imprensa de outras províncias. Enquanto na década de 1820 a imprensa do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia era panfletária, em Minas Gerais, “apesar de haver líderes exaltados, prevalecia a moderação, um estado de espírito que contrastava com os das regiões onde florescia a imprensa nesse período” (MENDES, 2007, p. 191). Defendendo posições políticas, os jornais das principais províncias do Brasil eram agressivos e críticos, mas em Minas, mesmo sendo uma província extremamente política, já que era o centro administrativo mais importante do país, o comedimento não deixava ambiente propício para o surgimento de uma imprensa panfletária atuante.

O primeiro jornal, O Compilador Mineiro, não defendia bandeiras políticas. Depois a Província teve o Abelha do Itaculomy, que também não era um jornal provocativo. Até 1825, as Minas tiveram, no máximo, uma publicação circulando o que dificultava o aparecimento do publicismo, pois não havia a possibilidade da troca de ofensas. Em 1825, com a criação de O Universal, tendo como redator Bernardo Vasconcelos, a imprensa da Província ganhou força. Provavelmente, pelo seu caráter político, seguindo a tendência dos principais periódicos publicistas, só que com mais moderação (MENDES, 2007, p. 192-193).

Como explica Mendes (2007), o jeito de ser do Mineiro – moderado, conciliador e autocensor – foi fator que interferiu nos jornais da região, principalmente nas características que marcaram as fases do jornalismo brasileiro. A imprensa publicista brasileira era agressiva, fator essencial para o progresso dos jornais nessa época. Já em Minas, o jeito conciliador prevalecia. Nas fases informativa e da grande imprensa, esse jeito mineiro moderador não era atributo para impedir o desenvolvimento da imprensa, todavia a autocensura ainda estava presente.

São poucos os estudos sobre a imprensa mineira e, mesmo ela não acompanhando as fases dos impressos das principais Províncias devido a fatores culturais, geográficos, políticos e econômicos, os jornais de Minas Gerais têm grande importância para a história do jornalismo brasileiro. Os vários títulos e tendências do jornalismo mineiro demonstram, de forma particular, o registro da história de Minas Gerais nos oitocentos, em meio a um território que sofreu inúmeras transformações políticas econômicas, culturais e sociais.

2.1. A imprensa oitocentista ouro-pretana

Ouro Preto foi o berço da imprensa mineira. Como descrito anteriormente, antes mesmo de D. João VI liberar as reproduções impressas no Brasil (1808), o Padre Viegas de Menezes imprime em Ouro Preto um *Canto Encomiástico* que homenageia o então Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Ataíde Melo, o Conde de Condeixa. Além disso, na então capital da Província de Minas, em 1821, também por intermédio padre Viegas de Menezes, juntamente com o artífice português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal, foi construída a primeira gráfica das Gerais, a *Tipografia Patrícia de Barbosa e Cia*.

Em 13 de outubro de 1823, foi impresso na *Tipografia Patrícia de Barbosa e Cia*, o primeiro periódico de Minas: *O Compilador Mineiro*, a favor do liberalismo moderado. “Em oposição tanto ao governo despótico quanto ao democrático, na perspectiva de um liberalismo moderado, que teria durante todo o Império grandes adeptos entre os mineiros” (ARAÚJO, 2008, p. 21). Em suas páginas, o jornal defendia a organização da Assembleia Geral Constituinte com permanência da representação monárquica. Impresso nessa mesma tipografia, o *Abelha do Itaculomy*, sucessor do *Compilador Mineiro*, criado em 12 de janeiro de 1824, de caráter liberal, possuía “um programa que é a mais pura síntese da bandeira liberal: ‘independência política’, ‘imperador constitucional’ e ‘integridade do Império’.” (ARAÚJO, 2008, p. 21).

Após o fim da circulação do *Abelha do Itaculomy*, surgiu na *Patrícia de Barbosa e Cia*, em 18 de julho de 1825, *O Universal*. De acordo com Mendes, direcionado por Bernardo Pereira de Vasconcelos – um político que levantava muito “falatório” por sua audacidade –, “esse foi o primeiro jornal mineiro com expressão, principalmente pelo seu redator maior. Também se mostrou bem mais crítico” (MENDES, 2007, p. 80). Quando sob a direção de Bernardo de Vasconcelos, um liberal exaltado, *O Universal* trazia as ideologias de seu redator. Após sua direção passar para José Pedro Dias de Carvalho, opositor das ideais liberais, o jornal assumiu uma face conservadora. Em 1825, também foram impressos na *Tipografia Patrícia de Barbosa* os periódicos: *O Companheiro do Conselho*, *O Diário do Conselho do Governo da Província de Minas* e o *Patriota Mineiro*.

Principal cidade mineradora desde o início do século XVIII, Ouro Preto foi o centro administrativo da província até 1897, o que como consequência propiciou o surgimento de inúmeros periódicos durante os oitocentos. O arrolamento feito por Xavier da Veiga (1898)

mostra que de 1824 a 1897 foram publicados em Ouro Preto 163 jornais, a maioria de vida efêmera, que, como explica Sodré (1999), era marca da imprensa do Brasil nesse período.

Segundo Silva (1989), havia na capital de Minas jornais de partidos que publicavam acontecimentos de fora do Brasil como também os problemas locais. E jornais de vida curta, denominados populares, que “eram caracterizados, pelo seu corpo editorial, como literário, noticiosos, populares, imparciais, independentes e críticos. [...]. De 1870 a 1889 houve mais de 20 jornais desse tipo, com publicações que variavam de uma ou duas vezes por semana” (SILVA, 1989, p. 69).

De acordo com Drummond (2008), a imprensa ouro-pretana no século XIX pode ser caracterizada em três fases: de 1823, quando é criado *O Compilador Mineiro*, o primeiro jornal das Gerais, até o ano 1840, período em que os temas nacionais ganham destaques; de 1840 a 1870, quando a ênfase da imprensa passa a ser a Província de Minas; e de 1880 a 1897, quando a cidade emerge nos jornais.

De 1823 a 1840, conforme listado por Xavier da Veiga (1898), foram impressos 23 jornais em Ouro Preto. Como explica Drummond (2008), prevalecem nesses impressos os temas ligados às questões do império. Expressando e polemizando o debate político com a opinião de correntes partidárias, embora nessa época ainda não existissem partidos políticos demarcados, os temas nos impressos eram voltados à construção da nação, revelando os laços que Minas tinha com a corte do Rio de Janeiro.

O texto é compacto, traduz atos oficiais e polêmicas de opinião, precursoras dos futuros partidos políticos. O jornal dessa época parece dirigir-se a um tipo apenas de leitor, não fosse a quarta página na qual, aos poucos, anúncios e textos relativos ao cotidiano começam a ser publicados e passam a diversificar o discurso circumspecto (DRUMMOND, 2008, p. 58).

Conforme indica Drummond (2008), até 1840 não havia grande espaço para a literatura nos jornais ouro-pretanos e, quando traziam algum texto literário, esse ocupava a quarta página dos jornais. Além disso, nesses periódicos não havia uma separação entre o discurso político e o literário.

Na fase de 1840 a 1870, com o aumento dos números de tipografias, são impressos de acordo com Xavier da Veiga (1898), 52 jornais em Ouro Preto. Como aponta Drummond (2008), predominam nessa fase os assuntos culturais, políticos, sociais e econômicos da província.

A imprensa de variedades cresce; o número de tipografias e jornais em circulação sugere aumento do público leitor e crescimento de grupos profissionais – tipógrafos, gráficos e revisores. Como resultado da invenção do telégrafo, o texto jornalístico ganha novo ritmo, torna-se mais rápido, conectado aos acontecimentos (DRUMMOND, 2008, p. 59).

A revolução do telégrafo em 1850 faz com que a informação circule mais rapidamente e a notícia começa a ganhar prioridade aparecendo em maior quantidade nos jornais ouro-pretanos (DRUMMOND, 1995). Porém, como afirma Drummond (2008), o espaço opinativo, com análises e editoriais, ainda permanece. Com mais diversidade de assuntos – a imprensa varia entre títulos humorísticos, religiosos, acadêmicos, científicos e políticos –, os impressos modificam o seu formato e, de acordo com Drummond (1995), passam de 21x31 cm para 30x56 cm.

Assuntos frívolos e ligeiros convivem com as publicações reflexivas. O debate entre personalidades da vida pública ou entre grupos continua a aparecer nas páginas do jornal. Acusações, réplicas e trélicas parecem ter despertado grande simpatia no público e alimentado essa prática, que se tornou corriqueira. Quantos jornais não foram criados e outros não sobreviveram tão-somente para sustentar querelas! (DRUMMOND, 2008, p. 59).

Em consequência dessa imprensa mais diversa, há também a transformação dos leitores. Esses, mais variados e inclusive participativos, se transformam em um público que “escreve cartas, denuncia abusos, cobra providências, procura objetos perdidos, paga a publicação de textos pessoais, agradecimentos, poemas, louvações, elogios fúnebres” (DRUMMOND, 2008, p. 59). O número de anunciantes também estava em crescimento, mas os jornais ainda se mantinham por meio de vendas avulsas e assinaturas.

Os anúncios sobre pessoas escravizadas fugidas eram a maioria. A partir da década de 1850 até 1880, a realidade da escravidão, com as defesas (escravocratas) ou impugnação (abolicionistas), emerge nos periódicos, principalmente como pauta da Província Mineira, já que os números mais expressivos de pessoas escravizadas pertenciam ainda a esse território (DRUMMOND, 2008).

É nesse período que também começam os indícios de uma imprensa literária ouro-pretana. Entre 1850 e 1870, não havia a existência de jornais apenas literários, sendo que a tendência do periódico em trazer literatura era por desejo do editor ou colaborador. A seção *Folhetim*, em início vindo como crônicas, compunha o pé-de-página dos periódicos e é a partir dessa nova perspectiva de periódicos literários que começa a separação entre discurso

político e literário: “o marco dessa tendência na imprensa de Minas foi o *O Athenêo Popular*, editado em Ouro Preto em 1843” (DRUMMOND, 2008, p. 61).

Já em 1º de janeiro de 1845, foi editada a primeira Revista Literária ouro-pretana, *O Recreador Mineiro*: “cria-se a imprensa literária, voltada, em especial, para a poesia e a oratória, mas que se qualifica na divulgação de outras formas de literatura ao longo do século; surge a revista literária, editada em numeração seriada, para se encadernar e colecionar” (DRUMMOND, 2008, p. 59-60). Impresso na *Typographia Imparcial*, à rua do Giló, nº 9 (hoje rua do Paraná), *O Recreador Mineiro* trazia o folhetim seriado, caracterizado pela novela romântica. Tendo circulação quinzenal, foi impresso sem interrupções até 15 de junho de 1848. Suas edições semestrais formavam um tomo, somando-se ao final de cada semestre, até a última data de impressão da revista, sete tomos de numeração contínua (DRUMMOND, 2008).

Autotitulada “periodico litterario”, a revista mostrava resquícios de inspiração neoclássica, comum às publicações similares que inauguraram o romantismo no Brasil e tinham o propósito de debater e ilustrar a sociedade recém-descolonizada. Mas já expressava uma consciência crítica da atividade literária brasileira, discutindo temas específicos, como modernidade do romance, divulgação de uma poesia tipicamente brasileira, tradução de obras literárias para o vernáculo e formação do público literário (DRUMMOND, 2008, p. 63).

Na fase da imprensa local, de 1880 até 1897 (quando houve a mudança da capital para Belo Horizonte), a cidade ganha protagonismo sendo constantemente pautada nos jornais: “o fato local tem primazia, em meio à cena do Império e da província” (DRUMMOND, 2008, p. 60). Nesse período há um aumento de títulos e tendências: periódicos artísticos, literários, acadêmicos, religiosos etc., com a formação até de “protosindicatos jornalísticos”. De acordo com o levantamento feito por Xavier da Veiga (1898), durante essa fase, circularam 106 jornais em Ouro Preto.

A cidade torna-se destaque na imprensa em razão dos debates políticos sobre o projeto da construção de uma nova capital, que dividiram a Província de Minas em dois grupos: “mudancistas”, favorável à mudança e “não mudancistas”, contrário à transferência. Os debates ganham as ruas “polarizando discussões de natureza política, administrativa, econômica e cultural” (DRUMMOND, 1995, p. 21). Os jornais juiz-foranos, particularmente *O Pharol* (1870-1925), foram os precursores da campanha para a transferência da capital; em contrapartida, os jornais ouro-pretanos, especificamente *O Jornal de Minas* (1889-1891), faziam a oposição.

De várias cidades provinham artigos, transcritos n'O Pharol, que apoiavam a transferência da capital, chegando a propor que a decisão fosse tomada por meio de um plebiscito. O Jornal de Minas respondia defendendo a permanência da capital em Ouro Preto. O debate na imprensa tornou-se tão acirrado a ponto de serem proibidas transcrições de quaisquer notícias d'O Pharol nos jornais ouro-pretanos (VISCARDI, 2007, p. 30).

Nesse período também ressurgem os jornais e revistas exclusivamente literários e, conforme Drummond (2008), há uma definição para o conceito de literatura. Os periódicos traziam a mistura de gêneros da literatura e seus redatores eram intelectuais moradores da própria Ouro Preto: poetas, escritores, acadêmicos das Escolas de Minas, Farmácia, advogados, estudantes do Liceu Mineiro⁴.

Como ressalta Cabral (1969), grande parte dos jornalistas da imprensa ouro-pretana eram políticos e, assumindo tais postos, utilizavam das páginas impressas para defender seus ideais. “Assim, em épocas diferentes, ali surgiram periódicos, muitos dos quais verdadeiros orientadores e guias da opinião pública nos elevados propósitos de engrandecimento da terra mineira e da pátria brasileira” (p. 149). Porém, como evidência Silva (1989), os jornais também eram veículo de prestação de serviço à população de Ouro Preto: “programações de concertos, do teatro e de festas também eram publicadas nos jornais que, depois, as noticiavam” (p. 70).

Em meio ao contexto da imprensa ouro-pretana dos oitocentos, *O Diabinho*, como veremos no próximo capítulo, se insere na fase da imprensa local, de 1880 a 1897, na qual a cidade emerge das páginas dos periódicos e ganha protagonismo. De tendência crítica e literária, também característica dos títulos surgidos nesse período, o jornal relata a Ouro Preto e sua vida cotidiana, pautando, de forma satírica, os problemas que sua formação social, atrelada a uma rede de favoritismo político, ocasiona nas esferas econômica, administrativa e social da cidade.

⁴ Criado em 1854, o Liceu Mineiro foi a primeira escola de formação secundária em Ouro Preto (CABRAL, 1969).

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
O DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1884

O DIABINHO

ORGÃO DEMOCRATA E CRITICO

REDACTORES DIVERSOS
ASSIGNATURAS CONDIÇÕES
Por anno tres mil réis — Seis mezes duas | Publica-se pelo menos duas vezes por mes

ANNO II. ANTONIO DIAS, 22 DE DEZEMBRO DE 1884 NUMERO 1

O DIABINHO
22 de Dezembro

Somos chegados a primeira parte da nossa missão; façamos a resenha. *O Diabinho* desejando abolir o entrudo d'entre os costumes caducos desta nossa boa terra da melhor agua, teve a innocua idéa, salva a modestia, de fazer a propaganda do risonho e galhofeiro carnaval sob o patrocínio do deus Momo.

Appareceu e não mentio a sua intangão; fez a propaganda, esforçou-se com todo o ardor, inventou festejos, noncou commissoes, imaginou bailes, fantasiosos grupos grotescos e e... foi vencido do mesmo modo que o tem sido muitos guerreiros, e não cahio.

O entudo apoiado pelo grande partido dos canudos, bombas, limões etc. etc., triumphou e nem podia ser por menos, porque o *Diabinho* era então uma creança malcreada e por isso não mereceu a attenção dos velhos.

Cresceu, ô hojo rapaz, e pelos modos, parec-nos que se elle ainda tivesse as intenções no tempo da meninice, seria talvez mais feliz; mas elle está accendendo uma vingança

Disse quando era ainda creança: — Quando eu crescer heide tomar desforra da pouca attenção que me prestão os entrudistas; heide apouental-os com uma critica terrivel; heide fallar de tudo quanto souber e está se vingando.

Ô *Diabinho* rapaz tem cumprido a promessa do *Diabinho* menino ô segundo a aceitação que ha merecido pareceo-nos que obteve um grande circulo de adeptos, se bem que delle tinha se destacado um ou outro um tanto amuado por haver levado sua afinetada: Quem não quer ser-lobo não lhe vista a pelle; o que é bom chega a todos e para exercer vingança não ha invulneraveis, todos tem seo lado fraco e é deste que tiramos partido.

Momo deve estar satisfeito commosco.

Mudamos hoje de frontespicio, e para tranquillidade dos assignantes, dos que estão quites e dos que não estão, declaramos que terão jornal até o dia 15 de Abril em que faz um anno que trocamos as vestes carnavalescas por uma modesta blusa de operario, a fim de tomarmos um lugar entre os trabalhadores do progresso.

Fação o favor de nos acreditar.

Ouro Preto 22 de Dezembro de 1884

Escola de Pharmacia

A ultima nomeação para professor das 6.ª e 7.ª cadeiras da escola de pharmacia foi um desastre para aquelle util estabelecimento.

Chamados concurrentes para se opporem as cadeiras, comparecerão 4 candidatos, sendo um Dr. em medicina e os demais pharmaceuticos.

Era de se esperar que o primeiro dos oppositores suplantasse aos outros; pelo menos tinha a presumpção legalisada pela sua carta; mas assim não aconteceu; as provas que exhibio estiverão, conforme dizem os entendidos, muito inferiores as dos seus competidores, que por isso devião esperar justiça dos examinadores.

Por occasião do julgamento das provas, si vera est fama, grande celeuma levantou-se entre os lentes medicos e lentes pharmaceuticos.

Aquelles por espirito de collegismo pretenderão dar o primeiro lugar ao seo collega, a despeito das provas más que exhibio; e estes, protestarão tendo ao seo lado a justiça dos infelizes que tinham demais

uma carta de medico e a muito necessarya protecção.

Não podendo os dous grupos chegarem a um accordo (a questão já era de accordo!!) tomarão o originalissimo atytre do originalissimo alytre de julgar *inhabilitados* todos os candidatos, e de facto o fizerão, quando o regulamento não cogitou dessa noyissima nota, que interpretada é inteiramente vasia de sentido.

Inhabilitados!

Na profissão que exercem e são competentemente titulados, ou para exercerem o magisterio?

Na primeira hypothese a congregação da escola de pharmacia, não pode caçar diplomas e expedir novos a quem não os pede, e na segunda só pode approvar ou reprovar, e n'este caso a nomeação de professor interino não teve razão de ser, e os alumnos do 3.º anno de pharmacia que não frequentão o curso professado por um professor *inhabilitado* procedem correctamente, por que si um individuo, qualquer que elle seja, não está apto para exercer um lugar, não o está nem intarina e nem diffinitivamente.

A vista do precedente que a escola acaba de fir-

Figura 1: Reprodução da primeira página de *O Diabinho*, 22 de dezembro de 1884

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

3. *O DIABINHO EM OURO PRETO*

O terceiro capítulo dedica-se à análise de *O Diabinho*. Antes de examiná-lo, porém, será apresentada uma descrição das etapas utilizadas para a interpretação dos dados coletados. Os procedimentos metodológicos aplicados foram híbridos, incluindo análise documental e elementos de análise de conteúdo. Na sequência, as seções que tratam diretamente do jornal: *O Diabinho: o que é, e como é* e *O Diabinho narrando Ouro Preto: imagens da política, da sociedade, da economia e da cultura*.

3.1. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos aplicados a essa pesquisa constituem uma junção da análise documental e da análise de conteúdo. Sonia Virgínia Moreira (2011, p. 270) caracteriza a pesquisa documental como recurso a “ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos”. Para Alessandra Pimentel (2001, p. 180), as pesquisas fundamentadas em documentos “extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta.” Desse modo, utilizando as concepções de Moreira (2011) e Pimentel (2001) sobre a análise documental, fez-se a exploração do periódico *O Diabinho*. Em um primeiro momento, aliada à análise de conteúdo, deu-se a primeira etapa do estudo: *Apuração e organização do material*, que como descreve Pimentel:

Organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio (PIMENTEL, 2001, p. 184).

Nessa fase, foram realizados fichamentos dos temas presentes nos textos das 49 edições do periódico, bem como as fichas descritivas com os títulos de cada publicação e os quadros com as seções e autores mais recorrentes. A partir dessa organização, aplicou-se a segunda etapa: *categorização e descrição*. Segundo Moreira (2011, p. 276), “à caracterização e descrição dos documentos somam-se as anotações e os comentários pessoais elaborados no momento do exame detalhado do material.” Em vista disso, foi possível catalogar *O Diabinho* como um produto editorial: formato, condições de publicações, redatores e autores, quantidade de textos, os aspectos visuais, os assuntos mais frequentes. E como última etapa

apontada por Pimentel (2001, p. 189): *o tratamento dos dados*, “processo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações contidas nas publicações, desvelando seu conteúdo manifesto e latente.” Os fichamentos e informações encontradas a partir das descrições possibilitaram a separação de unidades de registros e contextos para eventual aplicação da análise de conteúdo.

3.1.1 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo foi desenvolvida a partir dos conceitos propostos por Laurence Bardin (2016). Para a autora, a análise de conteúdo é “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*” (BARDIN, 2016, p. 44, grifos da autora). Ela ressalta que o método de análise de conteúdo visa, a partir das mensagens estudadas, ao desenvolvimento de deduções lógicas e justificadas. A autora ainda acrescenta que “*a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)*” (BARDIN, 2016 p. 44, grifos da autora). O processo de análise de conteúdo em Bardin (2016) é organizado em três fases: “*pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação*” (BARDIN, 2016, p. 125).

3.1.2 Pré-análise

A pré-análise tem como objetivo a organização estrutural da pesquisa por meio de técnicas que delimitam explorar a amostra, levando em conta os objetivos e hipóteses que devem também ser formulados nessa fase. Bardin descreve que a pré-análise abarca três metas: “*a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final*” (2016, p. 125, grifos da autora).

Ponto inicial para a análise de conteúdo, a “*leitura flutuante*” é o primeiro contato do pesquisador com os documentos, é o momento para conhecer as fontes a serem analisadas. No caso de *O Diabinho*, no primeiro contato, foi notória a incidência de textos com temáticas sobre o contexto ouro-pretano nos oitocentos. A partir disso, constatou-se a probabilidade de analisar seu conteúdo por meio de uma qualificação dos textos que são pautados, mostrando, a

partir da visão do jornal, o ambiente político, econômico, social e cultural que se estabeleceu em Ouro Preto no século XIX. Desse modo, a partir da leitura inicial dos dados, formularam-se as hipóteses e objetivos propostos na pesquisa: analisar a narrativa do periódico, investigando ao longo das edições referências sobre as relações sociais, culturais e políticas que se estabeleceram em Ouro Preto no século XIX. Em consonância, o segundo objetivo ocupou-se de, por meio do jornal, projetar o contexto sócio-histórico em que se encontrava a cidade.

Bardin (2016), entretanto, pontua que a escolha dos documentos a serem analisados deve obedecer às seguintes regras: “Exaustividade”; “Representatividade”; “Homogeneidade”; “Pertinência”. A “Regra da Exaustividade” esclarece que, ao definir o corpus de análise, devem-se exaurir todos os componentes que o integram. Desse modo, “não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou aquela razão” (BARDIN, 2016 p. 126-127). Definiu-se, assim, que o *corpus* deste trabalho seria formado pelas 49 edições de *O Diabinho*, sendo 10 edições presentes no acervo da *Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (MG)* e 39 edições digitalizadas, disponíveis a partir do site *do Arquivo Público Mineiro*⁵.

A “Regra da Representatividade” diz sobre a seleção dos números de elementos para a análise. Segundo Bardin, a análise pode ser feita por amostragens, contudo, se esta “for uma parte representativa do universo inicial (2016, p. 127). Nessa pesquisa, pela quantidade das edições, optou-se por analisar as 49, já que “nem todo o material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio o universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (BARDIN, 2016, p. 127). Por isso, todas as edições foram verificadas, sendo codificados os textos que se enquadrassem nos objetivos delineados. Dessa forma, a pesquisa também se encaixa na “Regra da Homogeneidade” e na “Regra da Pertinência”. Por fazerem parte do mesmo universo, os elementos são coerentes e homogêneos, apresentando conforme Bardin (2016, p. 128), “critérios precisos de escolha” e não apresentando “demasiada singularidade fora dos critérios”. Do mesmo modo, o objeto de análise está concernente com o que se propõe o estudo, sendo, assim, pertinente.

⁵<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

3.1.3 Exploração do material

Concluída a primeira fase, acima descrita, parte-se para a segunda fase: a exploração do material “esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2016, p. 131). A autora define codificação como a transformação que, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, permite alcançar as características do texto e como estas podem atuar como índices.

Assim, a exploração do material induz a definições de categorias, identificando nos recortes dos textos as unidades de registro que correspondem à “unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2016, p. 134). Para a codificação de *O Diabinho*, as unidades de registro foram criadas a partir dos temas que orientaram a formação dos objetivos propostos na pesquisa na fase de pré-análise. Segundo Bardin (2016, p.135), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.” As unidades de registros nessa pesquisa corresponderam aos temas: política, melhoramentos da capital, religião e festividades.

Prosseguindo, ainda nessa fase, foram também determinadas as unidades de contexto: os parágrafos. Para Bardin (2016), as unidades de contexto são empregadas como unidades de compreensão para identificar as palavras que foram definidas como unidades de registro e “corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.” (p. 137). Essas unidades, foram agrupadas formando as categorias de codificação e análise do periódico em quatro grupos: Política; Administração Pública; Melhoramentos da Capital e Divertimentos.

3.1.4 Inferência e a interpretação

A terceira fase que corresponde ao tratamento dos resultados, a partir de inferência e interpretação, foi desenvolvida por meio de uma análise qualitativa que “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses” (BARDIN, 2016, p. 145). A partir dos resultados

obtidos pela análise de conteúdo, foram feitas inferências que possibilitaram delinear, pela perspectiva do jornal, como se constituíam as relações políticas, econômicas, sociais e culturais em Ouro Preto no século XIX.

3.2. *O Diabinho*: o que é e como é

A coleção microfilmada do periódico *O Diabinho*, presente no site do Arquivo Público Mineiro, possui as publicações datadas de: 22 dezembro de 1884 a dezembro 1885; maio de 1887; maio, junho, agosto, outubro e dezembro de 1888; e janeiro, março, maio, junho de 1889, totalizando 39 edições, sendo que a coleção do ano de 1885 é a única completa. Já na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa encontram-se outras dez edições que não foram microfilmadas: 2 de novembro de 1884; 27 de março de 1886 e 20 de setembro de 1886; 26 de junho de 1887, 5 de setembro de 1887 e 12 de outubro de 1887; 6 de junho de 1888 e 13 agosto de 1888; 28 de janeiro de 1889 e 13 de abril de 1889.

Possuindo dimensões que variam de 33 a 33,5 cm de altura e 23 a 26 cm de largura (formato fechado), o periódico na quase totalidade das edições localizadas (48) é composto por quatro páginas; a edição de nº 4 de 29 de junho de 1888 possui seis páginas, divididas em quatro colunas, nas quais os textos e seções são distribuídos, sendo separados e organizados por faixas verticais ou mesmo pela inserção apenas do título. *O Diabinho* é originário da freguesia de Antônio Dias, uma das 11 que compunham Ouro Preto no século XIX como consta em *O Recenseamento do Brasil em 1872* (BRAZIL, 1872), disponível nas Séries Históricas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em Vila Rica, uma freguesia era uma forma de assentamento organizado por meio da junção de vários centros demarcados. Essa marcação poderia ser pelo curso pluvial ou locais auríferos e também por zonas significativas do território, como no caso as matrizes de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, que delimitava a freguesia de Ouro Preto, e a de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, que delimitava a freguesia de Antônio Dias (GUERREIRO, 2000).

O periódico, segundo informações presentes nas edições de nº 3, de 6 de junho de 1888, e de nº 8, de 21 de setembro de 1888, circulava há cinco anos em Ouro Preto. Já nas edições de nº 2, de 19 de maio de 1888, e de nº 4, de 29 de junho de 1888, foi relatado que, por motivos não citados, *O Diabinho* deixou de circular por determinado tempo. De acordo com Silva (1989), a publicação do jornal foi interrompida por mais de cinco anos.

Com tipografia própria, informação ressaltada sempre no rodapé das últimas páginas do periódico – “*TYP. DO – DIABINHO – O. PRETO*”⁶ –, publicava-se pelo menos duas vezes por mês. Em sua primeira edição presente na Hemeroteca Histórica (2/11/1884), consta que as assinaturas custavam 3 mil réis por ano e 2 mil réis por seis meses⁷. Já nas suas outras 48 edições disponíveis, as assinaturas permaneceram com um valor de 5 mil réis por ano e 3 mil réis por seis meses⁸. As correspondências eram enviadas para a rua de Vasconcellos, nº 32 e rua do Calvário, nº 32, em Antônio Dias. Como consta no próprio jornal, a partir do dia 29 de junho de 1888, todas as cartas deveriam ser dirigidas a Eduardo Cintra. Em suas primeiras páginas, junto ao nome do jornal, em um subtítulo *O Diabinho* intitulava-se como “Órgão democrata e crítico”, assim como também deixava evidenciado que era elaborado por “Redactores diversos”. Seu frontispício, que até a edição de nº 17, de 2 de novembro de 1884, era somente o nome do jornal em caixa-alta e centralizado na página, passou a partir da edição de nº 1, de 22 de dezembro de 1884, a ser composto por um elemento iconográfico mais destacado – a figura de um pequeno diabo segurando uma pena da sua altura – e o título integrado a imagens de alguns animais, como discutido adiante.



Figura 2: Frontispício antigo de *O Diabinho*, 2 de novembro de 1884

Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Na edição de nº 6, de 25 de maio de 1887, há a informação de que seu proprietário era José P. de Mello e que, a partir daquela data, a direção e redação ficavam a cargo de Antônio de C. Brandão. Não há, seja no arquivo Público Municipal ou no Arquivo Público Mineiro, informações diretas sobre o proprietário e redator. Contudo, no *Registro de Devedores de*

⁶ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 2 nov. 1884. p. 4.

⁷ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 2 nov. 1884, p. 1.

⁸ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto) nº 2, 1 jan. 1885, p. 1.

*Ouro Preto -1888*⁹, consta que Antônio de C. Brandão era formado na escola de Farmácia de Ouro Preto e tinha uma farmácia na cidade, fato que é reforçado pelo anúncio exibido na edição de nº 7, de 26 de junho de 1887. Além disso, na edição de nº 3, de 6 de junho de 1888, menciona-se que ele era sobrinho de João José de Magalhães, o Barão de Ouro Branco¹⁰.

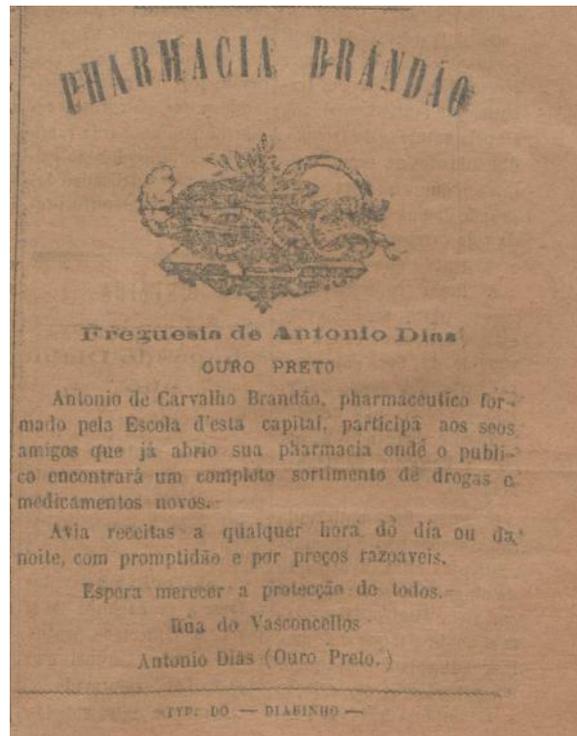


Figura 3: Anúncio Farmácia Brandão, 26 de junho de 1887

Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

No *Almanack. Administrativo. Mercantil. Industrial. Scientifico e Litterario do Municipio de Ouro Preto -1890*¹¹, consta também que o redator era dono de uma farmácia, a “*Pharmacia Brandão*”. Além disso, também está registrado que ele fazia parte da Secretaria da Polícia de Ouro Preto como oficial, era o Capitão Antônio de Carvalho Brandão, e que redigiu em 1890 a *Gazeta de Ouro Preto*¹². Sobre o proprietário de *O Diabinho*, José P. de

⁹ Arquivo Municipal de Ouro Preto – Registro de Devedores -1888, CX-17; L-07; CG – 0881

¹⁰ João José de Magalhães era de uma família importante de Portugal, por isso, foi agraciado por decreto de Dom Luís I, de 10 de novembro de 1881 e alvará de Mercê Nova de 10 de dezembro de 1882, como o 1º Visconde de São Clemente de Basto, Arcebispado de Braga, Portugal. RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL (PINTO, 1885, p.549). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or77052/or77052.html#page/1/mode/1up>. Acesso em: 26 de nov. 2019.

¹¹ Biblioteca Nacional – Almanack Administrativo. Mercantil. Industrial. Scientifico e Litterario do Municipio de Ouro Preto – Anno I – 1890 –Manoel Ossori.

¹² Criado em 25 de janeiro de 1888, periódico Literário e Noticioso, tinha como proprietário Modestino Elesiario de Arnide e gerente Antonio Alvares Antunes. Publicado quatro vezes ao mês trazendo em sua maioria

Mello, no *Registro de Devedores de Ouro Preto – 1888*, seu nome é listado como comerciante de produtos brasileiros. Aparecendo também no mesmo *Almanaque*, José Polycarpo de Mello é apresentado como compositor e margeador do *Liberal Mineiro*¹³.

Usando do estilo literário sátira, *O Diabinho* cria referências da ação ali descrita por meio da linguagem em curso, produzindo informações sobre personagens e instituições e sua relação com o contexto em que estão inscritos. Os textos em seus aspectos de organização interna misturam frases em português com sentenças latinas e francesas, também como recursos para evidenciar e reforçar a argumentação crítica. Há também a inserção de lendas dentro da narrativa como forma de atenuar o dito. Com uma grafia antiga, os textos trazem o registro de uma língua portuguesa-brasileira com palavras que já se encontram em desuso ou sofreram alterações ortográficas.

Com a predominância textual, sendo a questão imagética marcante na composição do nome do jornal nas primeiras páginas, as edições se destacavam pelo uso do humor satírico para criticar e também revelar as questões sociais, principalmente o modo de fazer política na cidade de Ouro Preto dos oitocentos. Por meio da quantificação do conteúdo textual das 49 edições de *O Diabinho*, foi possível classificar as seções que mais apareceram, a relação dos autores dos textos apresentados, o conteúdo e também algumas especificidades do periódico. O **Quadro 1** exemplifica as seções mais recorrentes nas 49 edições.

literatura e também notícias; apresentava-se como não aliado a nenhum partido político. Arquivo Público Mineiro – Jornais Mineiros (A Gazeta de Ouro Preto). Disponível em:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php?query=&ordenar=10&asc_desc=10&dtini1=1870&dtini2=1888&action=showall&andor=AND&start=4320>. Acesso em: 26 de nov. 2019.

¹³ Criado em 5 de janeiro de 1882, o órgão do Partido Liberal e anti-escravocrata era oponente do jornal conservador A Província de Minas de José Pedro Xavier da Veiga, também ouro-pretano. De propriedade de Carlos Gabriel Andrade, Barão de Saramenha, foi passado em novembro de 1885 a Bernardo Pinto Monteiro. Com periodicidade de três vezes por semana, tratava em sua maioria do noticiário político. Fundação Biblioteca Nacional – Catálogo de Periódicos Microfilmados (Liberal Mineiro). Disponível em: <http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=mic_pr&db=mic&use=procedmatriz&rn=3&disp=card&sor t=off&ss=22422328&arg=apm>. Acesso em: 26 de nov. 2019.

DATA	O Diabinho	Missellanea	Chapas do Diabinho	Noticiario	A Pedido	Critica
2/11/1884	X	X		X		X
22/12/1884	X	X	X	X	X	
1/1/1885	X	X	X	X	X	X
23/1/1885	X	X	X	X	X	X
08/2/1885	X	X			X	X
27/2/1885	X	X		X	X	X
11/3/1885	X	X		X	X	X
21/3/1885	X	X		X	X	X
1/4/1885	X	X	X	X		X
17/4/1885	X	X	X			X
3/5/1885	X	X	X	X	X	X
12/5/1885	X	X		X	X	X
21/5/1885	X	X	X	X		X
13/6/1885	X	X	X	X	X	X
2/7/1885	X	X		X	X	X
15/7/1885	X	X	X	X		X
27/7/1885	X	X		X		X
5/8/1885	X	X	X	X		X
19/8/1885	X	X	X	X	X	X
4/9/1885	X	X	X	X	X	X
19/9/1885	X	X		X		X
3/10/1885	X	X	X	X		X
16/10/1885	X	X	X	X	X	X
5/11/1885	X	X		X	X	X
22/11/1885	X	X	X	X		X
12/12/1885	X	X		X	X	X
27/3/1886	X	X		X		X
20/9/1886	X			X		X
25/5/1887	X			X		X
26/6/1887	X	X				X
5/9/1887	X	X	X	X		X
12/10/1887	X	X		X		X

DATA	O Diabinho	Missellanea	Chapas do Diabinho	Noticiario	A Pedido	Critica
19/5/1888	X	X	X	X	X	X
6/6/1888	X	X	X	X		X
29/6/1888	X	X	X	X		X
13/8/1888	X	X	X	X	X	X
24/8/1888	X	X	X	X		X
21/9/1888	X	X		X		X
16/10/1888	X	X		X		X
31/10/1888	X	X		X	X	X
6/12/1888	X	X		X		X
1/1/1889	X	X		X		X
28/1/1889	X	X		X		X
15/2/1889	X	X		X	X	X
28/2/1889	X	X		X	X	X
16/3/1889	X	X		X		X
13/4/1889	X	X		X		X
13/5/1889	X	X		X		X
5/6/1889	X	X			X	X

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 1: Seções mais publicadas nas edições de *O Diabinho*

O Diabinho apresenta como característica a continuação e retomada de assuntos pautados nas edições anteriores. Em vista disso, essas seções e o restante do conteúdo do jornal trazem como temas principais a crítica à rotina da cidade, sendo simbolizadas as formas das organizações políticas; a infraestrutura urbana e a economia; as relações pessoais; as festividades e divertimentos. Os personagens dos textos vão desde o político até o mercado da cidade. Sem uma linearidade na disposição do texto nas colunas do jornal, essas seções se estruturam conforme a extensão do assunto pautado. Elas também refletem integralmente, por meio da crítica e seus operadores (humor, ironia, termos depreciativos, animalização de personagens, provérbios), os temas, a linguagem e os personagens presentes nos outros textos que compõem o periódico.

A seção *O Diabinho* pauta o contexto político, social, econômico e cultural ouro-pretano. Nela, são avaliados os seguintes temas: as eleições, as obras de melhoramento da capital, a higiene e alimentação pública, as reuniões da Câmara Municipal, as questões abolicionistas, o comércio, a educação, a corrupção, os privilégios, a religião, os impostos, a reforma agrícola, a administração pública, as repartições fiscais, as datas comemorativas, o carnaval e os memorandos. Os personagens citados são: os representantes do município, os cabos eleitorais, fiscais, os empresários, os religiosos, os trabalhadores, os animais, a vizinha, a casa da vizinha, as calçadas, o açougue; enfim, seres animados e inanimados que estão inseridos no contexto, econômico, sócio-cultural e político ouro-pretano nos oitocentos.

Misselanea, como o próprio significado da palavra – mistura de várias coisas; mistifório¹⁴ –, traz uma carta onde seu autor, José Matraca, figura presente nas reuniões da câmara, comícios e festas políticas, discorre de forma mesclada sobre a cena política da capital de Minas. Desse modo, estão presentes em seus textos os políticos, os ouro-pretanos participantes da vida política da cidade e os bajuladores da administração pública.

Chapas do Diabinho apresenta uma singularidade: em algumas edições¹⁵ ela está inserida dentro da seção *Critica*. A princípio, não é evidente o porquê de *Chapas do Diabinho* vir em algumas edições como seção autônoma e, por vezes, dentro de outra. Contudo, assim como *Critica*, ela traz como conteúdo a reflexão de questões comentadas na cidade de Ouro Preto e Mariana. Introduzida pela frase *Rosnã por ahí*, e prosseguindo com a palavra *...que*, *Chapas do Diabinho* fala sobre educação, religião, política, cultura, segurança pública e sobre a imprensa, aparecendo no texto como personagem o próprio periódico: *O Diabinho* é muitas vezes testemunha ou até é o culpado dos episódios retratados.

Rosnã por ahí:

Que na procissão de Passos em Marianna por pouco, a vista da formal recusa da *Euterpe*, não havia motetos;

Que o *Diabinho*, segundo dizem as fogueteiras foi o culpado do Zé Americo imbirrar, e declarar que tinha motetos para cantar na Passagem e não para Marianna;

[...]

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 9, 17 abr. 1885. p. 3)

¹⁴ MISCELÂNEA. Def 3. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

¹⁵ As edições observadas são as seguintes: 15ª, de 15 de julho de 1885. p. 4; 17ª, de 5 de agosto de 1885. p. 3; 18ª, de 19 de agosto de 1885. p. 3; 19ª, de 4 de setembro de 1885. p. 2; 20ª, de 19 de setembro de 1885. p. 3; 21ª, de 3 de outubro de 1885. p. 4; 22ª, de 16 de outubro de 1885. p. 2; 7ª, 26 junho de 1887. p. 3.

Estruturada em um título ou em mais de um, *Critica*, assim como as seções *O Diabinho* e *Chapas do Diabinho*, analisa e avalia o comportamento da população ouro-pretana, os atos de corrupção, a malandragem, o clientelismo, as eleições e comícios políticos, os remetentes do jornal que não pagam pela publicação, os problemas de infraestrutura da província, a escravidão, a cultura, a imprensa e a igreja.

Noticiario, outra das seções mais recorrentes, às vezes trazendo uma notícia e outra vezes mais de uma, se pronuncia sobre acontecimentos de Ouro Preto e também de outras localidades: naufrágios, resultado de eleições na capital da Província de Minas, construções, os problemas da água, óbitos, programação cultural e lançamentos de livros e novos jornais, visitas à sede de *O Diabinho* e à cidade de Ouro Preto, assuntos policiais, as festas e eventos ocorridos na capital. Apesar de ser uma seção de notícias, nela as ocorrências não estão escritas apenas de forma informativa, mas há também a inserção de análises e juízos no decorrer do texto.

Tratando de solicitações e requerimentos de trabalhadores, autoridades e da população da cidade de Ouro Preto, a seção *Pedidos*, traz reclames de obras, informes do jornal, respostas a matérias do próprio *O Diabinho* ou de outros periódicos, agradecimentos, acerto de dívidas, horário de reuniões, poemas e diálogos. Os textos dessa editoria vêm em sua maioria assinados.

As colunas A Pedido eram um espaço aberto aos leitores dispostos a fazer censuras e críticas ao governo provincial e à administração municipal, sem assinatura ou assinado por um nome suposto. Essas matérias de críticas severas normalmente eram assinadas por pseudônimos (SILVA, 1989, p. 70).

Em relação à autoria dos textos em *O Diabinho*, tem-se a frequência de alguns nomes mais recorrentes ao longo das edições, como mostra o **Quadro 2**.

Edição / Data	Autores / Seções / Textos								
	Jose Matraca	K. Lado Junior	K. Mello	O Exilado	Jacuba do Boi da Manta	Asmodeu	Junior	Memorias de um Condenado	Xixico
17ª- 2/11/1884	Carta 13	Ao Fiscal	Plaza del toros						
1ª-22/12/1884	Misselania - Carta 16								
2ª-1/1/1885	Misselania - Carta 17		Devanear		Nhonho Rodriguinho				
3ª-23/1/1885	Misselania - Carta 18		O Diabinho					Os Estribos de São Jorge Fogos Dialogo	
4ª-8/2/1885	Misselania - Carta 19		Carnaval		Rodriguinho dos meus pecados			Aos Meos Amigos do 1 districtos	
5ª-27/2/1885	Misselania - Carta 20								
6ª-11/3/1885	Misselania - Carta 21	A pedido Marianna							
7ª-21/3/1885	Misselania - Carta 22	Questão Grammatical							
8ª-1/4/1885	Carta 24	Marianna				Atraves de Aristarco			
9ª-17/4/1885	Misselania - Carta 24	Tollitur Questio				Aristarcho			
10ª-3/5/1885	Misselania - Carta 25				A Pedido				
11ª-12/5/1885	Misselania - Carta 25				Critica (Hosana)		Folhetim		
12ª-21/5/1885	Misselania - Carta 26	A Lingua da Vizinha							
13ª-16/6/1885	Misselania - Carta 28		Critica (Pobre S. Jorge)						
14ª-2/7/1885	Misselania - Carta 29		A Camara				Folhetim		

Edição / Data	Autores / Seções / Textos								
	Jose Matraca	K. Lado Junior	K. Mello	O Exilado	Jacuba do Boi da Manta	Asmodeu	Junior	Memorias de um Condenado	Xixico
15ª-15/7/1885	Misselania - Carta 30								
16ª-27/7/1885	Misselania - Carta 31	Um Achado					Folhetim		Attendite
17ª-5/8/1885	Misselania - Carta 31					Bilhete Postal			Attendite
18ª-19/8/1885	Misselania - Carta 32								
19ª-4/9/1885	Misselania - Carta 32								
20ª-19/9/1885	Misselania - Carta 36	Telegraphaico					Concerto da Philharmonia Ouro - Preto		
21ª-3/10/1885	Misselania - Carta 37	Negocios da Igr. de S. Francisco de Assis							
22ª-16/10/1885	Misselania - Carta 38								
23ª-5/11/1885	Misselania - Carta 39		Circo Equestre						
24ª-22/11/1885	Misselania - Carta 40								
25ª-12/12/1885	Misselania - Carta 41				Meo Rodriguinho	Perfil a Carvão de um Typão			
7ª-27/3/1886	Misselanea - Carta 48								
4ª-26/6/1887	Misselanea - Carta 66	Theatro	Ponte do Funil						
9ª-5/9/1887	Misselanea - Carta 66								
10ª-12/10/1887	Misselanea - Carta 68								
2ª-19/5/1888	Miscelania - Carta 2								
3ª-6/6/1888	Misselanea - Carta 3	O Cangere							

Edição / Data	Autores / Seções / Textos								
	Jose Matraca	K. Lado Junior	K. Mello	O Exilado	Jacuba do Boi da Manta	Asmodeu	Junior	Memorias de um Condenado	Xixico
4ª-29/6/1888	Misselania - Carta 4	Banquete Político							
6ª-13/8/1888	Misselanea - Carta 6	Folhetim							
7ª-24/8/1888	Misselania - Carta 7	Folhetim							
8ª-21/9/1888	Misselania - Carta 8	Folhetim	Melhoramento da Capital	Echos					
9ª-16/10/1888	Misselania - Carta 9	Folhetim	Theatro	Critica (Echos)					
10ª-31/10/1888	Misselania - Carta 10		Critica (Como é tolo)	Echos					
11ª-6/12/1888	Misselania - Carta 11		Critica (Como é tolo)	Echos					
12ª-1/1/1889	Misselania - Carta 12	Parolices		Echos					
13ª-28/1/1889	Misselanea - Carta 31	Folhetim		Echos					
14ª-15/2/1889	Misselania - Carta 14	Beliscos e Beliscoes							
15ª-28/2/1889	Misselania - Carta 15			Echos					
16ª-16/3/1889	Misselania - Carta 16								
17ª-13/4/1889	Misselanea - Carta 13								
18ª-13/5/1889	Misselania - Carta 18								
19ª-5/6/1889	Miscelania - Carta 19								

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 2: Autores mais recorrentes em *O Diabinho*

É possível observar que as assinaturas eram todas pseudônimos, o que não é incomum dado o conteúdo crítico de *O Diabinho*. Como aponta Silva (1989, p. 71), “talvez para a sua proteção, as críticas mais ferinas eram assinadas por pseudônimos como Ktullo, K mello e José Matraca”. Outro ponto é que o próprio pseudônimo escolhido como forma de proteção também possuía intrinsecamente um duplo sentido, um tom sarcástico que era complemento dos textos e das críticas inseridas neles. Por exemplo, José Matraca trazia o mimetismo de seu autor, que sempre presente nos acontecimentos políticos da região, assinava *Misselanea*, transformando-se agora em O José Matraca, um crítico da política que tinha a necessidade de falar, de ser uma “*Matraca*”¹⁶ e tagarelar por meio de *Misselanea* esses acontecimentos, deixando os leitores a par da situação política ouro-pretana.

José Matraca assina recorrentemente um único texto em 48 edições, não aparecendo apenas nas edições de nº 17, de 20 de setembro de 1886, e de nº 6, de 25 de maio de 1887. Em segundo lugar, assinando um mesmo título em sete edições, O Exilado e por último, vindo em duas edições, XiXico. Já os outros são autores de diversos textos, a exemplo, K. Lado Junior, que assina textos com temáticas variadas e que não deixam de ser críticos. Ou mesmo, como o pseudônimo Junior que assina em sua maioria um texto fixo, *Folhetim*, e, mais um outro distinto, *Concerto da Philharmonia Ouro-Preto*. Há também casos em que, na mesma edição, um autor escreve mais de um texto como o pseudônimo Memórias de um Condenado que na 3ª edição de 23 de janeiro de 1885 assinou *Estribos de São Jorge, Fogos e Diálogos*.

Examinando as 49 edições de *O Diabinho*, além de crítica, também se publicavam poemas, a maioria enviados pelos leitores, e contos sobre a forma de folhetim que teve a sua primeira publicação na 11ª edição, do dia 12 de maio de 1885, se estendendo por mais 15 edições. Alguns vêm assinados, outros não, ou são publicações de contos famosos como a versão de Jean-Jacques Rousseau do conto *O Levita de Efraim*.

Os Folhetins tinham um lugar próprio nas páginas de *O Diabinho*, se estruturando horizontalmente na folha permaneciam com a divisão em quatro colunas, característica do layout do jornal. Separados dos outros conteúdos por fios, o que fazia com que os outros textos fossem encaixados na folha sendo guiados por sua estrutura, geralmente vinham entre duas e três páginas do jornal, ora se iniciando na primeira, ora na segunda e terceira páginas.

¹⁶ Def 4. FIG, COLOQ. Pessoa que fala muito, que é muito loquaz; falador, linguarão, tagarela. MATRACA. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

3.2.1 Imagens

Com a predominância textual, *O Diabinho* não traz muitas ilustrações. Uma composição ilustrativa textual chama atenção na edição de nº 17, de 20 de setembro de 1886. Diferente das outras edições, essa parece trazer uma capa temática onde é abordada uma matéria sobre uma festa industrial ocorrida na cidade de Juiz de Fora. O texto não é distribuído de forma linear na página, quebrando assim a característica de uma estrutura dividida em 4 colunas. Nessa primeira página, o texto se comporta seguindo a direção em que as frases formam uma imagem em forma de ampulheta.

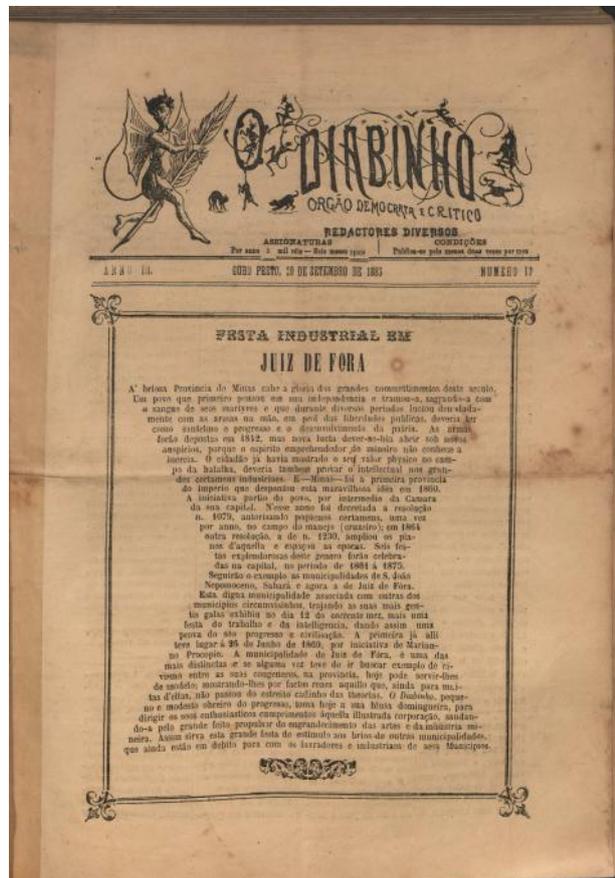


Figura 4: Página de configuração temática de *O Diabinho*, 26 de junho de 1887

Fonte: Biblioteca Pública Estadual Juiz de Bessa

A seção *Telegrama*, presente em algumas edições, apresenta a ilustração de um ícone de um diabo com o braço esquerdo levantado tendo em sua mão uma correspondência; com a perna esquerda erguida em relação à direita, produz um movimento dando a impressão de estar correndo para levar a carta.

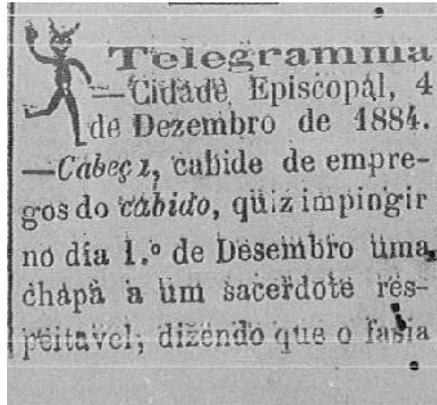


Figura 5: Ícone da Seção *Telegrama*, 22 de dezembro de 1884

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

A seção *Outro* também traz uma imagem de um boneco com as mãos na cintura, como uma projeção de sua silhueta, que relacionado ao título reproduz um esboço de quem seria ou do que seria esse Outro.



Figura 6: Ícone da Seção *Outro*, 22 de dezembro de 1884

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

Os únicos anúncios ilustrados nas edições são os referentes à reforma de chapéus femininos – nele tem-se a imagem de um chapéu – e o do desaparecimento de uma cachorra em que, substituindo um título, é inserida a ilustração do animal. Especificamente há na edição de nº 9, de 17 de abril de 1885, na seção *Aristarcho* uma imagem de um anjo em pé com a cabeça debruçada em uma lápide, ilustrando o luto informado no texto.



Figura 7: Aristarcho, 17 de abril de 1885

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

Já na 6ª edição, de 25 de maio de 1887, uma imagem que parece representar etiquetas para presentes: uma rosa e suas folhas, na qual em uma delas, em tamanho muito maior que a própria rosa, traz inscrições textuais. Na primeira página da edição de 25 de maio de 1887 lê-se: AO DR. GOUVÊA, DIRETOR GERAL/ DE OBRAS PUBLICAS. Essa imagem abre a seção *O Diabinho* e também finaliza um outro texto, “*Obras Públicas*”, na página dois da mesma edição, porém, os dizeres mudam: O GRUPO ZÉ E O GRUPO VEIGA PARTICIPAÇÃO A V.S. A SUA UNIÃO. Em continuidade, a edição de nº 2, de 19 de maio de 1888, também possui no início da primeira página do jornal a ilustração da mesma rosa em que em uma de suas folhas contém a inscrição: O DIABINHO ENVIA O SEU CARTÃO DE PARABÉNS AOS NOVOS CIDADÃOS.



Figura 8: Rosa, 19 de maio de 1888

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

As edições de nº 11, de 6 de dezembro de 1888, e de nº 16, de 16 de março de 1889, trazem as primeiras ilustrações com referências críticas. Na 11ª edição, fazendo parte da seção *Noticiario*, a imagem satírica ilustra um personagem do texto por meio da representação de

uma mosca. Na 16ª edição, também inserida na seção *Noticiario* com o título *Camara Municipal*, as figuras satíricas ilustram o contexto da reunião da Câmara por meio de vários animais.



Figura 9: Primeiras ilustrações com referências críticas

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Jornais Mineiros – <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

Apesar de não trazer tantas ilustrações, as imagens mais marcantes de *O Diabinho* são as que formam a composição do frontispício do jornal: antecedendo o título, há a imagem de um diabo, montado em uma pena. Perpassando o nome do jornal, em menor tamanho, várias figuras animais (diabos, cães, sapos) associam caracteres à figura do Diabo.



Figura 10: Frontispício de *O Diabinho*, 27 de março de 1886

Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

O próprio conjunto que forma o nome *O Diabinho* já reflete o conceito do jornal, no qual se tem o uso de um vocabulário mais exaltado e metafórico, com atribuições de animais no discurso crítico, que são marcas dos jornais do século XIX.

Nos meios de difusão como a imprensa do princípio do século XIX, encontram-se com frequência diversas imagens que começam invariavelmente por expressar uma lógica baseada na supremacia da razão, vista como atributo humano essencial. Trata-se, assim, de uma crítica a tudo que parece ser irracional. Múltiplas metáforas “zoológicas” povoavam a discussão pública. Entre essas imagens, algumas se fixaram e tornaram-se quase institucionalizadas no vocabulário da época (MOREL, 1999, p. 252).

Seu nome, inclusive, é um epíteto para Satanás e essa nomenclatura pode indicar, como comumente toda representação que o simboliza, algo ruim. Em uma sociedade como a ouro-pretana, que se formou sobre bases católicas, isso poderia trazer o afastamento dos leitores, mas, analisando o conteúdo de *O Diabinho*, é possível notar que ele faz referência a uma figura do Diabo que se aproxima da que é expressa no Romantismo, conforme expõe Nogueira:

O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso, ciência, vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressas nas feições tradicionais do Diabo. (...). E o demoníaco torna-se o símbolo do Romantismo: demoníaco como paixão, como terror do desconhecido, como descoberta do lado irracional existente no homem: a explosão da imaginação contra obstáculos excessivos da consciência e das leis (NOGUEIRA, 2000, p. 104-105).

O Diabinho carrega em seu registro informativo e em seu texto referências da conjuntura histórica de Ouro Preto nos oitocentos. Desse modo, por meio do contexto da sociedade ouro-pretana tratada em suas publicações, é possível inferir como o jornal olhava para esse universo e construía textualmente em suas páginas uma versão das configurações políticas, sociais, culturais e econômicas da cidade naquele tempo.

3.3. *O Diabinho* narrando Ouro Preto: imagens da política, da sociedade, da economia e da cultura

O Diabinho em suas edições narra que os laços familiares e de amizade conduziam a vida em Ouro Preto, eram como elos principalmente na política e administração pública. A ascensão social, como evidência o periódico, era tramada por redes de concessões que monopolizavam as posições de *status*. Desse modo, as ligações pessoais garantiam cargos políticos, empregos na administração pública, favores e proteção. As dependências políticas e econômicas uniam as famílias que não tinham prestígio à elite, e eram também o meio que as projetavam no cenário político, social e econômico da cidade.

[...], dous annos e tanto eram mais que sufficientes para se reformarem todas as repartições da Capital, ainda mesmo que os Padrinhos tivessem de *habilitar seus afilhados* para *dignamente* exercerem as funcções do cargo que por sorte lhes coubesse.”

[...]

Todas as promoções, bem como as nomeações á excepção das de praticantes, isto mesmo em pequeno numero, basearam-se no *mérito*, isto é, na proteção, condição essencial neste desgraçado paiz para supprir toda e qualquer outra qualidade.

[...]

Entretanto é inqualificavel a introducção de um cidadão estranho ao serviço da repartição, como chefe de secção, porque, por mais hábil e instruido que elle seja, tão cedo não poderá desempenhar as funcções do cargo, uma vez que lhe falta a qualidade indispensável, – a pratica. –

[...]

Resulta, pois, de tudo isto que a provincia vem a soffrer graves prejuízos; porque de um lado temos empregados habeis, de longa pratica carregados de serviços, preteridos por individuos que, como merito e aptidão para o desempenho das funcções dos cargos que passam a exercer, apresentam unica e exclusivamente a qualidade – protegidos , – tornando-se mui naturalmente desgostosos e sacrificando-se, portanto, menos no desempenho de seus cargos: de outro lado, os recém - nomeados que, por sua reconhecida ignorancia e falta de pratica, não serão funcionarios publicos sinão no dia primeiro de cada mez, isto é, verdadeiros pensionistas.

Pobre provincia!

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 14, 15 de fev. 1889. p. 2)¹⁷

Nas páginas de *O Diabinho*, as organizações burocráticas eram formadas por meio do clientelismo, em que o compadrio, principalmente o familiar, era o responsável pela nomeação de cargos na administração pública. Em consequência desse sistema de proteção, frequentemente alvo de críticas do jornal, a administração ficava a cargo de pessoas ineficazes

¹⁷ Todos os grifos/destaques nas transcrições do jornal constam do texto original.

para os serviços já que havia a subtração dos empregos das pessoas que passavam nos concursos.

Pouco me importa, Srs. Chefes, que, para encartar-se um cidadão que vai ser GENRO, logar muito conspicuo, se atirasse ao lado um empregado, conhecedor do serviço da repartição honesto, trabalhador e considerado filho exemplar, que conquistou o logar sujeitando-se aos rigores de um concurso.

O que realmente eu sinto, Srs. Chefes, é que não se tivesse encartado o futuro genro, de uma feita, no emprego de Diretor, que é mais rendoso e convem mais a quem vai, com o casamento, ser armado cavalheiro e receber A MERCÊ DE FIDALGO.

Agora um conselho ao Carlos Cintra, 3.º official adido: Arranje um sogro, que poderás ainda voltar ao quadro de que fosse arrancado.

Nas outras classes tambem se deram injustiças e estas por amor do filhotismo, prejudicando-se a empregados antigos, inteligentes para dar entrada a filhos, genros e irmãos dos homens da actualidade. Isto não significa cousa alguma.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 14, 15 de fev. 1889. p. 3)

Na edição de nº 8, de 21 de setembro de 1888, depreende-se novamente como os pedidos de empregos e o apadrinhamento eram maléficis para a cidade. Como relatado pelo jornal, os correios, empregando mais afilhados do que necessitavam, pois não havia tanta demanda, prestavam um serviço ineficaz porque os novos empregados não eram qualificados para desempenharem as funções às quais eram destinados, visto que estavam ali somente pela proteção de seus padrinhos.

*Post tantos tantosque labores*¹⁸, está finalmente completo o povoamento dos correios.

Ainda assim a confraria de pedintes não ficou extinta e o correio em lugar de melhorar com o povoamento conserva-se e conservar-se-ha no mesmo pé em que estava nos tempos em que o serviço era desempenhado por uma meia duzia de empregados; tal foi o criterio que presidio a escolha do pessoal, sem offensa a parte que tem consciencia de si.

Aquilo Srs. Chefes não é uma repartição publica é uma colmeia. Ao meio dia reina ali *um Zum Zum* medonho.

Não ha serviço: portanto o novo Contador que é entendido em serviço publico o que deve fazer é abrir uma escola de primeiras letras e ir com vagar preparando alguns dos novos praticantes para quando apparecer serviço saberem fazel-o.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 8, 21 de set. 1888. p. 3)

¹⁸ Provável referência a "*post tot tantosque labores*", que significa "depois de tantos e tão grandes trabalhos". A locução latina deriva do livro da *Eneida*, proferida por Virgílio para falar dos tormentos e dificuldades vividos por uma pessoa. *POST TOT TANTOSQUE LABORES*. In: DICIONÁRIO online Priberam, 29 nov. 2019. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em 29 nov. 2019. A expressão na edição pode ter sido alterada para *Post tantos tantosque labores* para dar conotação jocosa a propósito de ressaltar o tanto de pessoas contratadas e também contradizer que, ao invés de tanto esforço e grande trabalho, essa contratação numerosa foi rápida e a admissão foi efetuada por critérios de amizade.

O Diabinho menciona que as relações de favorecimento, troca de favores e proteção repercutiam também no momento de substituição de governo, pois implicavam, do mesmo modo, em uma troca na administração pública. Como cita o periódico, como o sistema era movido pelo apadrinhamento, uma eleição trazia consigo novos pretendes aos cargos administrativos. Comparando a troca de governo à dança em um salão, na qual cavalheiros disputavam a mão das donzelas para uma dança, na edição de nº 19, de 4 de setembro de 1885, **O Diabinho** narra como acontecia toda essa permutação:

Depois da *contra dança* de 19 da corrente quinzena, espera-se a todo momento as competentes mutações com os gritos de *changez*¹⁹ que partem dos *mestres sala!*

Os que subirão estão firmes como novatos ou aprendizes de danças atentos á vóz de *changez-tour*²⁰ e outras marcas inventadas pelo genio taful²¹ dos dançarinos.

Os que cairão esperão com *desdém apparente* a voz do mestre sala: - *Passeio da roça; galope outras.*

Em todo caso, está formada a dança; resta somente saber quem encontra par e quem não encontra.

Alguns vão submissos pedir a honra de uma quadrilha as damas rainhas da festa, as mais lindas no baile e afinal desenganados de merecer tão subida honra, baixão as suas aspirações e contentão-se assim – *mamados* –, com o *refugium peccatorum*²² dos bailes -, os vigesimos e as velhas em mau uso.

Como não hade acontecer assim si existem 40 damas (empregos) e 276 cavalheiros (pretendentes)?!

E depois dizem que o paiz é essencialmente agrícola!

O pais o que é, e estamos vendo, é essencialmente - *pretendente* - ou essencialmente versatil.

(**O Diabinho**, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 19, 4 de set. 1885. p. 1)

Se referindo à situação da mudança administrativa como “*Derrubada*”, **O Diabinho** mostra como a ocupação de um cargo era disputado pelos vários apadrinhados dos novos dirigentes. Por meio dos discursos dos políticos que repassaram seus cargos, a edição de nº 21, de 3 de outubro de 1885, conta como que, com uma nova administração, havia a

¹⁹ Def 1. Mudar, alterar, inverter, modificar, transformar. CHANGE. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²⁰ Def 5. Volta, giro. TOUR. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²¹ Def 3. FIG. O que conhece bem o seu ofício. TAFUL. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²² Refúgio dos pecadores. Essa expressão provém das Litanias de Nossa Senhora, em que a virgem é invocada como aquela em cujo seio se refugiam os míseros pecadores arrependidos, para obterem a sua intercessão e, portanto, o perdão de Deus. REFUGIUM PECCATORUM. In: TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

substituição de muitos apadrinhados para que a nova leva de políticos distribuíssem os cargos a pretendentes de seus interesses.

A Derrubada (subentenda-se aqui umas letras garrafais) que tanto apavora ao próximo credulo...

Duas mil autoridades derrubadas pelo actual, este aquelle Presidente, quando se devia dizer 2:000 favores feitos aos typos que exercião essas baboseiras!”

[...]

A porporção foi feita por um engenheiro assim:

Um emprego está para 20, assim como um osso para 30 cães.

Aqui não há $-x$; conhecido o numero dos empregos está *ipso facto*²³, também conhecido o numero de pretendentes ou de cães pretendentes aos ossos conhecidos, o que dá na mesma pataca.”

[...]

Entre lagrimas e soluços teve lugar a despedida dos lycurgos.

Dr. Calemós o mais graduado delles dirigio aos presididos a formula seguinte:

Srs. Estão findas as nossas arengas parlamentares!

Muito poucos dos meus (*referindo-se a maioria*) terão de aqui voltar; eu, graças a elles já tenho no centro executivo do meu partido em que empregar o tempo de ferias desta sallinha e da cadea velha, que para dizer a verdade não sei quando as verei.

Assim pois, está encerrada esta legislatura, com todo *sentimento e com pesar de a deixar*.

[...]

Dr. Goiabada: Pois eu ainda sou candidato á esta cadeira. Sou moço bonito, sympatico estou com o leme da *canoa* e sou *quebra-dua*. Tenho duzentos parentes eleitores, tio Leonardo e mano Antonio, que me sustentão.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 21, 3 de out. 1885. p. 2)

O Diabinho expõe que as disputas eleitorais eram permeadas por intrigas partidárias, privilégios em troca de votos, aproximações políticas em que os interesses pessoais estavam acima do bem público sendo que: “[...] todos os meios são licitos para o triumpho das *ideas inscriptas nas bandeiras*”²⁴. Como consequência, o periódico mostra que a população ouropretana, durante as eleições, era envolvida em tramas políticas: ameaçados, instigados, seduzidos e enganados.

O Diabinho (papel) assistio frio e calmo aos mil episodios que se derão de um e outro lado; as intrigas forjadas para a occasião, as pases feitas entre as familias politicas; emfim o *Diabinho* tudo vio, e tomou nota; deve calar-se ?

[...]

[...] o povo não é soberano em *cousa nenhuma*; é mero instrumento das ambições de quem encherça ou *aspira* encherçar mais do que ele, por quanto:

²³ Por isso mesmo; por consequência. IPSO FACTO. In: LUIZ, Antônio Filardi. **Dicionário de expressões latinas**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

²⁴ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 23 de jan. 1885. p. 2

1.º E' explorado por todos os meios, sendo os mais usados, o medo, a fraquesa e ambição;

2.º A corrupção, a ameaça, as ciladas;

Nas primeiras hypotheses os cabalistas desfechão sobre o infeliz eleitor descargas furiosas de palavras assustadoras, annuncião o terminio das situações politicas, as vinganças provaveis da que succeder aquellas, ou então promettem mundos e fundos, e eis o papalvo²⁵ enleiado²⁶ na rede da cabala²⁷.

Nas segundas a cousa muda de figura os cabalistas mudão de tática; tratão de *sondar* o modo mais certo e offerecem dinheiro para votar ou ficar em casa; pede um amigo da *victima* recommendações manda pagar uma divida; ameação com demissão, com citações, furtão diplomas, arranjo chapas com os nomes trocados, emfim na cabala apparecem cousas que o diabo, mesmo depois de formado, não se lembraria; todos cabalão divergindo apenas no *modus faciendi*²⁸.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 23 de jan. 1885. p. 1)

Para o jornal, a cidade era cercada por uma farsa eleitoral com o voto forçado, fraudulento e manipulado: os candidatos, para garantirem vitória, “tramão contra os seus competidores e contra os eleitores; inventão meios de *empastelar* áquelles, fazem promessas adredes²⁹ votadas ao esquecimento á estes&&”³⁰. Até mesmo cartas de liberdade como declara *O Diabinho* eram distribuídas em troca de votos:

Emfim Srs. Chefes, os festejos estiverão ultra succulentos; eu fiquei todo derretido como alfinin³¹ (sem crítica) quando vi com estes que a terra hade comer, a distribuição de cinco cartas de liberdade! Hurrah! Tres vezes hurrah!

Um dos libertos já possui os meios de ser eleitor, de modo que foi restituído á sociedade preparado para exercer os seus direitos.

Factos dessa ordem constituem um real triumpho não só para quem os pratica, como para quem delles tira os proventos.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 8 de fev.1885. p. 2)

²⁵ Diz-se de ou indivíduo ingênuo, que acredita em tudo. PAPANVO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²⁶ Def 1. Que se encontra entrelaçado; enredado. ENLEADO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²⁷ Def. 4. Conluio ou pacto secreto entre pessoas ou grupos, com o objetivo comum de prejudicar alguém ou determinar o fracasso de algo; maquinação, trama. CABALA. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

²⁸ Modos de fazer. MODUS FACIENDI. In: LUIZ, Antônio Filardi. **Dicionário de expressões latinas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

²⁹ Def. 1. ANT. De caso pensado, de propósito; intencionalmente. ADREDE. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

³⁰ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 18, 19 de ago. 1885. p. 1.

³¹ Def. 1. Doce de origem árabe, feito de massa de açúcar branca e dura e óleo de amêndoas doces, às vezes com a própria amêndoa. No Nordeste do Brasil é feito só com açúcar, em forma de flores ou animais. ALFENIM. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 mar. 2019.

Como é descrito no periódico, a corrupção e o compadrio também se estendiam a outros setores como o educacional. Na edição de nº 1, de 22 de dezembro de 1884, *O Diabinho* pontua que o concurso para vaga de professor na Escola de Farmácia foi permeado pelo favoritismo. A proteção de intelectuais pelos políticos fez com que, mesmo inabilitado para o cargo, um doutor conseguisse a vaga:

A ultima nomeação para professor das 6ª e 7ª cadeiras da escola de pharmacia foi um desastre para aquelle util estabelecimento.

Chamados concurrentes para se opporem as cadeiras, comparecerão 4 candidatos, sendo um Dr. em medicina e os demais pharmaceuticos.

Era de se esperar que o primeiro dos oppositores suplantasse aos outros; pelo menos tinha a presumpção legalisada pela sua carta; mas assim não aconteceo; as provas que exhibio estiverão, conforme dizem os entendidos muito inferiores as dos seus competidores, que por isso devião esperar justiça dos examinadores.

Por occasião do julgamento das provas, *si vera est fama*³², grande celeuma³³ levantou-se entre os lentes³⁴ medicos e lentes pharmaceuticos.

Aquelles por espirito de colleguismo pretenderão dar o primeiro lugar ao seu collega a despeito das provas más que exhibiu; e estes, protestarão tendo ao seu lado a justiça dos *infelizes* que têm demais as habilitações e de menos uma carta de medico e a *muito necessária* proteção.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 1, 22 de dez. 1884. p. 1)

O jornal reporta que as relações de amizade eram enraizadas nas organizações ouro-pretanas naquela época. Nas instituições de ensino, como mostrado, eram mantidos educadores que não tinham capacidade, mas possuíam título de doutor e amigos importantes. Já os grupos políticos e a administração eram formadas, de acordo com *O Diabinho*, de indivíduos pertencentes a camadas diferentes do espectro social, porém, que se ligavam por laços de apadrinhamento.

Já a Câmara de Vereadores ouro-pretana, para o periódico, era composta por “negociantes, aposentados ou gente em disponibilidade”³⁵. Desse modo, é mencionado nas páginas de *O Diabinho* que as propostas e discussões da Câmara eram pautadas por pedidos pessoais dos então vereadores. O cargo era usado como forma de se obter privilégios, pedidos

³² Si vera est fama. “Se é verdadeiro o que dizem”. A locução latina é a epígrafe gravada no túmulo do rei D. Sebastião refere-se na crença ou descrença da população portuguesa quando foi anunciada a morte do rei após seu desaparecimento durante a Batalha de Alcácer, onde Portugal foi derrotado (GALLICIANO, 2010, p. 90-91).

³³ Def. 4. FIG. Discussão acirrada; alteração, controvérsia, polémica. CELEUMA. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

³⁴ ANT. Professor, especialmente docente de escola superior. LENTE. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

³⁵ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 1 de jan. 1885. p. 2

de obras e melhoramentos, e os investimentos do dinheiro público estavam voltados para atender questões pessoais.

Os edís³⁶ comparecem todos de casaca de veludo, meias de seda, espadim³⁷, calções, chapeo armado e camisa lavada.

[...]

Um propõe um concerto na rua em que tem um prédio; outro pede um chafariz defronte da sua residencia ou de um seo prédio; outro pede uma indemnisação para um amigo ou parente; todos alguma cousa para si ou então para os seos.

Todos estes *melhoramentos* são discutidos como se fosse uma briga de mulheres: indirectas, recriminações algumas vezes descomposturas, é o systema.

Ninguém vence, abrem e fechão as gavetinhas, cousas semelhantes a caixa de Pandora, e só na sessão seguinte um, dous mezes depois, procurão dicidir as questões à cargo da municipalidade, e o povo tambem fica olhar para o tempo.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 1 de jan. 1885. p. 2)

3.3.1 Infraestrutura

Em seus relatos, *O Diabinho* comenta como os interesses pessoais eram satisfeitos por elos de amizade, sendo que a continuidade, o conservadorismo e uma aversão a mudanças eram hábitos que serviam aos ouro-pretanos e consequentemente causavam injustiças, desigualdades e transtornos à população e à cidade, pois esse sistema afetava também o melhoramento urbano.

[...] maior parte dos males, que hoje nos assoberbão cercados das mais perniciosas conseqüências, é devida a incuria desta corporação, em confiar certos cargos a individuos que alem da sua nenhuma aptidão, não dispoem de precisa energia e coragem, para fazerem respeitar as posturas.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 6, 11 de mar. 1885. p. 1)

O jornal alega que as verbas para as obras públicas eram desviadas e repartidas entre a teia política:

[...] os dinheiros que shaem do cofre são malbaratados³⁸ as obras mal executadas n'estes tempos em que quem tem padrinho calca a lei e ordens com os pés e considerão-na vil

³⁶Política. Cada um dos membros da Câmara Municipal de uma cidade; edil. EDIL. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

³⁷Def. 1. Pequena espada; faim. ESPADIM. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

³⁸Def. 3. Usar de forma indevida; desbaratar. MALBARATAR. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

barregã³⁹, podia e era mesmo patriótico empregar ao menos parte do que destino a partilha entre os *amigos do peito* nos mais urgentes melhoramentos da capital.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 8, 21 de set. 1888. p. 2)

Os investimentos para os serviços de melhoramentos como manifesta *O Diabinho* não eram feitos adequadamente e o dinheiro, destinado a tais reformas, não era aplicado. A edição de nº 5, de 27 de fevereiro de 1885, refere-se ao estado deplorável da cidade, salientando a abundante arrecadação da receita e a usurpação do orçamento que teria que ser investido em obras.

O actual Presidente, em outros tempos, prestou muito bons serviços no cargo de que se acha ora revestido; está realizando a arrecadação da receita, com tanto zelo e solícitude, que nos faz crer que elle tem em mente grandiosos projectos a realizar em favor de Ouro Preto. Veremos, como diz o cego.

[...]

A cidade está em estado tal, que, se não forem tomadas as promptas providencias, tornar-se-ha peor do que qualquer das nossas estradas, se já não o está.

[...]

Esperamos que com os cinco contos e tanto entrados no dia 10 do corrente mez para o cofre da municipalidade e que se achão depositados na Directoria de Fazenda haja algum melhoramento.

[...]

Temos sido parcos e modestissimos em nossas reclamações; ainda não pedimos a construcção de *forum, penitenciaria e cemiterios publico*, porque alguns destes melhoramentos já teem sido tentados perante o poder legislativo, improficuamente; mas, como *agua molle em pedra dura tanto da até que.....* iremos d'ora avante malhando a respeito.

E' realmente contristador o estado da nossa capital, descripto pelo illustrado colega, por isso que ácerca do calçamento das nossas ruas, canalisação d'agua potavel, esgotos, saneamento da cidade, está tudo por fazer-se.

Já temos aproveitado demais os serviços toscos e provisórios que nos legarão os primitivos colonos portuguezes; é tempo de refundir tudo, proporcionando aos habitantes da capital uma existencia duradoura.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 5, 27 de fev. 1885. p. 1)

Pela narrativa de *O Diabinho* era urgente executar obras de melhoramentos na capital. O jornal relata que a cidade ainda era movida pelo antigo sistema estrutural e provisório, feito no período colonial, à época da mineração aurífera, e segundo as denúncias, a Câmara não tomava nenhuma providência a respeito. Os ouro-pretanos ainda não contavam com um

³⁹ Situação daquele que vive amancebado; barregamento, barregania, concubinato, mancebia. BARREGUICE. (Variante). In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

fórum, penitenciária e cemitérios públicos, assim como eram precários o calçamento, a canalização de água potável e o sistema de esgoto. Para o jornal, essa situação mostrava-se ainda mais insustentável devido ao crescimento populacional que passava a cidade.

A aglomeração do povo na pequena, acanhada e diminuta area onde foi construida a cidade, tem implicado com o estado hygienico de um modo assustador; as febres de máo caracter e outras molestias têm-se tornado endemicas muitas proveniente do estado insalubre que tem envolvido a população.

Já temos demonstrado a necessidade da abertura de novas ruas, para obviar estes inconvenientes; porem a illustrissima camara limita-se a mandar fazer uma placa com um nome illustre e depois affinal-a, ou sobre o dorso de uma montanha ou á margem de algum córrego, porque entende que o foreiro⁴⁰ deve mandar fazer cortes e construir caes.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 5, 27 de fev. 1885. p. 1-2)

Como mencionado pelo periódico, com o aumento da população as ruas viravam: “[...] deposito do lixo e emundicias retiradas das casas commerciaes e mesmos particulares, que triturados pelos pés dos animaes se transformão em charcos⁴¹ putridos nos dias chuvosos, e em fócios de exalações mephyticas⁴², nos dias de sol ardente”⁴³. *O Diabinho* aponta que a Câmara não tomava nenhuma atitude quanto ao problema do aumento populacional e do saneamento. A edição de nº 11, de 12 de maio de 1885, relata como era essencial um sistema regular de limpeza e como os moradores contribuía também para o estado em que se encontravam as ruas de Ouro Preto.

O que podemos affirmar é que elle é de summa utilidade para nós que habitamos esta localidade, mormente agora que a população tem accendido ao dobro, e por isto mesmo as medidas hygienicas devem ser postas em pratica para não se dar o caso de sermos assolados por uma dessas epidemias que victimão os lugares grandes e populosos.

[...]

Outra medida de grande necessidade e que merece ser aceita pela camara, é a designação de um local para deposito do *lixo* .

Até ao presente toda cidade serve para os despejos e por isso temos ouvido mais de uma vez dizer-se: E’ impossivel que em todo mundo haja cidade mais immunda do que Ouro Preto.

⁴⁰ Def. 3. Pessoa que recebe ou tem o domínio útil de um prédio, por contrato de enfiteuse; foreiro. ENFITEUTA. (Variante). In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁴¹ Def. 2 Terreno lamacento. CHARCO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁴² Diz-se de qualquer substância fétida e tóxica que prejudica a saúde. MEFÍTICO (Variante). In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁴³ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 6, 11 de mar. 1885. p. 1

Esta amarga verdade, não vae endereçada somente a camara municipal ella fere especialmente aos municipes que tem pouco escrúpulo: que abusão da excellencia do nosso clima e fasem das ruas mais publicas deposito de immundicies.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 11, 12 de maio. 1885. p. 1)

Os moradores, como expõe o periódico, favorecendo a situação inóspita da cidade, sepultavam animais perto de ruas movimentadas:

Consta que um Sr. Alferes das Cabeças, não observando ás leis da Municipal enterrou n' um rancho proximo á visinhança um jumento que tem aromatisado aquelle pobre povo, espalhando um féctido odor por toda parte, ficando os transeuntes prohibidos do transito d'aquella rua. [...].

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 8 de fev. 1885. p. 4)

Na edição de nº 7, de 24 de agosto de 1888, depreende-se que houve, três anos depois, a introdução de um serviço de limpeza das ruas, “cujo calçamento desaparece sob camadas de lixo amalgamado⁴⁴ com aguas fetidas e outros *simples* microbiannos”⁴⁵. Contudo, o jornal critica que teriam sido empregadas altas quantias para um serviço de limpeza que não era efetuado.

Ninguem ignora que a municipalidade effectivamente dispende 500\$000 mensaes com a limpeza das ruas; que no desempenho desse serviço são encontrados as 10 horas do dia alguns individuos armados de formidolosas *escorregadeiras*, removendo o pó das capistranas⁴⁶ para os estabelecimentos commerciaes; mas tambem ninguem ignora que semelhante de limpeza é uma mera ficção; que após ás *escorregadeiras* fica o lixo, a lama e os detritos; que os respectivos fiscaes, *pro formula*, acompanhão este desserviço e o mantem como perfeito e acabado, se attenderem ao clamor publico.

Ora, é bem de ver-se que a municipalidade sancionando a incuria destes seos funcionarios não corresponde a sua missão e nem fiscalisa com interesse o dinheiro do contribuinte, cabendo-lhe, por isso, grave responsabilidade.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 24 de ago. 1888. p. 1)

Como descreve *O Diabinho*, as situações das ruas também eram reclamadas pelos turistas que pediam medidas sanitárias para que não se desenvolvessem doenças por causa da imundície. Além disso, solicitavam melhorias urbanas.

⁴⁴ Def. 3. FIG. Que formou um único todo a partir da mistura de coisas diversas. AMALGAMADO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁴⁵ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 24 de ago. 1888. p. 1

⁴⁶ REG (MG), COLOQ. Calçada de lájeas grandes, na parte central das ruas. CAPISTRANAS. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

As ruas da capital ahi estão expostas aos olhos dos *touristas* reclamando da municipalidade medidas não só hygienicas que ponhão a população acoberto de molestias infecciosas devidas ao estado immundo em que se achão, como ainda calçamentos e concertos.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 8, 21 de set. 1888. p. 2-3)

As medidas sanitárias, como citado nas páginas do periódico, eram ignoradas por parte da administração pública, assim a época da chuva era importante para a cidade, já que essa fazia o papel dos limpadores, tirando das ruas a sujeira acumulada.

As cataractas celestes já abrirão suas torneiras fazendo jorrar agua em profusão sobre as ruas da capital, livrando-as das immundicias n'ellas accumuladas pela incuria municipal, e consequentemente, trazendo aos habitantes a hygiene necessaria.

Continuão, portanto, as ferias do Fiscal.

Ave, chuva! nós te saudamos com grande effusão de contentamento, porque és a advogada infalivel contra as febres e outros males, que nos apouquentão, originarinarios do lixo, aguas putridas, animaes mortos, e *outras cositas mas*, conservadas nas ruas, beccos, largos e praças, como attestado do *zelo* municipal.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 22, 16 de out. 1885, p. 3)

Em época de calor, como informa *O Diabinho*, a falta de saneamento básico era responsável pela infestação de doenças que faziam grande número de óbitos. A urgência de realizar medidas higiênicas eram propagadas pela imprensa ouro-pretana. Como ressalta o jornal, nesse período os vereadores fugiam para não serem vítimas das moléstias.

Ninguem é capaz de dar noticias dos dignos representantes da nossa municipalidade e nem dizer o que é feito d'elles.

Desappareceram do palacete da praça da nndependencia ha muito tempo e nem si quer diceram ao porteiro que destino levavam.

Mas corre como certo que a fuga ou desapparecimento foi originada do receio de serem *tão illustres e patrioticos* cidadãos agarrados pela febre, que vai *aqueccendo* a população n'uma temperatura de 36 grãos, alimentada pela immundicie das ruas e exalações dos canos de esgotos.

Elles têm razão de sobra.

Ha muitos annos que grande parte da população é victimada com a entrada do calor e nem uma medida preventiva é tomada a despeito das reclamações enérgicas, feitas pela imprensa: esta clama no deserto, tendo, como unica compensação dos seos esforços, o desprezo d'aquelles que se achão incumbidos de velar pela saude publica.

[...]

Casos fataes de febre occasionados pela falta de aceio tivemos de registrar no correr do anno passado; este anno elles tendem a augmentar porque os fócios de infecções tambem multiplicão-se.

Medidas energicas devem ser tomadas quanto antes, para pôr-se um paradeiro ao mal.

[...]

Os illustres edis se não estão em fuga queiram dar um ar de sua graça e fazer com que os fiscaes saiam a campo e cumpram com o seo dever; é preciso que o povo não pague duas contribuições para ter saude: uma a camara e outra a medicos e boticarios⁴⁷.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 10, 31 de out. 1888. p. 1)

O Diabinho reporta como a falta de saneamento e infestação de doenças não afetavam a elite da cidade que, confortável em seus palácios, ficava protegida. Suas principais vítimas, como queixa o periódico, eram os presos, pois eles eram amontoados na única prisão da cidade que não tinha espaço suficiente e nem condições higiênicas para acomodá-los.

[...] enquanto a limpeza da cidade é feita exclusivamente pelas chuvas e o palacio enche-se de pretendentes e padrinhos, alli bem perto, defronte das elevadas torres onde se abriga a primeira autoridade da provincia que dorme em fofas camas e commodos arejados, gemem infelizes sob a pressão de uma epidemia atroz, morrendo como se fossem bestas feras, enchendo o cemiterio onde os corpos estão apenas livres dos urubús!

Parece que os presos da cadêa estão luctando a braços com uma terrivel epidemia.

Já se fez é verdade sobre ella um estudo sério, porem tambem é certo que só no mez passado foram enterrados no cemiterio das Dores 35 individuos fallecidos na cadêa da capital!

E' preciso comprehender que um criminoso que sofre a acção impassivel da lei, tem uma vida que deve ser prolongada, porque poderá corrigir-se e tornar-se algum dia útil á sociedade.

Devem estar em prisões arejadas; convem evitar-se accumulções n'uma só prisão.

[...]

A epidemia que está fazendo na cadêa tantas victimas é o BERI-BERI⁴⁸, segundo opinião de alguns medicos da Capital, e segundo opinião da commissão, deram-se alli muitos casos de tal molestia.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 14, 15 de fev. 1889. p. 3)

Ouro Preto, como relata a publicação, tinha uma inspetoria de higiene em que fiscais eram nomeados como responsáveis para zelar pela saúde e higiene pública. Contudo, o jornal retrata que as relações de compadrio empregavam fiscais que só estavam ali para receber o salário e não possuíam treinamento para a realização dos serviços a que eram designados, o que ocasionava um sistema de saneamento ineficaz.

⁴⁷ Profissional de nível superior que exerce a arte farmacêutica; boticário. FARMACÊUTICO. (Variante). In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁴⁸ MED. Enfermidade peculiar a algumas regiões tropicais, produzida pela carência de vitamina B₁ (tiamina), e que se manifesta por polineurite periférica, perturbações cardíacas, hidropisia, convulsões e, por fim, paralisia. BERIBÉRI. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

A inspectoría de hygiene deve no uzo de suas atribuições, chamar a camara ao comprimento de seos deveres e não consentir que ella confie demasiadamente nos respectivos fiscaes que só tem por norma de dever a indolencia e a percepção de pingues⁴⁹ vencimentos.

Semelhante tolerancia da municipalidade para com taes funcionarios já excede ás raias da decencia e provoca vivos protestos por parte de quem paga imposto para gozar dos beneficios de sua applicação.

E' preciso absolutamente preciso, que os illustres edis tomem ao serio o mandato que receberão do povo e não mantenham o exercicio de cargos municipaes funcionarios que nunca estiverão e jamais estarão na altura dos mesmos.

Basta de ludibriar-se o publico; elle não pode mais ver a sua saude e bem estar á mercê de fiscaes que nada fiscalisão, senão o recebimento de seos honorarios.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 8, 21 de set. 1888. p. 3)

Segundo o periódico, os investimentos não eram aplicados a serviço da população e o problema se estendia ao abastecimento de água: “[...] uma outra necessidade tão palpitante como a do calçamento: - é a canalisação d’agua potável - ”⁵⁰. O jornal expõe que a falta de água não ocorria por escassez, mas como resultados de vazamentos e más condições dos chafarizes. Na edição de nº 14, de 15 de fevereiro de 1889, é apresentado um apelo dos moradores da freguesia de Antônio Dias aos fiscais e vereadores para que seja consertado um bicaime que, por estar vazando, deixava a população sem abastecimento:

Os moradores de Antonio Dias, na parte servida pelas aguas da ENCARDIDEIRA, pedem ao Ill.^{os} Srs. nove vereadores da camara municipal que DIGNAM-SE residir nesta desgraçada parochia o caridoso obsequio de fazer sentir ao nosso PATERNAL fiscal, ou alguem por elle, que a SECCA do CEARÁ é uma calamidade e não modernice que deve ser macaqueada.

Lá ha secca por faltar agua e aqui estamos sofrendo o mesmo mal, porque não temos camara nem fiscaes.

Agua ha com fartura, porem vasando no bicaime⁵¹ do Caminho Novo e os nossos dignos vereadores DILECTOS e DEDICADOS filhos d’esta parochia não querem dispor da força de que dispõem para mandar, AO MENOS, remendar o bicai-me... mas si isto fosse de interesse próprio... então... outro gallo cantaria.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 14, 15 de fev. 1889. p. 4)

Na edição de nº 7, de 21 de março de 1885, tem-se novamente outra reclamação da falta de água devido, como explica o jornal, ao desinteresse do fiscal responsável em tomar

⁴⁹ Def. 3. Que dá bons lucros; que rende muito. PINGUE. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁵⁰ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 23 de jan. 1885. p. 2

⁵¹ Def. 3. Bica ou calha para conduzir água que vai acionar engenhos e moinhos. BICAME. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

medidas necessárias para a reparação de um bicaime que estava deixando a população da mesma freguesia outra vez sem água.

O bicaime que conduz agua para os chafarises do Virasaia e a diversas casas particulares de Antonio Dias está pôdre e arruinado; já se tem reclamado da camera e do fiscal e elle continua na mesma; agora perguntamos a camara si é intenção magoar Antonio Dias negando-lhe até a miseria de um bicaima ou por outra negando-lhe agua?

[...]

E' melhor que o Sr. fiscal ao envez de fazer conferencias no rancho de tropas, vulgo mercado, obrigando negociantes e caixeiros a darem boas gargalhadas, dando-se ao desfructe ao rapazio tratasse de dar de beber a quem tem sede; nada de desfructe Sr. Fiscal; factos e obras.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 21 de mar. 1885. p. 1)

O Diabinho retrata como a falta de habilitação para o cargo e o sistema de apadrinhamento deixava Ouro Preto sem um sistema de saneamento básico eficiente, pois, “o fiscal da freguezia de ouro-preto, entende que cumprir deveres de seo cargo é berrar e gritar em plena rua com quem se atreve a chamar-lhe a atenção para qualquer irregularidade prejudicial a saude publica”⁵². A edição de nº 25, de 12 de dezembro de 1885, traz novamente uma crítica à ociosidade dos fiscais questionando também a proteção para as irregularidades dos vereadores, nos quais, muitos deles eram seus padrinhos.

Fiscal e immundicia são dois males acumulados; um d'elles deve desaparecer; um porque *mascotêa* o cobre do contribuinte em verdadeiro ócio e outra porque prejudica a saude publica.

No largo do mercado do Rosario existe um grande lamaçal formado pela agua esgotada das latrinas de diversos predios que ficão á cavalleiro do mesmo, entretanto, o Sr. Fiscal, a despeito de nossas reclamações, nem uma providencia tomou á respeito.

Terá, porventura, mêdo de compellir um illustre vereador proprietario dos prédios, á observancia das posturas?

Pois, nós, não nos cançaremos de clamar, mesmo ainda á contra-gosto do illustre edil, porque representamos os direitos do povo que contribue.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 25, 12 de dez. 1885. p. 3)

O jornal expressa que as reformas na capital, como as obras no calçamento, só eram pedidas e aprovadas pela Câmara quando um dos vereadores era vítima de um acidente em uma vala aberta. Caso contrário, como relata, as reclamações dos moradores da cidade, expostas pelo periódico anteriormente, essas perduravam por meses.

⁵² *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 24 de set. 1888. p. 1-2

Quer nos parecer que a resolução que vem de tomar a camara é devido ao facto de haver algum dos Srs. eds quebrado uma perna em alguma das centenas de vallas abertas na cidade.

[..]

A camara tem pouquissimos redimentos e muitas necessidades a satisfazer; pois bem, nós sabemos; mas para fazer um trabalho duradouro e digno de uma capital, não trate de remendos; faça tudo novo, ainda que demore mais algum tempo na execução.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 23 de jan. 1885, p. 2)

O Diabinho reporta como as realizações de obras, mesmo as que ocorriam porque um vereador ou um do seus tivessem sido vítimas da falta de infraestrutura urbana, eram feitas de modo a sanar unicamente as reclamações do solicitante e não por planejamento. Além disso, havia também, como informa o jornal, um compadrio na contratação de empresas para as obras da cidade, o que resultava em um serviço deplorável.

As obras dos esgotos, se forem feitas por filhotes do governo, como sempre acontece, longe de trazerem benefícios, serão um mal, porque não se farão esperar os repetidos desmoraamentos das paredes, das vallas que arrastarão consigo os predios adjacentes e as ruas tornarse-hão outras tantas valas abertas, ameaçando os transeuntes.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 9, 16 de out. 1888. p. 3)

Em suas edições, *O Diabinho* pauta como o sistema de clientelismo também afetava, por meio do monopólio do comércio, a alimentação pública em Ouro Preto: “os generos alimenticios continuam a ser vendidos por altos preços, porque não ha fiscalisação. Os monopolistas continuão a atravessar as tropas e afinal quem paga o *pato* são os consumidores. [...]”⁵³. O conchavo entre os tropeiros e os negociantes – “[...] certos negociantes que não satisfeitos com os lucros que auferem, jogão ainda com a boa ou má fé dos tropeiros, que lhes fazem vendas *clandestinas* [...]”⁵⁴ – resultava em um comércio com preços altos, o que era incoerente com a qualidade das mercadorias:

Os fazendeiros das circumvisinhanças do municipio já estão inteirados e convencidos de que os seus *unicos* consumidores, são os presos da cadêa, e por isso preparão os seus generos com aquelle subscripto, pouco lhes importando, que o milho ou a mandioca do empregados no fabrico da farinha, estejam podres e que contenhão impuridades; que o feijão esteja cheio de bicho; que o toucinho provenha de animal pestado ou tuberculoso, porque o fornecedor de 400 bocas não faz questão de qualidade, o que quer é a dróga avariada ou não mas, baratissima para sobrar *manteiga após a fritada*.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 6, 11 de mar. 1885. p. 1)

⁵³ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 1, 22 de dezembro de 1884. p. 4

⁵⁴ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 15, 15 de jul de 1885. p. 1

Mais uma vez, ressaltando o preço e a qualidade dos alimentos vendidos no mercado, a edição de nº 22, de 16 de outubro de 1885, caracteriza o fornecimento da carne verde: “N’esta capital, e para o abastecimento de carne verde á uma população, talvez superior 12:000 almas, existe apenas um açougue, onde se retalhão diariamente, no maximo quatro rezes⁵⁵, que d’ellas só têm o esqueleto e muitas vezes tuberculosas”⁵⁶. A situação ruim do sistema de alimentação pública também deixava resquícios nos processo de abate dos animais que, como descreve o periódico, era feito de forma cruel:

A população queixa-se da exiguidade na matança e do alto preço porque lhe são vendidos os e emagrezas das rezes abatidas, para o bife diário, e nos adherindo á este brado angustioso, addusiremos mais a falta de exame, porque deveroá passar as rezes destinadas ao talho e ao processo barbaro empregado na matança.

As rezes, já por sua natureza verdadeiros esqueletos, são retartadas no acanhadissimo curral do matadouro, 4 e mais dias, sem receberem alimento de especie alguma e muitas vezes privadas de beberem agua.

[...]

E’ um espectaculo horroroso, que presencião diariamente os moradores adjacentes do matadouro e rua de S. José; o misero animal soffre uma agonia lenta e morre desesperado.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 22, 16 de out. 1885. p. 1)

O Diabinho menciona que, além de todos os problemas referentes à limpeza e ao abastecimento de água e alimentos, a cidade tinha uma segurança urbana falha mais uma vez por causa do sistema de compadrio. “Vagão dentro desta cidade grande porção destes bipedes, alguns dos quaes vivem de almoçar e jantar fructos alheios”⁵⁷. A falta de vigilância da guarda urbana e investigação por parte do delegado, “estes prejuízos hão de prevalecer em quanto a policia existir só no nome”⁵⁸, geravam repetidos assaltos nas casas e comércios como informa o periódico:

Foi na noite de 26 do passado, e havia espectaculo á que assistio o Sr. Claudionor Quites:

De volta, quando ainda trasia á barriga a doer das gargalhadas provocadas pelo actor Celestino, não precisou de chave para penetrar em casa, porque um habil espertalhão, livrou-o deste incommodo, assim como da quantia de 1:200\$ que encontrou na gaveta da secretaria de seo estabelecimento commercial.

⁵⁵ Def.1. Qualquer quadrúpede cuja carne é própria para a alimentação do homem. Def. 2. COLOQ. Denominação comum aos animais do gado bovino, geralmente para exprimir quantidade. RÊS. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁵⁶ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 22, 16 de out. 1885. p. 1

⁵⁷ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 2 de nov. 1884. p. 4

⁵⁸ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 20 de set. 1886. p. 2

E' escusado dizer que o Sr. Quites precede á indagações, apesar de serem ellas escusadas, neste pais de *urbanos* dorminhôcos.

Melhor é mandar responsar á Santo Antonio.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 10, 3 de maio. 1885. p. 3)

O jornal reporta que, além dos roubos, outra recorrência na cidade eram os casos de violência contra a mulher. Na edição de nº 25, de 12 de dezembro de 1885, é relatado um espancamento de uma mulher pelo seu marido, o qual permaneceu impune por ter a proteção do chefe de polícia, pois pertenciam ao mesmo partido político.

[...] na noite de 2 para 3, em uma das ruas publicas desta cidade, dera-se o brutal espancamento de uma senhora cazada, sendo o ofensor o seu proprio marido; e que aos gritos da victima, accudindo o official rondante, e mais tarde o proprio cap., e o subdelegado e entre eles, amigavelmente, resolverão a contenda, ficando entretanto impune o offensor e impune o delicto.

Taes atentados, que de dia á dia se reproduzem com frequencia reclamão a vigilancia do Sr. Dr. Chefe de Policia, pelo que esperamos providencias, se bem que nos affirmam que clamaremos no dezerto porque o perverso monstro do lar domestico tem a immuidade politica da actualidade: E' conservador.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 25, 12 de dez. 1885. p. 4)

3.3.2 Religião, sociedade e cultura

Em suas edições, *O Diabinho* descreve como Ouro Preto era regida por um sistema em que as relações de compadrio organizavam o cenário urbano. Para além desse cenário relatado pelo jornal, outros acontecimentos marcavam a vida-social da cidade, como demonstrado também em sua narrativa sobre Ouro Preto. Como exemplo, a religião. Os acontecimentos religiosos eram, como descrito pelo jornal, sempre permeados por te-deuns⁵⁹, procissões, bandas, repiques de sino e foguetório. Na comemoração do nascimento de Jesus, o periódico relata como: “[...] os bons christãos conforme as antigas usanças *enterrão* com valentia e denodo o *nariz no álcool*”⁶⁰. Nessas festividades, como ressalta *O Diabinho*, os ouro-pretanos tiravam dos guarda-roupas suas melhores vestimentas e adornos para assim acompanhar os atos celebrativos:

⁵⁹ Def. 3. REL. Solenidade religiosa em ação de graças, geralmente pública e ao ar livre. TE-DEUM. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 3 dez. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 3 dez. 2019.

⁶⁰ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 1 de jan. 1885. p. 2

E' no dia 24 de Dezembro que fica em exposição o melhor sortimento de *toucas, perúcas, cabelleiras*; que a despeito de ser dia de abstinencia de carne, o *ganço* é admitido nas mezas, e não obstante o jejum como ordena a folhinha do Eleuterio Novaes, mais se come e muito melhor se bebe.

Amiguinhos surumbaticos⁶¹ e tristonhos soffrem tamanha transformação nesse sancto dia, que tem ataques de riso intermináveis; outros alegres, pilhericos⁶², verdadeiros pandegos⁶³, em estado normal, tocão nesse dia nas ternuras e chorão, chorão que é mesmo um Deus nos acuda; outros pacatos e timidos, estou neste caso, ficão valentes e ousados.

São duas epocas que servem de motivo ás *muafas*⁶⁴; no nascimento, porque *Christo nasceo em Bethlem* e na Paixão porque *quando a divindade succumbe a humanidade cambalea*.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 1 de jan. 1885. p. 2).

Já no dia de finados, o jornal pontua como os sinos, com seus inúmeros repiques, homenageavam os falecidos e, juntamente com os fogos de dinamite – dupla que não poderia faltar em nenhuma comemoração da cidade – , despertavam os moradores, tornando público o atraso desses, e retiravam o sossego dos ouro-pretanos.

O toque de sino!....

Que horror, que amolgação e que barulho!

N'esta capital, supponho que os fogos (principalmente os de dynamite), e os sinos são elementos de vida, o que patentêa o nosso atraso.

No dia de finados sinos houverão, que não tiverão descanso durante todo o funebre dia!

Mestre Eufrasio, o inventor de deversos repiques e dôbres, á badalo, fez uma rescenceamento de todos os irmãos mortos e todos os vivos, incluindo a sua habil pessoa, e zás... uma badalada por cabeça. *Horresco referens*.⁶⁵

[...]

Por qualquer acontecimento politico ou impolítico, são tantos e tão amiudados os fogos dos perigosíssimos dynamite, que a nossa cidade, outr'ora tão sossegada, mais se assemelha a uma praça de guerra em recolhido o combate, do que a uma localidade pacifica e ordeira.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 24, 22 de nov. 1885. p. 2).

⁶¹ Que ou quem está sempre triste ou de aspecto sombrio. SORUMBÁTICO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶² Def. 2. Diz-se de indivíduo alegre e faceto; brincalhão, gaiato. PILHÉRICO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶³ Que ou aquele que é dado a pândegas, a coisas engraçadas. PÂNDEGO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶⁴ COLOQ. Bebedeira. MOAFA. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶⁵ Sinto arrepios só de contar. A expressão atualmente é repetida na maioria das vezes com conotações jocosas, a propósito de coisas que desagradam contar ou mencionar. Deriva do segundo livro da *Eneida* (v. 204), onde é proferida por Enéias, quando este narra o prodígio das duas enormes serpentes que aparecem de repente para matar Laocoonte, que aconselhava prudentemente aos troianos que não permitissem a entrada do cavalo de madeira na cidade. HORRESCO REFERENS. In: TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Pelo jornal, as celebrações religiosas eram atos públicos e a religião era vivida como culto de exteriorização; a intimidade do culto era substituída pelo festejo público da celebração de tal maneira que as festas religiosas não se diferenciavam de outras comemorações cívicas:

D'esde que foi conhecido na capital, por telegramma o projecto de abolição apresentado ás Camaras, a população exultou-se de entusiasmo e a cada noticia telegraphica annunciando as victorias successivas dos abolicionistas precediam festas, musicas pelas ruas, discursos congratulatorios, passeatas e illuminações.

[...]

A 14 celebraram-se tres *Te-Deuns* nas capelas: das Mercez de Ouro-preto, Alto da Cruz e Rosario.

Duas sollemnes procissões civicas desfilaram das capellas extremas - Alto da Cruz e Rosario e fundiram-se na rua direita de Antonio Dias. [...]

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 19 de maio. 1888, p. 3).

Em suas edições, *O Diabinho* conta que, como uma disputa eleitoral, a capital de Minas ainda tinha em concorrência dois divertimentos: o Carnaval e o Entrudo⁶⁶. “Neste paiz essencialmente eleitoral, desde longa data o carnaval tem, com grave ofensa ao bom tom, sido preterido pelo monstruoso entrudo [...]”⁶⁷. Com características distintas, o periódico fazendo campanha a favor do Carnaval descreveu as duas festividades:

Avesinha-se a *temporada*, destinada de epochas remotas, ás loucuras de todo o genero.

Temos a escolha dous divertimentos: Um limpo onde a lúva de pelica, o borzequim⁶⁸ de marroquim, o setim, o velludo, tomão parte; outro, em que o canudo, a graixa, os pós de sapatos, as aguas immundas e infectadas fasem o cortejo.

No primeiro o espirito a *verve* e a critica são o *suprasummus*⁶⁹ da elegancia e do *chic*; no segundo a vida dos nossos semelhantes é posta em jogo.

Temos, pois, onde escolher.

[...]

O carnaval, não offerece tantos ensejos ao commettimento de excessos e por isso mesmo, deve, de preferencia, ser adoptado pelas pessoas que deseão divertir-se e assistir os seus se divertirem.

⁶⁶ Def. 2. Antigo folguedo carnavalesco de origem portuguesa que consistia em jogar água, ovo e farinha nas pessoas que passavam pelo local da folia. ENTRUDO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶⁷ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 8 de fev. 1885. p. 1

⁶⁸ Def. 1. Calçado com cano até quase o meio da perna, fechado por meio de cordões, usado desde a Antiguidade e que antecedeu as atuais botas. BORZEGUIM. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁶⁹ O grau mais elevado; o que há de mais elevado; cúmulo, máximo, quinta essência. SUPRASSUMO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

Com o entrudo não acontece o mesmo; não há tranquilidade no lar domestico, porque a todo instante está elle sujeito a ser assaltado pela horda de entrudistas que, no seo afan de molhar, não indagaão se há algum enfermo, acrescendo qua as desordens são sempre o terminio dessas *valentes liberdades*.

Por estes motivos appellamos para os chefes de familia, para as pessoas sensatas e para as autoridades locaes pedindo a todos, meios de fazer desaparecer da nossa cidade o reprovado entrudo.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 8 de fev. 1885. p. 1-2)

A campanha feita por *O Diabinho* contra o Entrudo deu resultado e após dezenove dias, como expõe o jornal, o Carnaval era festejado como divertimento oficial da cidade. A edição de nº 5, de 27 de fevereiro de 1885, descreve como foram os dias de festejo carnavalesco nas ruas ouro-pretanas:

O nosso reclame, feito á ultima hora em favor deste innocente e divertido folguedo, teve feliz aceitação.

No dia 15, a coisa começou assim com ares de quem diz que: - *principio de cantiga é assobio*.

A 16, o entusiasmo subio de temperatura; um bando de mascarados, custosa e luxuosamente vestidos, percorria as ruas, a cavallo, distribuindo risos e flores, de par com um espirito fino e apurado, que muito desconcertou os amantes dos limões, bisnagas e barris d'agua.

A 17, estavamos finalmente em pleno dominio do folguedo; parte do aguaceiro serenou; os limões forão substituidos pelo dominó.

Alem das criticas allusivas aos commettimentos da época, diversos typos caricatos *afinavão* o proximo com a *verve* de seo espirito cruciante.

[...]

A rua de Tiradentes-Dentes, durante os tres dias, tomou o seu melhor *toilette* para receber os folgasões; palmeiras, galhardetes multicôre, bandeiras, arcos, flores, luzes, muitas luzes, figuras alusivas, respingando satyras espirituosas, tudo, tudo ali se via, e mais ainda: o bello sexo munido do competente *puff-alpendre!*

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 5, 27 de fev. 1885. p. 2)

O Diabinho retrata que, além do Entrudo e do Carnaval, a população ouro-pretana também era servida de outros divertimentos como trupes, concertos e circo. Mas, como colocado pelo jornal, essas atrações eram destinadas e frequentadas por públicos diferentes. Nos concertos, “o indivíduo para ter subida honra de assistir ao concerto, devia pagar ao tesoureiro, *Xeraphim* 3\$000 e mais uma apresentação de sócio ou pessoa residente debaixo do

mesmo tecto, *sine qua non*⁷⁰!”⁷¹. Esse divertimento, como descrito pela publicação, era destinado à elite da cidade e acontecia nos salões da Câmara onde o luxo predominava.

Núm dos salões da Camara Municipal, luxuosamente ornado, a *elite* da sociedade Ouro-pretana pressuroza ao concerto - durante o qual fizerão-se ouvir distinctissimas pianistas. Notavão-se lindas toilettes, do mais apurado gosto. O sallão perfeitamente illuminado proporcionou d’este arte realçar d’um modo maravilhoso sipuinimos joias, toilette e cêres de rosa, azues transparentes e outras brancas, apanhadas por faixas de velludo preto.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 20, 19 de set. 1885. p. 4)

O teatro, como narrado pelo periódico, também era destinado à classe mais abastada da cidade, “[...] a platêa do theatro de ouro-preto é hoje frequentada por pessoas que guardão, emquanto se achão naquelle recinto, compostura de quem frequenta os salões da alta sociedade ou da sociedade decente”⁷². Contudo, o jornal denuncia que os comportamentos dos rapazes de alta classe, durante os espetáculos, deixavam a desejar em relação às regras de etiqueta honrada pela elite ouro-pretana.

O que no decurso dos espetaculos achamos lastimavel foi o procedimento da platêa nos intervalos dos actos, pois que transformou se, não em um salão, como qualquer outro, onde devem ser postas em pratica as regras da bôa educação mas em uma reunião somente de rapazes, na qual o mais natural a falta de observancia d’essas regras do que no theatro, a que tambem concorrem famílias, a quem devemos todo o respeito.

Não fallamos somente do ruido que moços imprudentes fazem no soallo com as bengallas e chapéos de sol e até com os *pés*; censuramol- os tambem pelas vaias com quem recebem um espectador qualquer que, por ignorar os costumes do logar ou por descuido ou ainda mesmo por incivilidade conservam o chapéo na cabeça, quando se acha no camarote.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 29 de jun. 1888. p. 3)

O Diabinho reporta que os concertos e o teatro, por terem entradas caras, eram destinados e frequentados pela alta classe da capital de Minas. Já, como citado pela publicação, o único divertimento para as classes mais baixas era quando a cidade recebia companhias circenses: “os irmãos Moraes achão-se actualmente nesta capital, proporcionando a nossa sociedade diversões equestres, gymnasticas, funambulescas⁷³ ... emfim o diabo”⁷⁴. Por

⁷⁰ Sem a qual não. Na frase está subentendido o vocábulo *conditio*, condição. Essa é essencial, “sem a qual não” será realizado o ato. SINE QUA NON. In: LUIZ, Antônio Filardi. **Dicionário de expressões latinas**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

⁷¹ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 20, 19 de set. 1885. p. 2

⁷² *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 29 de jun. 1888. p. 3

⁷³ Def. 3. FIG. Que chama a atenção por apresentar comportamento extravagante; esquisito, estranho, excêntrico. FUNAMBULESCO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

terem entradas mais baratas, a população que não podia frequentar concertos e as peças teatrais “[...] não deixa *prateleira* vasia no circo, não só devido ao genero de distracção, como ainda porque, esta é acessível a todas as bolças”⁷⁵.

De acordo com o jornal, a cidade de Ouro Preto também possuía outros locais para passatempos. Servidos a todas as classes, o Largo do Rosário e a Ponte do Funil são descritos como importantes pontos de encontros. Lugar de constantes serenatas, “os habitantes e transeuntes do largo do Rosario não desejando interromper ou mesmo presenciar os idílios⁷⁶ luxuosos dos *Romeos e Julietas*, pedem que alli sejam collocados, ao menos dois lampeões”⁷⁷. Já a Ponte do Funil, “o melhor ponto de *cavaco*⁷⁸ nesta terra”⁷⁹, era o local onde todos se encontravam para de tudo falar:

Alli são enterrados os *vivos* e desenterradas os mortos. Quem quiser saber por *miúdo* o que consta e não consta na cidade, vá passar ás tardes na ponte que fica sobre o *Funil*, affluente do rio do Carmo.

E’ esplendida, picante, *vervosa* e succulenta a prova alli, mormente, nos tempos *politicosos* que atravessamos! Nos diversos *clubs*, que alli se formão diariamente ouve-se por exemplo:

— O Director da Fazenda vae pedir demissão porque está perdendo a *clinica*.

— Em outro tambem um pouco informado; um *discobridor de mel de páo*⁸⁰ sustentava que o jovem Director de obras publicas pretende, logo que chegar a sêcca, demittir-se do cargo, para poder tratar livremente da construcção da nova rua Chrispiniana.

[...]

Emfim ali tudo se vê; tudo se ouve.

Quem não tiver a bocca só para ouvir e ouvido só para resar vá até a ponte do – *funil* - , chegue até a boeira como diz mestre João *tudo* volte, sente-se alli n’aquellas madeiras e depois percorra os diversos clubs, e diga-me si é ou não cousa de se lamber os beijos e dar um estalo com a lingoa ou não!”

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 23, 5 de nov. 1885. p. 3)

⁷⁴ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 21, 3 de out. 1885. p. 3

⁷⁵ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 21, 3 de out. 1885. p. 3

⁷⁶ Def. 3. LIT. Qualquer poema curto, épico ou lírico. IDÍLIO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁷⁷ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 25, 12 de dez. 1885. p. 3

⁷⁸ Def. 5. COLOQ. Conversa amigável, simples e desprentensiva; bate-papo, cavaqueira. CAVACO. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁷⁹ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 23, 5 de nov. 1885. p. 3

⁸⁰ Espécie de bolo, geralmente de tamanho pequeno, feito com farinha de trigo, mel, cravo e canela, sem recheio ou com recheio de doce de leite, brigadeiro etc., coberto ou não com chocolate. PÃO DE MEL. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

O Diabinho narra que as crianças da cidade eram bem arteiras, “anda pelas ruas da Capital, em magotes⁸¹ respeitáveis, uma menina desenfreiada que incumbe-se de tudo destruir e damnificar. [...]”⁸². Denunciando a falta de presença nas aulas – “as escolas estão desertas durante mezes e mezes e algumas até fecham se por falta de frequencia, [...]”⁸³ –, as crianças, como descrito, tinham como divertimento as ruas:

Os passageiros dos *bonds*, á noite principalmente, viajam assustados, porque o divertimento predilecto dos meninos é a collocação de pedras nos trilhos, dando isto em resultado constantes desencarilhamentos, que si até o presente não tem motivado desastres de um momento para outro, podem-se verificar.

(*O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 13, 28 de jan. 1889. p. 1)

Ouro Preto no século XIX reportada por *O Diabinho* projetou-se nas páginas do jornal como uma cidade em que as relações familiares, para além de um elemento da vida social, eram responsáveis pela organização política e produção de bens materiais. Descrita pelo periódico, a “economia de favores”, vinda das somas dos arranjos: prestígio social e recursos, é denunciada nas edições como uma correlação que, apesar de trazer inúmeras consequências para a cidade e seus moradores, parecia algo natural e não desvios. Como descreve *O Diabinho*, o compadrio como uma dessas relações familiares regia a vida dos ouro-pretanos na época. Em suas edições, o jornal relata como esse compadrio estruturava as teias sociais que organizavam a vida cotidiana, sendo legitimado na prática religiosa, principalmente em suas festividades; na oferta de divertimento, quando se separavam as classes; no mercado, monopolizando-o; no ensino, por meio da corrupção nos concursos; na administração pública, com a inserção de profissionais inexperientes e no descaso com a infraestrutura da cidade.

⁸¹ Def. 2. Grande ajuntamento de coisas; amontoado, porção. MAGOTE. In: DICIONÁRIO online Michaelis, 21 nov. 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2019.

⁸² *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 13, 28 de jan. 1889. p. 1

⁸³ *O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 13, 28 de jan. 1889. p. 1

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As edições analisadas de *O Diabinho* possibilitaram uma visão, a partir da narrativa do jornal, sobre os oitocentos em Ouro Preto e de certa forma em Minas, já que naquele tempo a cidade era a capital das Gerais. A partir de seu conteúdo foi possível, de uma forma diferente das já registradas, conhecer uma outra descrição sobre a história da cidade. Trazendo referências sobre a rotina ouro-pretana no século XIX, foi viável, por meio de seu estudo, responder ao objetivo geral da pesquisa, pois o periódico trouxe indicativos da política, da administração pública, da infraestrutura, das festividades religiosas e não religiosas e dos divertimentos. Para atingir uma análise mais completa do objetivo geral, foram definidos dois objetivos específicos. O primeiro exigiu investigar ao longo das edições do jornal referências sobre as relações sociais, culturais e políticas que se estabeleceram em Ouro Preto no século XIX. Em consonância, o segundo, foi ver, pelas lentes do jornal, o contexto sócio-histórico que se encontrava a cidade. Além disso, foi feita uma revisão de literatura sobre a imprensa mineira e ouro-pretana naquela época, assim como o que se registrava sobre a cidade no século XIX.

A pesquisa sobre a imprensa em Minas Gerais e Ouro Preto mostrou como a consolidação tardia da imprensa nas Gerais foi ocasionada pela importância de seu território e especificidade de seus habitantes. Esse atraso fez com que os assuntos pautados nos periódicos mineiros fossem divergentes da imprensa nacional que já estava em outras fases. Como exemplo, Ouro Preto, que vivenciou suas próprias etapas na imprensa. *O Diabinho*, que se insere na fase da imprensa local (1880 até 1897), mostra como a cidade ganha protagonismo nas páginas dos jornais, ressaltando assim a peculiaridade na imprensa mineira.

Ouro Preto estava, devido a interesses econômicos e políticos, e às novas ideias de desenvolvimento, sob constante risco de perder o título de capital. O jornal indica como a cidade tinha a necessidade, mais por uma questão de saúde e segurança do que por risco de perder o título, de melhorar sua infraestrutura urbana. Relacionando essa situação da cidade nos oitocentos com o que *O Diabinho* pauta sobre ela, é possível depreender que o sistema de compadrio, ressaltado pelo jornal, talvez seja uma das causas para o seu não desenvolvimento na época.

Por meio dessas análises, pode-se chegar em algumas conclusões: na narrativa de *O Diabinho*, as relações de familiaridade e favoritismo eram um sistema que regia Ouro Preto

nos oitocentos. Os elos de compadrio, principalmente na política, revelam uma resistência às mudanças, já que elas implicavam em perda de privilégios. Em vista disso, a manutenção de poder era sempre buscada pela elite ouro-pretana, assim como a perda dele gerava mudanças em todos os setores administrativos. A corrupção e as cartas marcadas eram características deste sistema e geravam inúmeras consequências para a cidade e seus moradores.

Como retratado no estudo de Ouro Preto no século XIX, esse foi um tempo do desejo de desenvolvimento. Devido ao modelo de relações vigentes na cidade, descrito pelo jornal, no qual a continuidade era sempre almejada, havia por parte dos políticos e favorecidos nessa rede uma repulsa ao desenvolvimento. A situação da infraestrutura urbana, relatada nos estudos históricos que recuperamos no primeiro capítulo, ajudam a compreender o que o jornal dizia sobre a cidade: as constantes reclamações sobre as ruas, suas condições de higiene; a situação do saneamento básico e alimentação pública; a saúde e a segurança urbanas.

Conjuntamente, como reporta *O Diabinho*, esse sistema cíclico de compadrio afetava as diversas esferas da vida social. A publicação relata como a religião, importante na cidade, era mais uma prática exterior de demonstração e investigação da moral e dos bons costumes, do que um culto de fé e interiorização. Para além disso, uma prática de lazer, tanto é que, como narrado pelo impresso, sua celebração não se distinguia de outras festividades, como as comemorações políticas. Igualmente, os outros divertimentos de que dispunha a cidade, a maioria vindos de outras províncias, mostram como a desigualdade social era demarcada pelos lugares que um ouro-pretano da alta classe poderia frequentar em contraponto, o ambiente que outro de classe baixa não poderia ir; o que era destinado aos que faziam parte da elite e aos que eram o “Zé Povinho”.

A análise de *O Diabinho* apresentou um extenso conteúdo sobre Ouro Preto nos oitocentos. Material rico em informações ainda a serem exploradas em pesquisas futuras, seu relato poderia, por exemplo, ser comparado com a atual narrativa da imprensa (como o jornal impresso *Ouro Preto*⁸⁴ e a página de humor, nas mídias sociais, *Enquanto isso em Ouro Preto*⁸⁵), sobre a recente conjuntura sócio-histórico da cidade.

De outra maneira, pode-se também investigar a própria linguagem satírica do jornal que é sua característica principal, buscando, assim, compreender os operadores de humor

⁸⁴ *Jornal Ouro Preto* – O jornal dos ouro-pretanos. Redatora e Jornalista Responsável: Christina Tárzia. Edições em acervo na Biblioteca Pública Municipal de Ouro Preto.

⁸⁵ *Enquanto isso em Ouro Preto*. Humor e cotidiano da cidade de Outro Planeta, página criada e desenvolvida pelo Comediante Leandro Borba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/enquantoissoemouropreto/>>

utilizados pelo periódico na forma de noticiar, como esses foram empregados e quais as implicações disso na construção da narrativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAÚJO, Maria Marta. Uma história de precursores e ativistas. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano XLIV, nº 1, p. 20-23, 2008.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte: memória histórica e descritiva**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Ouro Preto**. Sesquicentenário de elevação de Vila Rica à categoria de Imperial Cidade de Ouro Preto, 1823-1973. Catálogo de Exposições. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973.

BRAZIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento Geral do Império de 1872. Minas Geraes** (primeira parte). Vol. 8, 1872. Rio de Janeiro, 1872. Disponível em <http://www.ppe.ipea.gov.br/ia_visualiza_bd/ia_vdados.php?cd=meb000000359&m=2396&n=recenseamento1872mg1>. Acesso: julho/2019.

BURTON, Richard Francis. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Brasília: Senado Federal, 2001. 530 p. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. **Ouro Preto**. Belo Horizonte: edição do autor, 1969.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. Viajantes estrangeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. **Revista do IFAC**, n.3, dezembro de 1996.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. Dossiê: Primeiras Luzes nas letras. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano XLIV, nº 1, p. 56-71, jan-jun 2008.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. **O Recreador Mineiro (1845-48): Rastros do Leitor e da Leitura na Primeira Revista Literária de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1995.134p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

FONSECA, Janete Flor de Maio. **Tradição e modernidade**. A resistência de Ouro Preto à mudança da Capital. Ouro Preto: UFOP, 2016.

GALLICIANO, Wilson. **Figuração literária de D. Sebastião em o conquistador de Almeida Faria**. Curitiba, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24971>>. Acesso em 29 nov. 2019.

GIACOMETTI, Erasmo Catauli. **História**. In: IBGE, Conselho Nacional de Estatística. **Ouro Preto**. Coleção de Monografias dos Municípios, nº 232, 1959-1961. Rio de Janeiro, 1961. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n232_ouropreto.pdf>. Acesso em: julho/2019.

GUERREIRO, Maria Rosália da Palma. A lógica territorial na gênese e formação das cidades brasileiras. O caso de Ouro Preto. In: TEIXEIRA, Manuel C. (Org.). **A construção da Cidade Brasileira**. 2ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p. 47-64. Disponível em <<https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/a-logica-territorial-na-genese-e-formacao-das-cidades-brasileiras-o-caso-de-ouro-preto/28385>>. Acesso em 25 de nov. 2019.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista**. Minas no Século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **O Brasil no século XVIII e a idade do ouro: a propósito da problemática da decadência**. In: Seminário sobre cultura mineira no período colonial. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979.

MENDES, Jairo Faria. **O silêncio da Gerais: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros**. São Bernardo do Campo, 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e política: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais (1828-1842)**. Belo Horizonte, 2006. 271p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREL, Marco. Animais, monstros e disformidades: a “zoologia política” no processo de construção do Império do Brasil. **Revista Estudos Históricos**, v.13, n.24, p. 251-266, dez. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2099>>. Acesso em: julho/2019.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2000.

OZZORI, Manoel. **Almanack administrativo, mercantil, industrial, científico e litterario do Município de Ouro Preto**: anno 1 -1890. Apresentação de Maria Francelina Ibrahim Drummond. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=828653>>. Acesso em: 9 de out. 2019.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)**, São Paulo, n.114, p. 179-195, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 23 de nov. 2019.

PINTO, Albano Antero da Silveira. **Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal [Livro]: tomo II**. Lisboa, Portugal: Francisco Arthur da Silva, 1885. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or77052/or77052.html#page/1/mode/lup>. Acesso em: 26 de nov. 2019.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. **Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais**. O Novo PRM (1889-1909). Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. Uma interpretação sobre a fundação de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 39, p. 161-192, junho de 1974.

REZENDE, Guilherme Jorge de *et al.* **Impasses e perspectivas da imprensa de Minas Gerais**. São João del-Rei (MG): UFSJ, 2012.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Brasil: Ed. Nacional, 1938.

SILVA, Regina Coeli Machado. **Emergência do 'mineiro' em época de transição (1870 a 1889)**: projeções de um devaneio há muito fundado. Belo Horizonte, 1989. 386 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Sociologia, Belo Horizonte.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil, 4ª ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa em Minas Geraes (1807-1897). **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ouro Preto, ano 3, pp. 169-239, 1898.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. A capital controversa. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano 43, v.2, p. 28-43, 2007.

Dicionários

LUIZ, Antônio Filardi. Dicionário de expressões latinas. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PRIBERAM. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em 29 nov. 2019.

TOSI, Renzo. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas (Dizionario delle Sentenze Latine e Greche). Trad. Ivone Castilho Benedetti. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Edições de *O Diabinho*

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 2 de nov. 1884.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 1, 22 de dez. 1884.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 01 de jan. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 23 de jan. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 08 de fev.1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 5, 27 de fev. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 6, 11 de mar. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 21 de mar. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 9, 17 de abr. 1885.

O Diabinho, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 10, 3 de maio. 1885.

- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 11, 12 de maio. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 15, 15 de jul de 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 5 de ago. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 18, 19 de ago. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 19, 4 de set. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 20, 19 de set. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 21, 3 de out. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 22, 16 de out. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 23, 5 de nov. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 24, 22 de nov. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 25, 12 de dez. 1885.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 17, 20 de set. 1886.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 6, 25 de maio. 1887.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 26 de jun. 1887.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 2, 19 de maio. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 3, 6 de jun. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 4, 29 de jun. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 24 de ago. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 8, 21 de set. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 7, 24 de set. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 9, 16 de out. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 10, 31 de out. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 11, 6 de dez. 1888.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 13, 28 de jan. 1889.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 14, 15 de fev. 1889.
- O Diabinho*, Antonio Dias (Ouro Preto), nº 16, 16 de mar. 1889.

6. APÊNDICE

Tabelas descritivas de cada edição de *O Diabinho*, com o registro dos textos, seus autores e seção de publicação. Todas as tabelas são de elaboração da autora.

Tabela 1: <i>O Diabinho</i> , edição de 2 de novembro de 1884.....	87
Tabela 2: <i>O Diabinho</i> , edição de 22 de dezembro de 1884.....	88
Tabela 3: <i>O Diabinho</i> , edição de 1 de janeiro de 1885.....	89
Tabela 4: <i>O Diabinho</i> , edição de 23 de janeiro de 1885.....	90
Tabela 5: <i>O Diabinho</i> , edição de 8 de fevereiro de 1885.....	91
Tabela 6: <i>O Diabinho</i> , edição de 27 de fevereiro de 1885.....	92
Tabela 7: <i>O Diabinho</i> , edição de 11 de março de 1885.....	93
Tabela 8: <i>O Diabinho</i> , edição de 21 de março de 1885.....	94
Tabela 9: <i>O Diabinho</i> , edição de 1 de abril de 1885.....	95
Tabela 10: <i>O Diabinho</i> , edição de 17 de abril de 1885.....	96
Tabela 11: <i>O Diabinho</i> , edição de 3 de maio de 1885.....	97
Tabela 12: <i>O Diabinho</i> , edição de 12 de maio de 1885.....	98
Tabela 13: <i>O Diabinho</i> , edição de 21 de maio de 1885.....	99
Tabela 14: <i>O Diabinho</i> , edição de 16 de junho de 1885.....	100
Tabela 15: <i>O Diabinho</i> , edição de 2 de julho de 1885.....	101
Tabela 16: <i>O Diabinho</i> , edição de 15 de julho de 1885.....	102
Tabela 17: <i>O Diabinho</i> , edição de 27 de julho de 1885.....	103
Tabela 18: <i>O Diabinho</i> , edição de 5 de agosto de 1885.....	104
Tabela 19: <i>O Diabinho</i> , edição de 19 de agosto de 1885.....	105
Tabela 20: <i>O Diabinho</i> , edição de 4 de setembro de 1885.....	106
Tabela 21: <i>O Diabinho</i> , edição de 19 de setembro de 1885.....	107
Tabela 22: <i>O Diabinho</i> , edição de 3 de outubro de 1885.....	108
Tabela 23: <i>O Diabinho</i> , edição de 16 de outubro de 1885.....	109
Tabela 24: <i>O Diabinho</i> , edição de 5 de novembro de 1885.....	110
Tabela 25: <i>O Diabinho</i> , edição de 22 de novembro de 1885.....	111
Tabela 26: <i>O Diabinho</i> , edição de 12 de dezembro de 1885.....	112
Tabela 27: <i>O Diabinho</i> , edição de 27 de março de 1886.....	113
Tabela 28: <i>O Diabinho</i> , edição de 20 de setembro de 1886.....	114
Tabela 29: <i>O Diabinho</i> , edição de 25 de maio de 1887.....	115
Tabela 30: <i>O Diabinho</i> , edição de 26 de junho de 1887.....	116
Tabela 31: <i>O Diabinho</i> , edição de 5 de setembro de 1887.....	117
Tabela 32: <i>O Diabinho</i> , edição de 12 de outubro de 1887.....	118

Tabela 33: <i>O Diabinho</i> , edição de 19 de maio de 1888.....	119
Tabela 34: <i>O Diabinho</i> , edição de 6 de junho de 1888.....	120
Tabela 35: <i>O Diabinho</i> , edição de 29 de junho de 1888.....	121
Tabela 36: <i>O Diabinho</i> , edição de 13 de agosto de 1888.....	122
Tabela 37: <i>O Diabinho</i> , edição de 24 de agosto de 1888.....	123
Tabela 38: <i>O Diabinho</i> , edição de 21 de setembro de 1888.....	124
Tabela 39: <i>O Diabinho</i> , edição de 16 de outubro de 1888.....	125
Tabela 40: <i>O Diabinho</i> , edição de 31 de outubro de 1888.....	126
Tabela 41: <i>O Diabinho</i> , edição de 6 de dezembro de 1888.....	127
Tabela 42: <i>O Diabinho</i> , edição de 1 de janeiro de 1889.....	128
Tabela 43: <i>O Diabinho</i> , edição de 28 de janeiro de 1889.....	129
Tabela 44: <i>O Diabinho</i> , edição de 15 de fevereiro de 1889.....	130
Tabela 45: <i>O Diabinho</i> , edição de 28 de fevereiro de 1889.....	131
Tabela 46: <i>O Diabinho</i> , edição de 16 de março de 1889.....	132
Tabela 47: <i>O Diabinho</i> , edição de 13 de abril de 1889.....	133
Tabela 48: <i>O Diabinho</i> , edição de 13 de maio de 1889.....	134
Tabela 49: <i>O Diabinho</i> , edição de 5 de junho de 1889.....	135

Tabela 1: *O Diabinho*, edição de 2 de novembro de 1884

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	17 ^a - 2/11/1884*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	23
Textos					
Título		Seção	Autor		
O Diabinho		O Diabinho	-		
Porto alegre		Noticiario	-		
Chegada		Noticiario	-		
Noticia Grata		Noticiario	-		
Carta 13		Critica	José Matraca		
Sciencias e artes		-	As fogueteiras		
Páu-via		-	-		
Plaza del toros		-	K. mello		
Theatro		-	-		
Misselanea		Misselanea	-		
Gatuno		-	Repporter-mirim		
Districto cabeça de boi		-	-		
Adresse		-	-		
Projecto n, 210		-	-		
Gatuno Assu		-	-		
Marianna		-	-		
Ramal Ouro-pretano e A Santa Casa		-	-		
Club Vinte e Um de April		-	-		
Telegramas		Telegramas	-		
Ao Fiscal		-	K.lado		
Vagabundos		-	As jaboticabas		

*Esta edição contém dois textos não titulados

Tabela 2: *O Diabinho*, edição de 22 de dezembro de 1884

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	1ª - 22/12/1884	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	22
Textos					
Título		Seção	Autor		
O Diabinho		O Diabinho	-		
Escola de Pharmacia		-	-		
Missellanêa (Carta 16ª)		Missellanêa	José Matraca		
Chapas do Diabinho		Chapas do Diabinho	-		
Caso Grave		Noticiário	-		
Vapor Vasconcellos		Noticiário	-		
Brigue Lemos		Noticiário	-		
Hyate Coromandel		Noticiário	-		
Notícia da Meia Noite		Noticiário	-		
Carta de uma namorada ao seo amante		-	Ella mesma		
Annaes		-	-		
Conferencia política na sacristia da capela da Igreja do Carmo		-	-		
Telegrama		Telegrama	-		
Outro		Outro	-		
Ordem das dores		A pedido	-		
Ao Dr.Mandragora para responder, querendo		-	Jusquiama		
Concurso de Pharamacia em Minas		-	Dr. Mandragora		
Devaneios Poéticos		-	Jarm		
A minha ela		-	H pito Já Nota		
Poesia Composta pelo Dr. Laurindo Rebello 7 dias antes de sua morte		-	-		
Estado de mercado		-	-		
Progresso do Boi da Manta		-	-		

Tabela 3: *O Diabinho*, edição de 1 de janeiro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	2ª- 1/1/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Filhos de Gutemberg;	-		-		
O Typographo	-		Do Democrata		
Missellanea (Carta 17ª)	Missellanea		José Matraca		
Devanear	-		K. Mello		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
Desastre	Noticiario		-		
Outro	Noticiario		-		
Importante notícia	Noticiario		-		
Theatro	Noticiario		-		
Notícia Grata	Noticiario		-		
Crítica	Crítica		O vidente		
Nhonho Rodriguinho	-		Jacuba do Boi da Manta		
Será possível?	-		-		
Declaração	-		-		
A pedido	A pedido		-		

Tabela 4: *O Diabinho*, edição de 23 de janeiro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	3ª- 23/1/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	24
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		K. mello		
Câmara Municipal	-		-		
Missellanaea (Carta 18ª)	Missellanaea		José Matraca		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
Obito	Noticiario		-		
Os estribos de São Jorge	Noticiario		Memorias de um condenado		
Novidade	Noticiario		-		
Flores de Baependy	Noticiario		-		
Poesias	Noticiario		-		
Dammo	Noticiario		-		
Muitos cães a um osso	Noticiario		-		
Plaza del toros	Noticiario		-		
Telegrama	Telegrama		-		
Outro	Outro		-		
Recado	Crítica		-		
Que espiga!	-		-		
Fogos	-		Memorias de um condenado		
Professor come il faul;	-		-		
A pedido	A pedido		Phonographo		
Ao 3º Distrito	-		Zenon P. A. Reis Freitas Drumond		
Dialogo	-		Memorias de um condenado		
Dr. Juiz de Capellas	-		Os irmãos		
Ponte Nova	-		Francisco Ferreira Trindade		

Tabela 5: *O Diabinho*, edição de 8 de fevereiro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	4ª - 8/2/1885*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	22
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-				
O Diabinho	O Diabinho				
Carnaval	-		K. mello		
Missellanaea (Carta 19ª)	Missellanaea		José Matraca		
Aos meo amigos do 1ºdistricto	Noticiário		-		
Memorias de um condenado	Noticiário		-		
Casamento	Noticiário		-		
Café das Flores	Noticiário		-		
Licença	Noticiário		-		
Almanak	Noticiário		-		
Grande passeata	Noticiário		-		
Rodriguinho dos meus pecados	-		Jacuba do Boi da Manta		
Notícias Marítimas	-		-		
Discurso	Crítica		-		
A câmara municipal	-		-		
Por falta de Presidente	-		-		
Telegrama	Telegrama		-		
Desta só lembra o Diabo!	-		-		
Ao public sensé	A pedido		Dr. Mandragore Porosité de La Jusquame		

* Esta edição contém três textos não titulados.

Tabela 6: *O Diabinho*, edição de 27 de fevereiro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	5ª - 27/2/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Carnaval			-	-	
Missellanea (Carta 20ª)			Missellanea	José Matraca	
Circular			Noticiario	carnaval	
Ao Sr, A. C			Noticiario	-	
Rabiscos a si			Noticiario	-	
Associação dos Careacas			Noticiario	-	
Liberdad			Noticiario	-	
Visita			Noticiario	-	
Uberaba			Noticiario	-	
Pergunta inocente			Noticiario	-	
Os 7 pecados mortaes da Província			Crítica	Do Precpetor	
Lacconismo			-	-	
A escravidão I			A Pedido	A. P. da Fonseca	
Mandragorices			-	-	
Atenção			-	-	

Tabela 7: *O Diabinho*, edição de 11 de março de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	6ª - 11/3/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Misselanea (Carta 21ª)			Misselanea	José Matraca	
Calçamento das ruas da Capital			Noticiario	-	
Eleição de Vereadores			Critica	-	
Misericórdia Senhor!			-	Osbenaventuardos	
Bando Precatorio			-	-	
Sr Procurador de Partes			-	-	
Marianna			A Pedido	K. Lado Junior	
Ponte Nova			-	Jose Feliciano Mayrink	
Marianna			-	K. Lado Junior	
Declaração			-	-	
Ultima Hora			-	-	
O Fagulha			-	-	
Pitanguy (Uma lágrima)			-	J Juads	
Semana do Sr. Iz.....			-	-	
Atenção			Annuncios	-	
Aguas Mineraes do Lambary			Annuncios	-	

Tabela 8: *O Diabinho*, edição de 21 de março de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	7ª - 21/3/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	13
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Missellanea (Carta 22ª)	Missellanea		José Matraca		
Pergunta	Noticia		-		
Grata noticia	Noticia		-		
Theatro	Critica		-		
Noticias Maritimas	Telegrammas		-		
Outro	Outro		-		
Questão Grammatical	-		K. Lado Junior		
Marianna	-		-		
Ao Publico	A pedido		Antônio Alves de Azevedo		
O Diabinho	Annuncios		-		
Aguas Mineraes do Lambary.	Annuncios		-		

Tabela 9: *O Diabinho*, edição de 1 de abril de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	8ª - 1/4/1885*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	Legíveis 17*
Textos					
Título		Seção	Autor		
Expediente		-	-		
O Diabinho		O Diabinho	-		
Questão 6 Grammatical		-	-		
Misselanea		Chapas do Diabinho	-		
O Sr. Delfino Bicalho		Noticiario	-		
Atraves de Aristarco		Critica	Asmodeo		
Trabalhadores Nocturnos		-	-		
Marianna		-	K. Lado Junior		
Promessa		-	-		
Carta 24		-	José Matraca		
Problemas		-	-		
Serviço Thelegrafico do Diabinho		-	-		
Confeitaria dos Santos		-	-		
Teremos nihilistas?		-	-		
Proposta		-	-		
O Diabinho		Annuncios	-		
Aguas Mineraes do Lambary		Annuncios	-		

*A página 3 da oitava edição está ilegível por isso não é possível determinar precisamente os números de textos.

Tabela 10: *O Diabinho*, edição de 17 de abril de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	9ª - 17/4/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Ao Publico			-	-	
Missellanea (Carta 24ª)			Missellanea	José Matraca	
Chapas do Diabinho			Chapas do Diabinho	-	
Enfeitos de Amores			Critica	-	
Aristarcho			-	Asmodeu	
Marianna (Bando Precatorio)			-	-	
Tollitur questio			-	K. Lado	
Obra Gigantesca			-	-	
Ih! Que aperto			-	Os primos J.C e P	
Ao Sr. Fiscal			-	-	
Fiscal			-	-	
O Diabinho			Annuncios	-	
Modista			Annuncios	-	
Marianna			Annuncios	-	
Atenção			Annuncios	-	
Aguas Mineraes do Lambarly			Annuncios	-	

Tabela 11: *O Diabinho*, edição de 3 de maio de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	10ª - 3/5/1885*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	Legíveis 15*
Textos					
Título		Seção		Autor	
Expediente		-		-	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Misselanea (Carta 25ª)		Misselanea		José Matraca	
Chapas do Diabinho		Chapas do Diabinho		-	
O Dr. Francisco Gil Castelo Branco		Noticiario		-	
Polícia		Noticiario		-	
Novo Levita		Noticiario		-	
Roubo		Noticiario		-	
Reclamação		Noticiario		-	
Concerto Musical		Noticiario		-	
A mim companheiros!		-		-	
Mutatus Mutandis		Critica		-	
Camara Municipal		-		-	
Emille Telles		-		-	
A Pedido		A Pedido		Boi da Manta	

*As páginas 1 e 4 da décima edição estão ilegíveis e não é possível determinar precisamente os números de textos.

Tabela 12: *O Diabinho*, edição de 12 de maio de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	11 ^a - 12/5/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Folhetim	-		Junior		
Misselanea (Carta 25 ^a)	Misselanea		José Matraca		
Cá em casa	Noticiario		-		
C.T.C	Noticiario		-		
Hosana	Critica		Jacuba do Boi da Manta		
Espectaculo Canino	-		Um espectador		
A Pedido	A Pedido		-		
Cidade Viçosa – Minas	-		-		
Os acontecimentos da Atualidade	-		-		
Carta Regia	-		-		
O Diabinho	Annuncios		-		
Procura-se	Annuncios		-		
Modista	Annuncios		-		
Marianna	Annuncios		-		
Atenção	Annuncios		-		
Aguas Mineraes do Lambarly	Annuncios		-		

Tabela 13: *O Diabinho*, edição de 21 de maio de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	12 ^a - 21/5/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Abolição dos Escravos			-	-	
Misselanea (Carta 26 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Chapas do Diabinho			Chapas do Diabinho	-	
Para a nossa estante			Noticiario	-	
Estatutos			Noticiario	-	
O Fim do Mundo está perto			Noticiario	-	
Club dos Cacetes			Noticiario	-	
Indicação			Critica	-	
A Lingua da Visinha			-	K. Lado	
Charada			-	-	
Ao Sr Conselheiro Affonso Celso			-	E. R. Mc	
O Diabinho			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Aguas Mineraes do Lambary			Annuncios	-	

Tabela 14: *O Diabinho*, edição de 16 de junho de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	13 ^a - 16/6/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
Mercado			O Diabinho	-	
Misselanea (Carta 28 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Chapas do Diabinho			Chapas do Diabinho	-	
Obito			Noticiario	-	
Outro			Noticiario	-	
Sociedade Predial			Noticiario	-	
Pobre S. Jorge			Crítica	K. mello	
Prevenção			-	-	
Forróbodó			-	Escadinha	
Regras do Mundo			-	-	
Sim ou Não?			A Pedido	Juvenal	
O Diabinho			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Modista			Annuncios	-	
Marianna			Annuncios	-	
Agua Minerale do Lambary			Annuncios	-	

Tabela 15: *O Diabinho*, edição de 2 de julho de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	14 ^a - 2/7/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	19
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
A Camara Municipal			-	-	
A Camara			-	K. Mello	
Missellanea (Carta 29 ^a)			Missellanea	José Matraca	
Folhetim			Folhetim	Junior	
Theatro			Noticiario	-	
Consortio			Noticiario	-	
Visita			Noticiario	-	
Mariannenses			Noticiario	-	
Vareda E (A princeza passarinha)			-	-	
Palaceada			Critica	-	
Boa Resposta			-	-	
Protesto			-	-	
Hotel Passa Bem			A Pedido	M. S. Santos Passa-bem	
O Diabinho			Annuncios	-	
Marianna			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Modista			Annuncios	-	

Tabela 16: *O Diabinho*, edição de 15 de julho de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	15ª - 15/7/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	9
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Sempre a Camara			-	-	
Misselanea (Carta 30ª)			Misselanea	José Matraca	
Noticiario			Noticiario	-	
Literatuta			-	-	
A princesa passarinha			Variedade	Catulle Mendes	
Chapas do Diabinho			Critica	-	
Caceteação			-	-	

Tabela 17: *O Diabinho*, edição de 27 de julho de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	16ª - 27/7/1885*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	19
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Pena de Talião			-	-	
Misselanea (Carta 31ª)			Misselanea	José Matraca	
Folhetim			Folhetim	Junior	
Philarmónica			Noticiário	-	
O Tapa- vento da Matriz			Noticiário	-	
Recebemos			Noticiário	-	
Correio			Crítica	-	
Serviço Telegraphico			-	-	
Um achado			-	K. Lado	
Aviso			-	Um apreciador dos beocios	
Um abolicionista manqué			-	A escola modelo	
Attendite			-	Xixico	
Oh! Que boa idéa			-	-	
Triolét			-	-	
Atenção!			Annuncios	-	

*Esta edição contém dois textos não titulados.

Tabela 18: *O Diabinho*, edição de 5 de agosto de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	17 ^a - 5/8/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	21
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Misselanea (Carta 31 ^a)	Misselanea		José Matraca		
Brasileiro distincto	Noticiario		-		
Visita	Noticiario		-		
La France	Noticiario		-		
Publicação Util	Noticiario		-		
Literatura	-		-		
Chapas do Diabinho	Critica		-		
Marianna	-		K. tenda		
Bilhete Postal	-		Asmoedo		
Caceteação	-		-		
Quem de tudo quer saber	-		-		
Marianna	-		-		
Ultima Hora	-		-		
Attendite	-		Xixico		
O Diabinho	Annuncios		-		
Aviso	Annuncios		-		
Outro	Outro		-		
Atenção	Annuncios		-		
Modista	Annuncios		-		

Tabela 19: *O Diabinho*, edição de 19 de agosto de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	18 ^a - 19/8/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Misselanea (Carta 32 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Noticiario			Noticiario	-	
Literatura			-	-	
Chapas do Diabinho			Crítica	-	
Marianna			-	-	
Abaixo Agravata			-	-	
Mercado			-	-	
Como eles se amavão!			-	Dom Quixote	
???			-	-	
A Pedido			A Pedido	-	
Bier of Kremer			Annuncios	-	
Casacas			Annuncios	-	
Chapéos			Annuncios	-	
O Diabinho			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Modista			Annuncios	-	

Tabela 20: *O Diabinho*, edição de 4 de setembro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	19 ^a - 4/9/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	22
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Misselanea (Carta 32 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Noticiario			Noticiario	-	
Carta Achada			-	-	
Leia e Calle-se			-	-	
Chapas do Diabinho			Critica	-	
Serviço Telegraphico			-	-	
Aurora ou Crepúsculo			-	Caroba e Manacá	
Vaga de Vereadores			-	-	
Literatura			-	-	
Petição			A Pedidos	-	
Confidencia			-	F. P. S	
Edital			-	-	
Ultima Hora			-	-	
O Diabinho			Annuncios	-	
Bier of Kremer			Annuncios	-	
Casacas			Annuncios	-	
???			Annuncios	-	
Chapéos			Annuncios	-	
Atenção!			Annuncios	-	
Modista			Annuncios	-	

Tabela 21: *O Diabinho*, edição de 19 de setembro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	20ª - 19/9/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	12
Textos					
Título		Seção		Autor	
Expediente		-		-	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Misselanea (Carta 36ª)		Misselanea		José Matraca	
Literatura		-		-	
O Vinte de Agosto		Noticiario		-	
Chapas de O Diabinho		Critica		-	
Secção Oficial		-		-	
Serviço Telegraphico		-		K. Lado Junior	
Actas da Salinha		-		-	
Segundo Concerto da Philharmonia Ouro-Pretana		-		Junior	
Indicação do Camarista		-		O Flautim Reformado	
Ao Patusco		Anuncios		-	

Tabela 22: *O Diabinho*, edição de 3 de outubro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	21 ^a - 3/10/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	14
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Missellanea (Carta 37 ^a)			Missellanea	José Matraca	
Literatura			-	-	
O Sr. Comendador Xavier da Veiga			Noticiario	-	
Visita			Noticiario	-	
Casas de tavolagem			Noticiario	-	
Circos das Variedades			Noticiario	-	
Imprensa			Noticiario	-	
Vinte de Agosto			Noticiario	-	
Chapas do Diabinho			Critica	-	
Secção Official			-	-	
Negocios da Igreja de S. de Francisco de Assis			-	K. Lado	
Actas da Salinha			-	-	

Tabela 23: *O Diabinho*, edição de 16 de outubro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	22ª - 16/10/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Missellanea (Carta 38ª)			Missellanea	José Matraca	
Os celebres n° %			Noticiario	-	
Chapas do Diabinho			Critica	-	
Secção Oficial			-	-	
Sessão do dia 27 de Setembro na Salinha			-	-	
Deo Grathias			-	-	
Anachronismo			-	-	
Conservaro Dirigentes?			-	Immundicia	
Mano Zé -Trais - os Montes – Setembro de 1888			-	Antonio	
Eleição Municipal			-	-	
A Pedidos			A Pedidos	-	
Ao eleitorado d'este Município			-	José Pereira da Fonseca	
Minas			-	-	
Edital (Vaga de capellão)			-	O Bocayuba	

Tabela 24: *O Diabinho*, edição de 5 de novembro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	23 ^a - 5/11/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Missellanea (Carta 39 ^a)			Missellanea	José Matraca	
Sem reticencias			Critica	-	
Secção Oficial			-	-	
Macaco que se meche quer chumbo			-	-	
A ponte do Funil			-	-	
Lyeco Mineiro			-	Arelino Junior	
O Sr. B. de Macaúbas			-	-	
Circo Equestre			-	K. Mêllo	
Si vero est fama			-	Tableau	
O Exm. Sr. Dr. Portella			Noticiario	-	
O Dr. Franklin Washigton			Noticiario	-	
Paulo Serino			Noticiario	-	
De mala as costas			Noticiario	-	
Consta-nos			Noticiario	-	
Marianna			A Pedido	O Maquiné	
Caveira de Burro			-	-	

Tabela 25: *O Diabinho*, edição de 22 de novembro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	24ª - 22/11/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	13
Textos					
Título		Seção		Autor	
Expediente		-		-	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Eleição Municipal		-		-	
Misselanea (Carta 40ª)		Misselanea		José Matraca	
Folhetim		Folhetim		Junio	
O contemporaneo		Noticiario		-	
De relance		Noticiario		-	
O T. Bibiano Ruas		Noticiario		-	
O Dr. Cesarino Ribeiro		Noticiario		-	
Chapas do Diabinho		Critica		-	
Secção Oficial		-		-	
A Ponte do Funil		-		-	
Pedido e Resposta		-		-	

Tabela 26: *O Diabinho*, edição de 12 de dezembro de 1885

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	25ª – 12/12/1885	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	23
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Missellanea (Carta 41ª)			Missellanea	José Matraca	
Horacio Andrade			Noticiario	-	
Consortio			Noticiario	-	
Um embusteiro			Noticiario	-	
Companhia de Aprendizes Militares			Noticiario	-	
Instrução Publica			Critica	-	
Secção Official			-	-	
Fiat Lux			-	-	
Conservare digneris			-	-	
Festa da Conceição			-	-	
Perfil á carvão de um typão			-	Asmoedo	
Meo Rodriguinho			-	Jacuba do Boi da Manta	
Variedade			-	Lord Leumas	
Anedocta			-	-	
A Pedidos			A Pedidos	-	
Espancamento			-	-	
O Diabinho			Annuncios	-	
Para sciencia de todos			-	-	
Convite			-	-	
Professor			-	-	
Sabão Russo			-	-	

Tabela 27: *O Diabinho*, edição de 27 de março de 1886

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	7ª - 27/3/1886	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	20
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
O Carnaval			-	-	
Misselanea (Carta 48ª)			Misselanea	José Matraca	
O Liberal Mineiro			Noticiario	-	
Francisco Amaral			Noticiario	-	
Concertos			Noticiario	-	
Imprensa			Noticiario	-	
Policia			Noticiario	-	
Grata noticia			Noticiario	-	
Isclas e chispas			-	K. P. tinha	
Reunião-assú			Critica	Pedro, o grande (estatua)	
Serviço Telegraphico			-	-	
Encanamento do Rosario			-	-	
O Diabinho			Annuncios	-	
Sanguesugas			Annuncios	-	
Album Musical			Annuncios	-	
Aviso Necessario			Annuncios	-	
Para a sciencia de todos			Annuncios	-	
Atenção			Annuncios	Antonio A. de Oliveira	

Tabela 28: *O Diabinho*, edição de 20 de setembro de 1886

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	17 ^a - 20/9/1886	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	7
Textos					
Título		Seção		Autor	
Festa Industrial em Juiz de Fora		-		-	
O Diabinho		O Diabinho		A.C.B	
Terceiro Roubo		Noticiario		-	
Calçamento		Noticiario		-	
Imprensa		Noticiario		-	
O Dr. Lemos		Noticiario		-	
A Salinha e seus lycurquinhos		Critica		-	

Tabela 29: O Diabinho, edição de 25 de maio de 1887

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	6ª - 25/5/1887	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	15
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Iluminação publica			Noticiario	-	
Colonia Pastoral			-	-	
Camara			-	-	
Em 24 horas			-	-	
Obras Publicas			-	-	
Faser exame sem saber			Critica	-	
Eleição Seratorial			-	O Zé K. lunga	
Theatro			-	-	
Piparotes			-	-	
Procuratarios			Annuncios	-	
Animal Sumido			Annuncios	-	
Ao visinho guerreiro da sorte			Annuncios	Affonso José de Oliveira	
Album Musical			Annuncios	-	
Expediente			-	-	

Tabela 30: *O Diabinho*, edição de 26 de junho de 1887

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	4ª - 26/6/1887	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	11
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	A.C.B	
Misselanea (Carta 66ª)			Misselanea	José Matraca	
Piparotes			-	-	
Chapas do Diabinho			Critica	-	
Theatro			-	K. lado	
Ponte do Funil			-	K. mello	
Jose Lino Fleming			-	-	
Procuratarios			Annuncios	-	
Procuratarios			Annuncios	Affonso José de Oliveira	
Pharmacia Brandão			Annuncios	-	

Tabela 31: *O Diabinho*, edição de 5 de setembro de 1887

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	9ª - 5/9/1887	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	18
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
O Dr. Bernardo Monteiro	Noticiario		-		
Consociarão	Noticiario		-		
These	Noticiario		-		
Pesames	Noticiario		-		
Engenho Central do Piiranga	Noticiario		-		
Folheto	Noticiario		-		
Presente	Noticiario		-		
Gatunice	Noticiario		-		
Misselanea (Carta 66ª)	Misselanea		José Matraca		
Abolição na capital	-		Carlos B. Peixoto		
Ponte do Funil	Critica		-		
Serviço Telegraphico	-		-		
Echos da Salinha	-		-		
Echos esparsos	-		K. Iustro		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
Requerimento	-		Mané Clama em Vão		

Tabela 32: *O Diabinho*, edição de 12 de outubro de 1887

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	10ª - 12/10/1887	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	15
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Para onde caminhamos?			-	-	
Misselanea (Carta 68ª)			Misselanea	José Matraca	
Dr. Lucinda Veloso			Noticiario	-	
Nova Padaria			Noticiario	-	
Açougue			Noticiario	-	
Theatro			Noticiario	-	
Gatunice			Noticiario	-	
Morta!			Critica	-	
João Mauricio & Cª.			-	-	
O Portella foi p'ra rua			-	-	
E			Cartas enpideneas	A	
I			Cartas enpideneas	K	
???			Cartas enpideneas	Z	

Tabela 33: *O Diabinho*, edição de 19 de maio de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	2ª - 19/5/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	14
Textos					
Título	Seção		Autor		
Serviço Telegraphico	-		Minas Altiua		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Sero Venientibus	-		-		
Misselanea (Carta 2ª)	Misselanea		José Matraca		
Freguezia do Antonio Dias	Noticiario		-		
O Dr. Matheus Brandão	Noticiario		-		
O Diabinho	Noticiario		-		
13 de Maio	Noticiario		-		
A União Escolastica	Noticiario		-		
Parolices	Critica		-		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
A inspectoria geral da instrucção publica	-		-		
Literatura	-		C		
Manifesto	A Pedido		A Chaleira		

Tabela 34: *O Diabinho*, edição de 6 de junho de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	3ª - 6/6/1888*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
Serviço Telegraphico	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Misselanea (Carta 3ª)	Misselanea		José Matraca		
Os licurginhos	Critica		-		
Parolices	-		K C. Rola		
O Cangere	-		K lado		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
Fallecimento	Noticiario		-		
Assemblea Provincial	Noticiario		-		
Mais um tricolor	Noticiario		-		
Freguesia de Antonio Dias	Noticiario		-		
O Papagaio	Noticiario		-		
O Diabinho	Noticiario		-		
1ª Districto	Noticiario		-		
Ultima hora	Noticiario		-		

*Esta edição contém um texto não titulado.

Tabela 35: *O Diabinho*, edição de 29 de junho de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	4ª - 29/6/1888	Nº de páginas:	6	Nº de textos:	17
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
Serviço Telegraphico			-	Xico Braz	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Festejos			Noticiario	-	
Mimo			-	-	
Trese de Maio			-	-	
O Diabinho			-	-	
Presente			-	-	
Freguesia de Antonio Dias			-	-	
Visita			-	-	
Misselanea (Carta 4ª)			Misselanea	José Matraca	
Cangere (Comedia em 3 actos e 2 quadros)			-	Caré O Panno	
Banquete Politico			Critica	K. Lado	
Ao Jovem Normalista			-	-	
Theatro			-	-	
Barão de (?)			-	Camões do Leonel	
Chapas do Diabinho			Chapas do Diabinho	-	

Tabela 36: *O Diabinho*, edição de 13 de agosto de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	6ª - 13/8/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título	Seção		Autor		
Expediente	-		-		
Serviço Telegraphico	-		-		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Misselanea (Carta 6ª)	Misselanea		José Matraca		
Escolas Publicas	Noticiario		-		
Jogatina	Noticiario		-		
Diario de Minas	Noticiario		-		
O Pylampo	Noticiario		-		
A Folha Sabarense	Noticiario		-		
Pilula Doirada	Critica		-		
Aos Corvos do Levante	-		-		
Chapas do Diabinho	Chapas do Diabinho		-		
P....	Literatura		C.		
No Leito	Literatura		C. S. A. B		
Reclamação	A Pedidos		Um prejudicado		
Antonio Pereira	A Pedidos		-		
Folhetim	Folhetim		K. lado		

Tabela 37: *O Diabinho*, edição de 24 de agosto de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	7ª - 24/8/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	14
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
Serviço Telegraphico			-	Chico Braz	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Folhetim			Folhetim	K. Lado	
Misselanea (Carta 7ª)			Misselanea	José Matraca	
Licores de frutos brasileiros			Noticiario	-	
A Idea Moderna			Noticiario	-	
Beliscos e Rimas			Critica	-	
Sessão Parlamentar			-	-	
Adeus da Salinha			-	-	
Bendego Assu			-	-	
Atraves de um pince nez			-	M	
Chapas do Diabinho			Chapas do Diabinho	-	
Pintor e Dourador			Annuncios	-	

Tabela 38: *O Diabinho*, edição de 21 de setembro de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	8ª - 21/9/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
Expediente			-	-	
Serviço Telegraphico			-	-	
Telegrammas			Telegrammas	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Folhetim			Folhetim	K. lado	
Inauguração do Ramal de Ouro Preto			-	-	
E com a câmara			-	-	
Consoiciaram-se			Noticiario	-	
Relatorio			Noticiario	-	
O Diabinho			Noticiario	-	
Misselanea (Carta 8ª)			Misselanea	José Matraca	
Ainda há cavera?			Critica	-	
Melhoramento da Capital			-	K. Mello	
Echos			-	O exilado	
Piparotes			-	-	
Annuncios			Annuncios	-	

Tabela 39: *O Diabinho*, edição de 16 de outubro de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	9ª - 16/10/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Folhetim			Folhetim	K. lado	
O Motivo			-	-	
Negocios da Cidade			-	-	
Misselanea (Carta 9ª)			Misselanea	José Matraca	
Hotel Martineli			Noticiario	-	
Residencia			Noticiario	-	
Sonetos e Quadras			Noticiario	-	
Evangelina			Noticiario	-	
Literatura			Noticiario	-	
Barbearia			Noticiario	-	
Obituario			Noticiario	-	
Echos			Critica	O Exilado	
Piparotes			-	-	
Theatro			-	K. Mello	
Evangelina			Annuncios		

Tabela 40: *O Diabinho*, edição de 31 de outubro de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	10ª - 31/10/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Clube Musical João da Matta			Noticiario	-	
Novo aparelho cirúrgico			Noticiario	-	
Cemiterio Publico			Noticiario	-	
Viação Urbana			Noticiario	-	
O Liberal Mineral			Noticiario	-	
Misselanea (Carta 10ª)			Misselanea	José Matraca	
Como é tolo			Critica	K. Mello	
Theatro			-	K. P. Tinha	
Echos			-	O Exilado	
A Pedido			A Pedido	Antonia Urubu	
Salão de Barbeiro e Cabelleireiro			Annuncios	-	
Evangelina			Annuncios	-	
Achou-se			Annuncios	-	
Pintor e Dourador			Annuncios	-	
Expediente			-	-	

Tabela 41: *O Diabinho*, edição de 6 de dezembro de 1888

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	11 ^a - 6/12/1888	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	16
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Misselanea (Carta 11 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Folhetim			Folhetim	-	
Acha-se			Noticiario	-	
Promptuario Policial			Noticiario	-	
Exame			Noticiario	-	
Outro			Noticiario	-	
Como é tolo			Critica	K. Mello	
Trapiche Pilherico			-	-	
Echos			-	O Exilado	
Correspondencia			-	-	
E construção			Annuncios	-	
Evangelina			Annuncios	-	
Salão de Barbeiro e Cabelleireiro			Annuncios	-	
Achou-se			Annuncios	-	
Expediente			-	-	

Tabela 42: *O Diabinho*, edição de 1 de janeiro de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	12ª - 1/1/1889	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	14
Textos					
Título		Seção		Autor	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Folhetim		Folhetim		-	
Um pouco de patriotismo		-		-	
Novo Governador		-		-	
Misselanea (Carta 12ª)		Misselanea		José Matraca	
Chegada		Noticiario		-	
Recebemos		-		-	
Os Heroes		-		-	
O Raio		-		-	
Visita		-		-	
Obito		-		-	
Parolices		Critica		K. lado	
Echos		-		O exilado	
Expediente		-		-	

Tabela 43: *O Diabinho*, edição de 28 de janeiro de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	13ª - 28/1/1889	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	13
Textos					
Título		Seção		Autor	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Misselanea (Carta 13ª)		Misselanea		José Matraca	
Revista Escolar		Noticiario		-	
Obito		Noticiario		-	
Parolices Registro Civil		Critica		K P.inha	
Echos		-		O Exilado	
Correspondencia (Marianna)		-		O Dono da Venda da Ponte	
Philologia		Literatura		-	
Sintaxe e Construção da Lingua Portugueza por Thomaz da Silva Brandão		Annuncios		-	
Evangelina de Henry Wadsworth Longfellow		Annuncios		-	
Salão de Barbeiro e Cabelleireiro		Annuncios		-	
Folhetim		Folhetim		K lado	
Expediente		-		-	

Tabela 44: *O Diabinho*, edição de 15 de fevereiro de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	14 ^a - 15/2/1889	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	12
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Consumatun Est			-	-	
Folhetim			Folhetim	-	
A Provincia Lesada			-	-	
Coincidencia Notavel			Noticiario	-	
Santa Casa de Misericordia			Noticiario	-	
Ferro Caril Ouro-Pretano			Noticiario	-	
Misselanea (Carta 14 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Beliscos e Beliscoes			Critica	K. lado	
Literatura			-	Dr. A de Castro Lopes	
A Camara			A Pedido	O Papagaio	
Expediente			-	-	

Tabela 45: *O Diabinho*, edição de 28 de fevereiro de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	15ª - 28/2/1889	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	14
Textos					
Título		Seção		Autor	
O Diabinho		O Diabinho		-	
Carnaval		-		-	
Folhetim		Folhetim		-	
Obito		Noticiario		-	
Pesames		Noticiario		-	
Pesames		Noticiario		-	
Lyceo de Artes e Officio		Noticiario		-	
Misselanea (Carta 15ª)		Misselanea		José Matraca	
Echos		Critica		O Exilado	
Carta		-		Juca agachado	
Ultima Hora Telegramma		-		Um que não come na gaveta	
Agradecimento		A Pedido		Luiz Leopoldo Laranja	
Edital (Lyceo de Artes e Officios)		-		O 1º Secretario Antonio Carlos Gregorio];	
Expediente		-		-	

Tabela 46: *O Diabinho*, edição de 16 de março de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	16ª - 16/3/1889*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	31
Textos					
Título		Seção	Autor		
O Diabinho		O Diabinho	-		
Chamuscos		-	-		
Golpes nos Costumes		-	Pimenta		
Cemiterio Publico		-	H. Pito		
Dia 4 Tesouradas		-	-		
Teusorinha (Opinião Publica)		-	-		
Chamuscos		-	-		
Dia 5 Teusoaradas		-	-		
Tiro ao Alvo		Noticiario	-		
Tecido Mineiro		Noticiario	-		
Espiga		Noticiario	-		
Fundição de Sino		Noticiario	-		
Revista Escolar		Noticiario	-		
Livro das Flores		Noticiario	-		
Crise Ministerial		Noticiario	-		
Camara Municipal		Noticiario	-		
Suicidio		Noticiario	-		
Maison Moderne		Noticiario	-		
Lesão Enorme		Noticiario	-		
Scenas da Noite		Noticiario	-		
Salsa de Holanda		Noticiario	-		
A nossa folha		Noticiario	-		
Naufragio		Noticiario	-		
Bazar		Noticiario	-		
Misselanea (Carta 16ª)		Misselanea	José Matraca		
Diretoria da Fazenda		Critica	-		
O Mariannense		-	-		
Poetices		-	Po E Tasso		
Endoenças		A Pedido	-		
Expediente		-	-		

*Esta edição contém um texto não titulado.

Tabela 47: *O Diabinho*, edição de 13 de abril de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	17ª - 13/4/1889*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título			Seção	Autor	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Consortio			Noticiario	-	
Conselheiro Sant'anna			Noticiario	-	
Statd Coblantz			Noticiario	-	
Lovo Vaiado			Noticiario	-	
Panorama			Noticiario	-	
Lyceo de artes e officios			Noticiario	-	
Imprensa			Noticiario	-	
Misselanea (Carta 13ª)			Misselanea	José Matraca	
Poetices			Critica	Po. E. Tasso	
Marianna			-	-	
Agua			-	-	
Salão Democrata Barbeiro e Cabelleireiro			Annuncios	-	
Sintaxe e Construcção da Lingua Portugueza por Thomaz da Silva Brandão			Annuncios	-	
Folhetim			Folhetim	-	
Expediente			-	-	

*Esta edição contém um texto não titulado.

Tabela 48: *O Diabinho*, edição de 13 de maio de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	18 ^a - 13/5/1889	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	15
Textos					
Título			Seção	Autor	
Aos nossos assinantes			-	-	
O Diabinho			O Diabinho	-	
Treze de Maio			-	-	
Folhetim			Folhetim	-	
Tempos Loynos			-	-	
Francisco Lana			-	A. C. P	
Misselanea (Carta 18 ^a)			Misselanea	José Matraca	
Consortio			Noticiario	-	
Relatorio			Noticiario	-	
Anjos			Noticiario	-	
Communhão dos Presos			Noticiario	-	
Obito			Noticiario	-	
Critica			Critica	Sebastiao Penna da Camara - Do Treze de Maio	
Objeto Perdido			-	-	
Expediente			-	-	

Tabela 49: *O Diabinho*, edição de 5 de junho de 1889

O Diabinho - Ficha descritiva					
Edição:	19ª - 5/6/1889*	Nº de páginas:	4	Nº de textos:	17
Textos					
Título	Seção		Autor		
O Diabinho	O Diabinho		-		
Familia Imperial	-		-		
Eleições Politicas	-		-		
Tranquilidade Publica	-		-		
Folhetim	Folhetim		-		
Fazenda Provincial	-		-		
Instrução Publica	-		-		
Imigração	-		-		
Conclusão	-		-		
Parlatorio Provincial	-		-		
A Mixordia	-		-		
Misselanea (Carta 19ª)	Misselanea		José Matraca		
Serviço Telegraphico	Critica		-		
Duas lagrimas no tumulo de Francisco de Paula Lana	A Pedido		A. Maximo		
Expediente	-		-		

*Esta edição contém dois textos não titulados.